

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

RAFAEL ALBERTO ALVES DOS SANTOS

**A voz do Papa Francisco:
Um *ethos* e um campo de presença**

Versão corrigida
São Paulo
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

RAFAEL ALBERTO ALVES DOS SANTOS

**A voz do Papa Francisco:
Um *ethos* e um campo de presença**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito para a obtenção do título de Doutor em Letras, no Programa Semiótica e Linguística Geral.

Área de concentração: Semiótica e linguística Geral
Orientadora: Prof^a. Dra. Norma Discini de Campos

Versão corrigida
São Paulo
2023

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Rafael Alberto Alves dos Santos****Data da defesa: 09/10/2023****Nome do Prof. (a) orientador (a): Norma Discini de Campos**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 07/12/2023



Norma Discini

Professora Sênior do Programa de Pós-Graduação de Linguística

Universidade de São Paulo

(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A474v Alves, Rafael Alberto
 A voz do Papa Francisco: um ethos e um campo de
 presença / Rafael Alberto Alves; orientadora Norma
 Discini - São Paulo, 2023.
 175 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Linguística. Área de concentração:
Semiótica e Linguística Geral.

1. Semiótica. 2. Sociosemiótica. 3. Semiótica
tensiva. 4. Ethos. 5. Papa Francisco. I. Discini,
Norma , orient. II. Título.

Nome: ALVES, Rafael Alberto dos Santos

Título: A voz do Papa Francisco – um *ethos* e um campo de presença

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Semiótica e Linguística Geral.

Aprovada em: 9 de outubro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

Julgamento: APROVADO

Prof. Dr. José Américo Bezerra Saraiva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Julgamento: APROVADO

Profa. Dra. Renata Ciampone Mancini
Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: APROVADO

Profa. Dra. Norma Discini de Campos
Universidade de São Paulo (USP)

ORIENTADORA

Presidente da banca examinadora

Aos meus pais, Sueli e Paulo
(*in memoriam*),
sempre presentes

Tornar-me doutor!

Engana-se quem acredita que o doutorado é uma conquista individual. O trabalho de pesquisa acadêmica tem seus momentos de exigência solitária, mas o doutorado enquanto processo é um trabalho coletivo, sustentado por muitas mãos. Só assim explica-se que ele seja possível, apesar de todos os pesares.

Mais do que cumprir o protocolo de agradecer, quero que este seja um espaço para celebrar as vidas de tantos que, me sustentando de diferentes modos, tornaram o meu doutorado uma realidade possível.

À minha vó Laura e ao meu companheiro de jornada Douglas, pessoas a quem devo muito pela paciência que tiveram para me suportar quando a exaustão da pesquisa era uma tentação para desistir de tudo. Sou especialmente grato a eles por garantirem que a casa seguisse sendo um lar nas minhas muitas ausências presentes.

À professora Ana Claudia de Oliveira, minha orientadora de mestrado na PUC-SP, a quem devo o brilho no olhar quando falo e ouço falar em semiótica. E aos colegas do Centro de Pesquisas Sociossemióticas (CPS), que me ensinam que a pesquisa coletiva, validada por pares, é o caminho para a construção de uma disciplina com vocação científica, mas também engajada social e politicamente!

A Eric Landowski, que propôs a sociossemiótica para descrever a produção do sentido nas interações humanas, sempre arriscadas. A ele devo o cuidado de se dispor a ler e debater comigo uma parte significativa dos pressupostos teóricos desta tese!

À Micaela Altamirano, Alef James e Joyce Lopes, que foram ouvidos quando eu precisava reclamar da vida acadêmica. Eles não imaginam o quanto me ajudavam ao responder minhas mensagens de lamentações, não importando o horário. E à Ana Noronha e Eduardo Prachedes que, em português ou inglês, contribuíram para que a tese não fugisse muito dos padrões exigidos.

Aos amigos do Grupo de Estudos Semióticos da USP (GES-USP), em especial aos professores Ivã Carlos Lopes, Waldir Bevidas e Eliane Soares, fundamentais para eu me sentir parte da família USP.

A Henrique Riguetto, amigo responsável por me apresentar à educação básica, um novo amor apaixonante. E aos amigos da Escola Estadual Professor Joaquim

Braga de Paula, onde mais aprendo do que ensino. Gratidão especial aos amigos da gestão, Gabriela, Marco Antonio e Lilian Caravajido, que foram especialmente compreensíveis com minhas necessidades de faltas e horários flexíveis na reta final do doutorado.

Aos amigos Ellen Fernandes, Marcia Marques, Magnus Regis, Franklin Machado, Patrícia Luz e Gabriela Misael, que, de perto e de longe, ajudam a manter a alegria de viver.

À Renata Mancini e Américo Saraiva, minha banca de qualificação, que tanto contribuíram intelectualmente para a construção deste trabalho! A eles devo muito do ainda pouco que aprendi de semiótica tensiva. E a Alexandre Bueno, que se junta à banca examinadora, com quem aprendi os conceitos mais elementares da semiótica greimasiana.

Finalmente, à Norma Discini, orientadora desta pesquisa. Por sua rigidez teórico-metodológica, sempre acompanhada de ternura e gentileza. Norma orienta com pulso firme e sorriso largo. O entusiasmo dela contagia e nos coloca em movimento!

O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Tudo são trechos que escuto vêm dela
Pois minha mãe é minha voz
Caetano Veloso

RESUMO

ALVES, Rafael Alberto dos Santos. **A voz do Papa Francisco: um *ethos* e um campo de presença**. 2023. Tese (Doutorado em Linguística Geral e Semiótica – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP), São Paulo, 2023.

A tese propõe uma articulação entre os aparatos metodológicos da semiótica tensiva (ZILBERBERG, 2011) e os da sociossemiótica (LANDOWSKI, 2014), muitas vezes percebidas como antagônicas nas práticas da pesquisa acadêmica, para compreender a presença do Papa Francisco no mundo. Partimos da noção de presença, semioticamente pensada, projetada como um efeito de identidade construído ao longo dos textos em que o Papa é o enunciador que, segundo nossa hipótese, define-se como sujeito “contagante”, logo como uma presença “contagiosa” (LANDOWSKI, 2005). O efeito de identidade será apreensível por meio da observação tanto do corpo “literal” do primeiro pontífice latino-americano, quanto do corpo como imagem de quem diz, dada por um modo recorrente de dizer, e que emerge dos discursos que ele produz. Para tanto, recortamos um *corpus* com variedade de gêneros, cotejando discursos oficiais, falas espontâneas e postagens do perfil do Papa nas redes sociais. Vislumbramos o corpo de Francisco como *ethos* (DISCINI, 2015) que se depreende a partir da articulação dos elementos de todos os níveis do percurso gerativo do sentido (GREIMAS e COURTES, 2016). Tanto semiótica tensiva quanto sociossemiótica nascem a partir do desafio de integrar o sensível no interior dessa semiótica de perspectiva greimasiana. Com a convocação do sensível, abre-se espaço para o contínuo, que aparece tanto nos deslizes ou movimentos do sentido projetados na elipse dos regimes de interação e risco da sociossemiótica, quanto na oscilação entre a intensidade do sentir e a extensidade das coisas do mundo impressas no gráfico tensivo. Partimos de um ponto de vista essencialmente sociossemiótico a fim de propor a integração entre as noções de *cifras tensivas* (ZILBERBERG, 2011) e elipse das interações (LANDOWSKI, 2014). Apesar de prever a gradação entre os quatro regimes de interação (programação, acidente, manipulação e ajustamento) desde que foi proposta, substituindo por linhas curvas os ângulos retos do quadrado semiótico, a elipse ainda desafia a dinâmica da vida, inapreensível em categorias estanques. A descrição das passagens entre os regimes de interação segue sendo um desafio metodológico, ainda que pesquisas recentes tenham proposto algumas soluções parciais. Partindo dessa lacuna, propomos usar as “sílabas tensivas” (mais e menos) e as categorias aspectuais (minimização, atenuação, restabelecimento e recrudescimento) para descrever o intervalo entre os regimes de interação, compreendendo que cada regime é o ponto de concentração do princípio que o regula. Isso quer dizer que, como já está pressuposto na sociossemiótica, entre o regime da programação e o do acidente há um acréscimo do risco envolvido – enquanto aquele tem um risco quase zero, este está aberto ao risco total. Sendo assim, a tese propõe que as direções tensivas (TATIT, 2019) sejam usadas como medidas de impacto para descrever os movimentos na elipse.

Palavras-chave: Sociossemiótica. Semiótica Tensiva. Ethos. Voz. Campo de presença. Papa Francisco.

ABSTRACT

ALVES, Rafael Alberto dos Santos. **The voice of Pope Francis: an *ethos* and a presence field**. 2023. Tese (Doutorado em Linguística Geral e Semiótica – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo/USP), São Paulo, 2023.

This research aims to articulate the methodological approaches of tensive semiotics (ZILBERBERG, 2011) and those of sociosemiotics (LANDOWSKI, 2014), which are frequently considered to be antagonistic in the practices of academic research, with the purposes of understanding Pope Francis presence in the world. We start with the concept of presence, conceived semiotically, as an identity effect constituted throughout the texts in which the Pope is the enunciator who – according to our hypothesis – is defined as a “contagious” subject, therefore as a “contagious” presence (LANDOWSKI, 2005). The identity effect is inferred by observing both the “literal” body of the first Latin-American pontiff, as well as the body as the image of the person who talks, being said image given by a recurrent way of talking, and which emerges from the discourses that he produces. For this purpose, the corpus has been chosen with a range of genres, comparing official speeches, spontaneous speaking, and posts from the Pope profile in social media. We see Francis body as the *ethos* (DISCINI, 2015) recognized through the articulation of elements of every level of the meaning generative process (GREIMAS e COURTES, 2016). Both tensive semiotics and sociosemiotics are born from the attempt of integrating the sensible in the greimassian semiotics. This sensible summoning gives rise to addressing the continuity, which appears in the signification slip-ups or movements projected in the ellipsis of the sociosemiotics regimes of interaction and risk, as well as the oscillation between the intensity of feeling and the extensity of things of the world represented in the tensive graphic. We start from a point of view essentially sociosemiotic in order to propose the integration between the concepts of *tensive figures* (ZILBERBERG, 2011) and the ellipsis of the interactions (LANDOWSKI, 2014). Although, from its very first proposition, the ellipsis provides for gradation between each of the four regimes of interaction (programming, accident, manipulation, and adjustment), replacing the straight angles of the semiotic square by curved lines, the ellipsis still defies life dynamics, inapprehensible in stagnating categories. The description of transitions between the regimes of interaction is still a methodological complication, even though recent researches have proposed partial solutions. Based on this gap, we propose the use of “tensive syllables” (that is, *more* and *less*) and the aspectual categories (minimization, attenuation, recrudescence, and reinforcement) to describe the range between the regimes of interaction, with the understanding that each regime is the focal point of the principle that regulates it. This means that, as already presupposed by sociosemiotics, between the programming and the accident regimes, there is an increase of the risk entailed – while the former has a near-zero risk, the latter is open to total risk. Therefore, we hereby propose that the tensive directions (TATIT, 2019) be used as impact measurements to describe the movements in ellipsis.

Keywords: Sociosemiotics. Tensive Semiotics. Ethos. Voice. Presence field. Pope Francis.

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Figura 1 – Elipse dos regimes de interação	31
Figura 2 – Micro elipses na elipse dos regimes	33
Figura 3: Direções tensivas	34
Figura 4: Regimes de interação no gráfico tensivo	35
Figura 5: Apresentação do Papa Francisco	40
Figura 6: Cortinas da basílica na apresentação do Papa	41
Figura 7: Apresentações dos Papas	43
Figura 8: Categorias aspectuais na elipse dos regimes de interação	45
Figura 9: Elipse das interações	66
Figura 10: Conjuntos de posts do Instagram do Papa	94
Figura 11: Posts com detalhes das mãos do Papa.....	95
Figura 12: Papa toca rosto de idosa	96
Figura 13: Criança beija o rosto do Papa.....	97
Figura 14: Criança aperta bochecha do Papa.....	98
Figura 15: Papa olha por microscópio.....	99
Figura 16: Papa joga com fiel.....	100
Figura 17: Papa caminha sozinho na praça de São Pedro.....	101
Figura 18: Ajustamento no gráfico tensivo	108

Sumário

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – O sensível na construção do ethos.....	19
Considerações iniciais.....	19
1.1. O interacional e o tensivo	22
1.2. A metalinguagem tensiva	24
1.3. Possíveis diálogos com a metalinguagem sociosemiótica	29
CAPÍTULO 2 – A voz de Francisco – homilias e mensagens	46
Considerações iniciais	46
2.1. As homilias	50
2.2. As mensagens.....	72
CAPÍTULO 3 – A voz institucional sobre Francisco	92
Considerações iniciais.....	92
3.1. Instagram	93
3.2. Youtube.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS – Entre riscos e tensões.....	109
Bibliografia.....	113
ANEXOS	119

INTRODUÇÃO

Quando, no dia 13 de março de 2013, a cortina do balcão principal da Basílica de São Pedro, em Roma, se abriu para a apresentação do novo Papa eleito, a imagem do até então desconhecido Cardeal Jorge Mario Bergoglio, ex-arcebispo de Buenos Aires, já paramentado como o 266º líder da Igreja Católica Apostólica Romana, surpreendeu a multidão de fiéis que lotava a Praça de São Pedro. Aparentando certo desconforto no corpo fragilizado de um já octogenário, o primeiro Cardeal argentino eleito Papa saudava essa mesma multidão levantando o braço direito com um gesto comedido. “Irmãos e irmãs, boa noite” – foram as primeiras palavras do Papa Francisco, que, em seguida, brincou com o fato de ter vindo do “fim do mundo” para ser escolhido bispo de Roma¹.

Ainda antes dessa aparição, o anúncio da eleição do primeiro Papa latino-americano e a escolha do seu nome, Francisco, anteciparam afetos nos fiéis católicos, conectados ao fato na própria Praça São Pedro ou em algum lugar do mundo, por meio dos veículos de imprensa que faziam ampla cobertura jornalística. Francisco é o nome de um santo italiano que, tendo nascido rico, abandonou seus bens para se dedicar aos pobres. Entre os católicos, tem fama de humildade e simplicidade.

Vestindo apenas a batina branca, sem a murça, espécie de capa vermelha com detalhes em dourado colocada por sobre os ombros usada por seus antecessores no momento da apresentação após a eleição, Francisco projetava uma presença que revelava, desde logo, o modo como desejava que seu pontificado fosse visto – “Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres!”², explicou ele três dias depois, ao falar com jornalistas que estavam em Roma para cobrir a escolha do novo Papa.

No discurso que proferiu ao ser apresentado no balcão da Basílica de São Pedro, Francisco chamou a atenção ao inverter a lógica esperada – ao invés de abençoar o povo que aguardava na Praça São Pedro, ele se curvou e pediu, antes, a benção. O semioticista Franciscu Sedda, da Università di Cagliari (Itália), ao analisar esse discurso, destacou o fato de o Papa ter cometido um erro gramatical em italiano.

¹ Disponível em <https://bit.ly/2TswmJL>. Acesso em 20 maio 2021.

² Disponível em <https://bit.ly/3hEhLD3>. Acesso em 20 maio 2021.

Francisco teria usado uma expressão que, traduzida literalmente, seria como se ele estivesse pedindo que o povo rezasse em cima dele – “[...] la preghiera del popolo chiedendo la benedizione per il suo Vescovo. Facciamo in silenzio questa preghiera **di voi su di me**”³ (grifo nosso).

Segundo Sedda, a incorreção gramatical de “voi su di me” tem um papel importante na explicação geral sobre como se deve perceber o novo Papa – a incorreção gramatical “[...] resume em si o valor de um gesto que vai além da inversão da hierarquia, da inversão de posições entre o Papa e o povo” (SEDDA, 2017, p. 59, tradução nossa). Compreendemos essa incorreção apenas como uma variante no uso da língua que projeta traços do perfil psicológico ou do *ethos* do Papa.

No dia seguinte à eleição, o novo Papa foi até a Casa Santa Marta, espécie de hotel criado por João Paulo II, que serve de dormitório para os Cardeais durante a realização de um conclave (reunião para eleição de um Papa), pagar em dinheiro a dívida de sua estadia. Alguns dias depois, ele anunciou que faria do local a sua nova residência, em substituição do tradicional Palácio Apostólico. A força simbólica dessa mudança pode ser apreendida pela simples observação do contraste semântico entre os itens lexicais, transformados em figuras discursivas, “palácio” e “casa”. Ao deixar o Palácio Apostólico e fazer sua morada na Casa Santa Marta, Francisco executava mais um gesto que cria um vínculo sensível peculiar com os fiéis da Igreja. O Papa não mora num palácio, como os reis e rainhas, mas numa casa, como a multidão de fiéis que o segue.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica Apostólica Romana (documento que reúne os princípios da fé cristã e da hierarquia católica), “o Papa, Bispo de Roma e sucessor de S. Pedro, ‘é o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade, quer dos bispos, quer da multidão dos fiéis’” (CATECISMO, 2000, p. 253, parágrafo 881). No discurso da Igreja, o Papa é o sucessor de São Pedro, numa linha de ações práticas que começa na escolha do apóstolo pelo próprio Jesus – “[...] Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja” (BÍBLIA, 2010, p. 1222, Mt 16, 18).

Na pesquisa realizada para nossa dissertação de mestrado, vislumbramos os mecanismos que a Igreja Católica usou na construção discursiva do simulacro do

³ Disponível em <https://bit.ly/3Aqtf5v>. Acesso em 20 maio 2021. Na tradução oficial para o português, o Vaticano corrigiu a frase.

Papa como sucessor de São Pedro. Após analisar uma série de discursos, documentos oficiais e elementos arquitetônicos das basílicas vaticanas, concluímos que:

O dar-se a ver dos Papas é [...] uma projeção simulacral do fazer de Pedro. Trata-se de uma visibilidade que a Igreja figurativiza a partir dos escritos bíblicos, conferindo ao percurso temático dos cardeais que assumem tal função competências modais que os chancelam com o dizer verdadeiro fundamentado na Bíblia. (ALVES, 2018, p. 45)

O estudo das coberturas midiáticas das eleições papais entre Leão XIII (1878) e Francisco (2013) permitiu, então, identificar modos de presença dos Papas nas traduções interssemióticas realizadas pelos jornais *O Estado de S.Paulo* e *Folha de S.Paulo*, apresentando uma visada a respeito desses pontífices como actantes do enunciado.

Na presente tese, nos interessamos pelo Papa Francisco como ator da enunciação, na sua constituição como um *ethos*, uma voz e um campo de presença que emergem do conjunto de enunciados analisados. Noção herdada de Aristóteles, o conceito de *ethos* diz respeito a um dos três meios de eficácia da persuasão – a imagem do caráter do orador produzida pelo discurso (ARISTÓTELES, 2017, p. 45). Na análise do discurso, *ethos* é a construção, realizada pelo destinatário, de uma “[...] representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo” (MAINGUENEAU, 2020, p. 9).

Na semiótica, assim como na análise do discurso, a noção de *ethos* está ligada à instância da enunciação, enquanto “imagem do enunciador” (FIORIN, 2018, p. 139). Nesta tese, temos no horizonte, ainda, as pesquisas de Norma Discini sobre o *ethos*, e que levam em consideração a “dimensão sensível da enunciação”, em que o “actante-sujeito se reveste de um corpo e de um caráter, para que se configure o estilo” (DISCINI, 2003, p. 26). O *ethos*, assim compreendido como estilo, pode, então, ser assumido como um “fato linguageiro” e o corpo do enunciador como “presença no mundo” (DISCINI, 2003, p. 26). Além disso, vislumbra-se o *ethos* como projeção do ator da enunciação, definido pela “totalidade de seus discursos” (GREIMAS e COURTÉS, 2016, p. 45).

Como esse *ethos* do Papa, depreendido das análises, intensifica sensivelmente seus modos de presença no mundo? Esse é o nosso problema de pesquisa, em torno

do qual se depreende outra questão importante, de cunho teórico – como o sensível é mobilizado na construção do *ethos* do Papa?

Ao convocarmos o sensível, nos deparamos com correntes semióticas contemporâneas que se desenvolveram a partir da gramática narrativa (GREIMAS e COURTÉS, 2016), notadamente a semiótica tensiva (ZILBERBERG, 2011) e a sociossemiótica (LANDOWSKI, 2014). Seria possível usar o ferramental de cada uma delas em articulação, potencializando a rentabilidade analítica deles? Nossa hipótese é a de que, ao tomarmos um *corpus* tão diversificado em termos de temas e linguagens, bem como em termos de organização genérica (de gêneros discursivos), será possível vislumbrar como Francisco desloca a ordem da própria hierarquia e materializa para a Igreja Católica princípios ligados aos valores do Evangelho, este último tido como discurso fundador⁴.

Outra hipótese é a de que Francisco se apresenta mediante a oscilação de seus modos de presença discursiva conforme as diferentes ocasiões analisadas, e que os arrebatamentos sensíveis são constitutivos de seu *ethos*, apesar de aparecerem mais explicitamente em momentos de espontaneidade, quando as coerções do papel temático estão menos presentes. O papel temático diz respeito à realização actancial do percurso de um tema – “o percurso ‘pescar’, por exemplo, pode ser condensado ou resumido pelo papel ‘pescador’” (GREIMAS e COURTÉS, 2016, p. 496). Vislumbra-se assim, ainda como hipótese, a configuração de um *ethos* em constante movimento.

Além disso, projetamos positivamente a possibilidade de articulação entre as propostas de Zilberberg e Landowski, entendendo, desde logo, que as duas correntes são respostas para questões e desafios teóricos muito próximos – destacamos a preocupação com o papel do inesperado nos enunciados e a inclusão do sensível na compreensão da produção do sentido. Compreendemos que a proposição de um uso articulado das duas propostas é uma contribuição relevante e, no modo inédito como o fazemos, pertinente do ponto de vista metodológico de nossa pesquisa à área.

As duas correntes propuseram o contínuo como recurso de apreensão e como princípio teórico de base, o que, na prática, se traduz como semióticas do gradual: de

⁴ Noção, também emprestada dos estudos da análise do discurso, que indica aqueles discursos em que o sem sentido dá lugar a um sentido inédito, criando, inclusive, novos mundos (ORLANDI, 2001, p. 11).

um lado, a sociossemiótica apresenta a elipse dos regimes de interação, sentido e risco – representação gráfica em que linhas curvas são colocadas no lugar dos ângulos retos do Quadrado Semiótico, alterando as relações que se estabelecem (LANDOWSKI, 2014). De outro lado, a semiótica tensiva nos oferece o gráfico que sintetiza as correlações entre intensidade (que diz respeito ao sensível) e extensidade (que diz respeito ao inteligível), como dimensões da tensividade, sendo o nível tensivo calcado no princípio da continuidade entre os elementos convocados. (ZILBERBERG, 2011).

Partindo da classificação dos gêneros apresentada na aba “Palavras do Santo Padre” no site do Vaticano (www.vatican.va) – homilias, exortações apostólicas, encíclicas, entre outros documentos e discursos oficiais –, selecionamos exemplares de algumas dessas manifestações para compor um conjunto representativo dos modos de presença do Papa Francisco nos pouco mais de dez anos de seu governo. Para cada um desses gêneros, está previsto um enunciário diferente, o que contribui para a generalização da apreensão do *ethos* enquanto projeção construída pelo sujeito da enunciação, que “cobre de fato as duas posições actanciais de enunciador e de enunciário” (GREIMAS e COURTÉS, 2016, p. 171).

No capítulo 1, intitulado “O sensível na construção do *ethos*”, apresentaremos nosso lugar teórico de fala, contextualizando conceitos que inscrevem nossa pesquisa no âmbito dos estudos da semiótica discursiva e seus desdobramentos contemporâneos, especialmente na preocupação com o papel do sensível na construção do sentido. Esse capítulo teórico introduzirá análises do *corpus*, pois defendemos que é o objeto, e a força de suas linguagens, que devem iluminar as descobertas teórico metodológicas.

Para dar conta da diversidade de gêneros do *corpus*, a tese apresenta dois capítulos de análises – o capítulo 2, intitulado “A voz de Francisco – homilias e mensagens”, seleciona os discursos dos quais emerge mais explicitamente o *ethos* do Papa enquanto exercício de um papel temático. Em tais discursos, o enunciário previsto é o fiel da Igreja – ora figurativizado naqueles que frequentam as missas, ora figurativizado naqueles que exercem trabalhos voluntários pastorais na Igreja. Além disso, ao selecionar mensagens com temáticas mais sociais, o *corpus* deste capítulo também traz figurativizado um enunciário não necessariamente fiel da Igreja, em

alguns casos desdobrado em interlocutários que exercem cargos de autoridade no mundo.

O capítulo 3 toma o Papa Francisco enquanto pessoa de quem se fala. Intitulado “A voz institucional sobre Francisco”, o capítulo resgata a noção de *ethos* institucional dos estudos da argumentação no discurso (AMOSSY, 2016, p. 137-144), semiotizando-o. Compõem o *corpus* deste capítulo publicações do Instagram do Papa bem como um vídeo produzido pelo canal *Vatican News*, órgão oficial de comunicação do Vaticano. Mostraremos nesse capítulo como, ao construir o pontífice como ator do enunciado, o discurso institucional projeta também uma voz que pode estabelecer com o *ethos* de Francisco relações consonantes ou conflituosas.

Nas considerações finais, “Entre riscos e tensões”, propõe-se a retomada dos tópicos analíticos desenvolvidos mediante os pressupostos teóricos adotados. Temos aí o objetivo de obter alguma síntese conceitual compatível com nossa hipótese de trabalho. Hipótese que, enfatizamos, diz respeito a um pensamento semiótico que ilumina as fronteiras entre sociossemiótica e semiótica tensiva, especialmente no que diz respeito à questão do sensível e do campo de presença.

Nosso propósito nesse capítulo final é, portanto, como ponto de chegada da tese, problematizar o sensível e o campo de presença com o apoio desses dois rumos contemporâneos da semiótica, tomando por base a figura do Papa Francisco sem nos restringir à sua atuação enquanto apenas papel temático desempenhado no nível discursivo dos textos. Interessam, sobretudo, os arrebatamentos que emergem do seu fazer passional.

CAPÍTULO 1 – O sensível na construção do *ethos*

Considerações iniciais

Com a intenção de resolver um problema teórico relativo à natureza da relação entre duas das correntes da semiótica “pós-greimasiana”, utilizaremos como observação empírica e ponto de partida, um caso concreto exemplar. Referimo-nos à figura do Papa Francisco, frequentemente apontado como um renovador da Igreja Católica que ele chefia desde março de 2013, quando foi eleito para suceder o conservador alemão Bento 16. Nesses pouco mais de dez anos de governo, longe de motivar uma atração absolutamente ancorada em razões de ordem teológica ou eclesiológica, ele aparentemente tem agradado mais pelo modo como habita o mundo, com sua corporeidade própria.

Corpo aqui pensado como *ethos* apreendido a partir de um determinado tom de voz, de um conjunto de gestos específicos, de uma determinada expressão fisionômica, de um olhar no olho, de um inclinar-se para estar junto de um fiel, e mesmo abraçá-lo, de um deixar-se ser tocado e tocar, enfim por um determinado modo de presença. Tais gesticulações são estudadas a partir da perspectiva do conceito de proxêmica, proposto por Greimas enquanto análise da “disposição dos sujeitos e dos objetos no espaço e, mais particularmente, o uso que os sujeitos fazem do espaço para fins de significação” (GREIMAS e COURTÉS, 2016, p. 395). Além disso, olhamos para o corpo do Papa na sua dimensão rítmica, “captada no e pelo seu interagir para sentir com as suas ordens sensoriais os seus traços plásticos” (OLIVEIRA, 2021, p. 11).

Ainda no horizonte dos estudos do corpo enquanto presença do enunciador no mundo, vislumbram-se os estudos de Norma Discini, para quem “a partir da interdependência entre os enunciados de uma totalidade funda-se o corpo como esquema” (DISCINI, 2015, p. 35). Na diversidade dos gêneros discursivos analisados na tese, “concernente a cada ato particular, opera o tratamento ético, que permanece invariante” (DISCINI, 2015, p. 35). O invariante projeta-se como presença própria no mundo.

Tal conceito, o de presença, remete, em semiótica, a um outro, o de sensível. De que modo essa presença sensível de Francisco contagia? Salientamos que o verbo contagiar tem aqui o sentido radicado no pensamento de (LANDOWSKI, 2005), em que o sujeito tem competência para se relacionar, sem mediações, com as qualidades sensíveis do mundo que o cerca, incluindo objetos e outros sujeitos, emergindo dessa relação um sentido que *faz sentido*. Trata-se do “contato direto entre instâncias definíveis essencialmente em termos de estesia, e não apenas em termos modais” (LANDOWSKI, 2005, p. 18).

Vemo-nos aqui diante de uma questão que, a nosso ver, pode ser respondida com a ajuda das duas vertentes da semiótica desenvolvida a partir da obra de Greimas, conforme já indicamos: a sociosemiótica de Eric Landowski, com seus regimes interacionais (LANDOWSKI, 2014), e a semiótica tensiva de Claude Zilberberg, com seu esquema tensivo que articula intensidade e extensidade (ZILBERBERG, 2011). Ambos os pesquisadores partem do desafio de integrar o sensível a uma teoria essencialmente voltada para o inteligível. Em ambas as correntes, o sensível introduziu o contínuo na proposta de Greimas, conforme temos ressaltado.

No lugar das categorias estanques do quadrado semiótico, abriu-se espaço para as passagens, o movimento, o intervalo, seja entre um regime interacional mais ou menos arriscado e outro, na elipse sociosemiótica proposta por Landowski, seja no deslocamento do valor entendido como valência ou medida sensível do valor, na articulação conversa ou inversa entre intensidade e extensidade.

Em ambas, sociosemiótica e semiótica tensiva, o interesse está justamente nessas passagens, na complexidade de cada termo evocado, na composição das categorias. Mantém-se em estado de recesso a oposição de termos, tão cara ao estudo da axiologia dos valores, calcada na relação ou... ou. Ou do bem, ou do mal, como prevê a dêixis fundamental do percurso gerativo do sentido.

Nossa pesquisa articula, desde o título, três conceitos com vasto desenvolvimento na história das chamadas ciências humanas – voz, *ethos* e campo de presença. Na perspectiva da semiótica discursiva, esses três conceitos podem ser postos em relação a partir da noção de *corpo* do sujeito complexo da enunciação – enunciador e enunciatário (GREIMAS e COURTÉS, 2016, p. 171). Corpo enquanto

efeito de sentido de um modo particular de enunciar, um modo que projeta uma voz, um campo de presença e um *ethos*. Como já destacamos, temos aqui os estudos de Norma Discini sobretudo nas problematizações que faz propondo que o enunciador, sempre pressuposto ao enunciado, tem um corpo próprio (DISCINI, 2015). Interessa, sobretudo, o modo como Discini articula a apreensão do *ethos* ao percurso gerativo de sentido da semiótica greimasiana sem deixar de levar em consideração o chamado nível tensivo (DISCINI, 2015, p. 16).

Ao nos questionar sobre o *ethos* do Papa Francisco, estamos nos questionando sobre esse *corpo* discursivo, projetado com certa modulação da voz e um certo gesticular que criam um simulacro e um modo de presença no mundo. Voz e gesto no sentido literal, mas também voz e gesto como criação e construção discursivas. Diz Maingueneau que “[...] todo texto escrito, mesmo que o negue, possui uma *vocalidade* específica” (MAINGUENEAU, 2020, p. 14, grifo do autor). É, portanto, da Análise do Discurso francesa que tomamos emprestada essa noção de voz como efeito do discurso – “[...] o discurso produz um espaço onde se desdobra uma ‘voz’ que lhe é própria” (MAINGUENEAU, 2008, p. 91).

Reunindo a voz e o corpo projetados por um discurso, outro estudo que está em nosso horizonte teórico é o realizado por (DORRA, 2005), no qual o semiótico aprofunda uma reflexão sobre como o discurso, mesmo o escrito (verbal impresso), tem sonoridade e materialidade corporal próprias (DORRA, 2005, p. 41).

Partindo da hipótese de que o sensível, o vivido em ato, tem relevância na construção do *ethos* do Papa Francisco, mobilizamos ambas as correntes teóricas anteriormente citadas, para potencializar a rentabilidade analítica de seus métodos próprios sem, com tal gesto, promover qualquer tentativa de neutralização dos pressupostos para unificar as categorias próprias de cada vertente. Trata-se de desdobramento da semiótica discursiva, enfatizamos. Insistimos no fato de que ambas procuram incorporar o componente sensível na compreensão da produção do sentido – de um lado, a sociossemiótica (LANDOWSKI, 2014) e, de outro, a semiótica tensiva (ZILBERBERG e FONTANILLE, 2001) (ZILBERBERG, 2011).

1.1. O interacional e o tensivo

No início dos anos 2000, o Centro de Pesquisas Sociossemióticas (CPS), ligado institucionalmente à PUC-SP, promoveu ações de pesquisa para aproximar semiótica tensiva e sociossemiótica. Considerando que era preciso ultrapassar “as rivalidades entre as escolas”, sem deixar de admitir que ambas eram tendências “rivais, ao menos em superfície”, Landowski explorou, na apresentação do *Caderno de discussões do IX Colóquio do CPS* de 2003, a possibilidade de um “gesto de integração metodológica” das duas correntes (LANDOWSKI, 2003).

Se, na versão originária da teoria, o quadrado semiótico se constitui de diferentes oposições (entre os contrários e entre os subcontrários), Landowski, no artigo citado, propõe a inclusão de outros operadores para sistematizar as relações entre categorias nas duas novas vertentes. Vinha à luz a ideia de variações quantitativas projetadas no gráfico tensivo, e a de diferenças qualitativas na sociossemiótica, projetadas na elipse dos regimes de interação.

A elipse, lembramos, diz respeito ao modo como o semioticista projeta uma representação gráfica que põe em relação os quatro regimes descritos por ele (programação, manipulação, ajustamento e acidente). Diferentemente do Quadrado Semiótico, que tem categorias estanques que saltam de uma para a outra sem levar em consideração o gradual do intervalo, a elipse tem curvas no lugar dos ângulos retos da quadrado, fazendo ver que as categorias são fluídas entre elas (LANDOWSKI, 2014, p. 80).

O autor sublinha a importância das “modulações” e afirma que “são as configurações plásticas e as oscilações rítmicas que condicionam esteticamente a emergência do sentido” (LANDOWSKI, 2004, p. 97-114). É dessa perspectiva sociossemiótica que nosso trabalho procura iluminar as fronteiras com as propostas da semiótica tensiva.

Juan Alonso também explorou as fronteiras entre as duas correntes. Em sua pesquisa de doutorado, ele chegava a propor uma “sociossemiótica tensiva” (ALONSO ALDAMA, 2005). Em um artigo anterior à tese, ele explicava que “os efeitos de modulação rítmica e de continuidade no discurso dificilmente podem ser explicados a partir de oposições categóricas entre termos discretos, oposições próprias das

estruturas semionarrativas” (ALONSO ALDAMA e MONTANARI, 1999). Nessa lógica, ele defendia que é possível definir o sujeito social “como o produto de forças e tensões que o atravessam antes de ele ser constituído como um verdadeiro actante social modalmente definido, dotado de um programa de ação concreto ou de um papel temático ou passional determinados” (p. 17). Todavia, diferentemente da nossa proposta, que procura uma aproximação metodológica das ferramentas das duas abordagens, Aldama limita-se a introduzir o enfoque tensivo na abordagem de objetos sociais.

Permanece, portanto, a questão: porque semiótica tensiva e sociossemiótica não se articulariam de maneira mais efetiva? Em um prefácio a um estudo de Raul Dorra, Landowski sugere uma explicação. Ela consiste em destacar, dentro do projeto semiótico, uma distinção de ordem muito geral, que, segundo ele, tende a dividir em duas “famílias” o conjunto das ciências humanas e sociais. Trata-se da controvérsia entre os quantitativistas — dos quais os “tensivistas” fariam parte, pois, para Landowski, fazem depender o sentido de variações de grau, por definição quantitativas, mensuráveis em termos de “mais” ou “menos” — e, por outro lado, os “qualitativistas” (entre os quais ele se coloca), que consideram que as qualidades intrínsecas, em particular as propriedades estéticas que diferenciam uns dos outros os elementos em jogo, constituem o fator primeiro (LANDOWSKI, 2004c).

Já em Zilberberg, no entanto, as variações de graus não são operações meramente quantitativas, do tipo matemáticas. Desde as primeiras definições, a semiótica tensiva considera um sujeito como presença, cujas variações ou modos de existência podem ser apreendidas e descritas. Em *Tensão e Significação*, Zilberberg e Fontanille propõem uma modificação na definição de estrutura de Hjelmslev: “entidade autônoma e *deformável* de dependências internas” (ZILBERBERG e FONTANILLE, 2001, p. 109, grifo dos autores). Ou seja, o acréscimo do qualificante “deformável” evidencia que o sujeito já está na estrutura, mas está simultaneamente sujeito ao imprevisto. Tratam-se, portanto, de “quantificações subjetivas” (TATIT, 2011) que incidem, desde logo, sobre as qualidades subjetivas das grandezas percebidas pelos sujeitos enunciantes.

De fato, não pode haver variação quantitativa no vazio. Uma variação em termos de “mais” ou de “menos” pressupõe a existência de alguma coisa que

apresente certas propriedades, que podem se manifestar mais ou menos intensamente. Primeiro, tem de ter algo qualitativo ao qual a variação quantitativa possa se aplicar. De todo modo, além da oposição aparente entre as duas opções, o raciocínio de Landowski, no fundo, abre a possibilidade teórica e prática para uma articulação entre elas. E, no prefácio em questão, ele mostra como o estudo de Raul Dorra oferece, justamente, um exemplo dessa articulação.

Distante dessas discussões, nosso objetivo é propor uma alternativa para o “encontro permitido”, em vista de uma “articulação necessária” (LANDOWSKI, 2003). Curiosamente, Landowski e Zilberberg chamaram, em análises de diferentes *corpus*, de utopia o ponto em que se articulam em harmonia o sensível e o inteligível (LANDOWSKI, 2017, p. 4) e (ZILBERBERG, 2011, p. 69).

Repetimos, com finalidade de destaque, que partimos de uma perspectiva sociossemiótica para testar as possibilidades de integração das chamadas *cifras tensivas*⁵ nos regimes de interação na apreensão da presença sensível e contagiosa do Papa Francisco. Trata-se desse ator social, que também tem proposto valores dignos de uma utopia, em nosso entendimento, que procuraremos esclarecer via análise.

Nossa hipótese se alarga, na medida em que pensamos que o uso das medidas de impacto auxiliarão a identificação e descrição das passagens aspectuais entre um regime interacional e outro, ponto constantemente revisado na teoria proposta por Landowski. O contrário, verificar possíveis ganhos analíticos no acréscimo dos regimes de interação e sentido na lógica das relações entre extensidade e intensidade, é tarefa para outra pesquisa.

1.2. A metalinguagem tensiva

Ao propor um novo edifício teórico metodológico para as análises de diferentes discursos, Zilberberg organiza também uma metalinguagem própria, bem menos estável, todavia, do que aquela proposta por Greimas no seu Dicionário. Inicialmente

⁵ Medidas de impacto relativo ao “grau relativo de tonicidade e andamento, bem como o seu grau de abrangência num dado universo”, conforme explica Luiz Tatit, in *Passos de semiótica tensiva*, Ateliê Editorial, São Paulo, 2019. Trata-se das medidas de tonicidade e andamento (intensidade) e suas intersecções com temporalidade e espacialidade (extensidade) de uma grandeza que entram no campo de presença.

pensada em parceria com Fontanille⁶, a semiótica tensiva desdobra-se em uma infinidade de metatermos que tem acepções diferentes em diferentes textos. Essa profusão de conceitos, muitos abandonados por Zilberberg ao longo da sua trajetória de elaboração teórica, dificultam bastante a apreensão da semiótica tensiva enquanto ferramental metodológico⁷. Apresentaremos neste tópico aqueles conceitos mais fundamentais com os quais iremos dialogar na aproximação pretendida com a sociossemiótica.

Genericamente, Zilberberg propõe três modos semióticos, que são “pares de funções que descrevem a entrada de grandezas no campo de presença”, cada um com um estilo sintático próprio — o modo de eficiência (pervir⁸ e sobrevir, com a sintaxe intensiva dos aumentos e das diminuições), o modo de existência (foco e apreensão, com a sintaxe extensiva das triagens e das misturas), e o modo de junção (concessão e implicação, com a sintaxe juntiva dos acontecimentos e dos exercícios) (ZILBERBERG, 2015, p. 8 e 37).

Por um lado, Zilberberg define o campo de presença como o “domínio espaciotemporal em que se exerce a percepção” (ZILBERBERG e FONTANILLE, 2001, p. 125). O campo de presença é o lugar em que se estabelecem as relações de tensividade, termo complexo que se bifurca nos fultivos intensidade e extensidade (dimensões ou valências), sendo a intensidade relativa aos “estados de alma, o sensível”, e a extensidade relativa aos “estados de coisas, o inteligível” (ZILBERBERG, 2011, p. 66-72). Na intensidade (sensível), atuam as subdimensões (ou subvalências) do andamento (velocidade, rápida ou lenta) e da tonicidade (acentuação tônica ou átona). Já na extensidade (inteligível), se unem as subdimensões / subvalências do tempo e do espaço, que controlam a inteligibilidade dos discursos. Por outro, para Landowski, o campo de presença nada mais é do que

⁶ J. Fontanille e Cl. Zilberberg, *Tensão e significação*, São Paulo, Humanitas, 2001. O original em francês foi publicado em 1998 e, antes disso, Zilberberg já trabalhava numa proposta tensiva em textos individuais (por exemplo, *Essai sur les modalités tensives*. Amsterdam: J. Benjamins, 1981).

⁷ Tatit explica que Zilberberg “deixou de lado diversas categorias que pareciam fundamentais quando foram criadas — entre elas, a noção do ‘fazer missivo’ (...), e a refinada classificação dos tempos como ‘cronológico’, ‘ritímico’, ‘mnésico’ e ‘cinemático’” (*Passos de semiótica tensiva*, op. cit., p. 115).

⁸ Segundo os tradutores de *Elementos de semiótica tensiva*, optou-se por traduzir “parvenir” por “pervir” (termo não mais em circulação no português brasileiro atual) porque ambas as palavras procedem de uma mesma raiz latina, *pervenire*. Eles registram, ainda, que no século 14, *pervir* significava “chegar de um ponto a outro, chegar ao fim” (p. 271), mesma acepção do termo em francês. Ou seja, uma grandeza pode entrar de modo processual, de um ponto a outro, ou sobrevir, imprevisivelmente, no campo de presença do sujeito.

o raio de percepção que determina o espaço-tempo do observador (LANDOWSKI, 2004).

O esquema tensivo, em que são projetadas as dimensões da intensidade e da extensidade, é a representação gráfica das articulações que inscrevem uma determinada grandeza no campo de presença do sujeito. Uma valência da intensidade se entrecruza com uma da extensidade projetando no gráfico o valor. O modo como essa grandeza entra nesse campo (descrito a partir dos modos semióticos) vai determinar o ponto da curva em que ela será inscrita, modulando velocidade e tonicidade com espaço e tempo. Genericamente, as dimensões, ou valências, podem estabelecer dois tipos de relações no gráfico tensivo — as do tipo “inversas” (quando a extensidade aumenta, a intensidade diminui, e vice-versa) e as do tipo “conversas” (quando intensidade aumenta, extensidade também aumenta; quando intensidade diminui, extensidade também diminui).

Ao falar sobre essas correlações, Zilberberg explica que “entre a intensidade e a extensidade se exerce uma ‘implacável’ correlação inversa, uma ‘lei draconiana’ que entrelaça, de um lado, o impactante e o concentrado, e, de outro, o tênue e o difuso”. De fato, após apresentar as duas correlações como possíveis (ZILBERBERG, 2011, p. 93), as conversas praticamente desaparecem da teoria, sendo retomadas em poucas análises pelo autor. É que, na concretude dos discursos analisados, geralmente a correlação inversa prevalece. Ou seja, quando um discurso mobiliza o sensível, em geral diminui inversamente o inteligível; quando mobiliza o inteligível, o faz geralmente às custas de sacrificar o sensível.

Como vimos, tal relação impõe-se, diz Zilberberg, de maneira “implacável”, o que nos leva a compreender que as coerções sociais de produção do sentido projetam correlações inversas, consequência de uma certa previsibilidade no universo discursivo⁹. As exceções apresentadas nos textos em que as correlações conversas aparecem confirmam a regra: trata-se de análises em que a confluência entre inteligível e sensível traça no esquema tensivo valores aparentemente inalcançáveis para a ordem de discursos que conhecemos. Por exemplo, na área da utopia, demarcada no esquema tensivo na intersecção do máximo de intensidade com o

⁹ Desenvolvimento a partir de contribuição de Américo Saraiva, professor de pós-graduação da Universidade Federal do Ceará, durante banca do exame de qualificação da presente tese, realizada no dia 21/08/2021.

máximo de extensidade. Em outra análise, o autor identifica na mesma área o que ele chama de “valores de apogeu”, indicando que, no entanto, talvez por um “filtro cultural”, a alternância inversa é a que predomina (ZILBERBERG, 2015, p. 66).

Além das duas dimensões que se correlacionam no esquema tensivo (intensidade e extensidade) e as duas subdimensões que cada uma delas articula (andamento e tonicidade para a intensidade, temporalidade e espacialidade para a extensidade), Zilberberg propõe um desdobramento mais detalhado para descrever essas medições de impacto nos discursos. Em primeiro lugar, diferentemente das dimensões, que majoritariamente se correlacionam de modo inverso, as subdimensões se correlacionam de modo converso. Tal lógica determina que uma forte tonicidade sempre virá acompanhada de um andamento acelerado, e vice-versa, e que o aumento ou a diminuição do tempo e do espaço sempre serão percebidos coincidentemente. Cria-se uma “armadilha” em que o analista não teria condições de lidar com ocorrências em que, por exemplo, uma aceleração no andamento não fosse produtora de uma intensificação tônica (ou seja, uma aceleração que, no entanto, é percebida de maneira átona).

Zilberberg desarma essa armadilha, projetando as subdimensões da tensividade a partir de uma base previamente identificada com a mobilização do que ele chama de foremas (direção, posição e elã). O entrecruzamento entre um forema e uma subdimensão, ou subvalência de primeiro nível, projeta uma subvalência derivada. Tal detalhamento possibilita identificar, por exemplo, os efeitos de sentido produzidos pela entrada de uma grandeza com alta intensidade e baixa extensidade num campo de presença já projetado com elã da rapidez — seria a aceleração de algo que já está rápido. Assim, é possível explicar como uma aceleração no andamento, que inevitavelmente produz uma tonicidade acentuada, seja percebida de maneira átona, uma vez que se parte, de saída, de um elã já apreendido como da rapidez (ou seja, possibilita-se, assim, descrever os efeitos de sentido decorrentes do ato de acelerar o que já está rápido).

Um exemplo clássico do uso dessa ferramenta é o que mede a diferença no esforço empregado entre a abertura de algo que está hermeticamente fechado ou simplesmente fechado (o primeiro requer do sujeito um esforço maior). Zilberberg propõe, então, as categorias aspectuais minimização, atenuação, restabelecimento e

recrudescimento para explicar os movimentos que uma grandeza pode realizar no esquema tensivo, numa “primeira analítica do sensível” (ZILBERBERG, 2011, p. 79-84). E é aqui que aparece uma proposição nem sempre bem compreendida do autor, os incrementos: o menos *mais* (atenuação) e o mais *menos* (minimização) para a área do inaccento, e o menos *menos* (restabelecimento) e o mais *mais* (recrudescimento) para a área do acento.

A ideia é a de que quando uma grandeza está na posição de intensidade e extensidade mínimas, a diminuição do mais atenua aquela grandeza, a diminuição do menos, a restabelece, e, o acréscimo do mais, a recrudesce. No caminho contrário, a grandeza que, no máximo da intensidade e extensidade, recebe menos *menos*, se restabelece, menos *mais*, se atenua, e mais *menos*, se minimiza. Esse detalhamento, motivo de frequentes críticas de que tais operações tornariam a análise semiótica uma espécie de caricatura de uma matematização exagerada é justamente o que permite um refinamento analítico dos fenômenos. Para Tatit, a complexidade desse modelo, com as chamadas “‘unidades de progressão’ (ou ‘incrementos’), o mais e o menos (...)” permite “combinações entre si bastante representativas do nosso imaginário tensivo” (TATIT, 2019, p. 109).

Zilberberg detalha ainda mais as articulações entre os foremas (posição, direção e elã) e as categorias aspectuais (minimização, atenuação, restabelecimento e recrudescimento), na “segunda analítica do sensível” (ZILBERBERG, 2011, p. 84-88), propondo uma rede de relações para cada uma das subdimensões (andamento, tonicidade, espacialidade e temporalidade). Tal feito tem como resultado o desdobramento de 12 subvalências de grau dois para cada uma das 4 subdimensões (ou subvalências de primeiro grau). A necessidade de nomear cada um desses pontos resultou em outras 4 redes, que projetam 48 subvalências. Essa profusão de metatermos pode mais confundir do que ajudar, motivo pelo qual optamos em focar nossos esforços na rede que articula apenas as subdimensões com os foremas.

Como vimos até aqui, nos cruzamentos entre intensidade e extensidade, depreendem-se os modos como uma determinada grandeza será percebida no campo de presença do sujeito. Ponto central da semiótica tensiva, o acontecimento fixa-se na intersecção entre o máximo de intensidade e o mínimo de extensidade. Isso significa que o acontecimento tensivo pressupõe que a grandeza entrará no campo

de presença do sujeito de modo acelerado, comprimindo a percepção de tempo e espaço, com grande afetação sensorial. Trata-se de uma ruptura sempre concessiva, pois não é esperada. Para que seja considerado acontecimento, no entanto, o evento deve ser intenso o suficiente para abalar o sujeito, tirando dele as competências pragmáticas que o possibilitariam conseguir racionalizar o que acabara de suceder.

Na lógica da curva projetada no esquema, e com o auxílio das cifras tensivas, medidas de impacto descritas por Zilberberg, é possível descrever os discursos na modulação entre o acontecimento e seu correlato inverso, o exercício (em que há o máximo de extensidade e o mínimo de intensidade). No entanto, ignorando o potencial desse ferramental metodológico, a maioria das análises que se sucederam às proposições de Zilberberg tendem a forçar a identificação de acontecimentos, fazendo um uso estanque do esquema, prendendo-se quase à lógica do quadrado semiótico, em que as categorias são descontínuas.

Consideraremos aqui a proposta de fazer uma leitura do esquema tensivo a partir de graus: entre os dois pontos extremos do gráfico tensivo, o acontecimento e o exercício, há uma infinidade de possibilidades abertas pelos recursos que dão conta de apreender o sentido de forma contínua, no intervalo das categorias estanques e que, em geral, não dão conta de explicar a efervescência própria da vida humana.

1.3. Possíveis diálogos com a metalinguagem sociossemiótica

Menos extensa, a lista de metatermos da sociossemiótica *faz parecer* que dialoga melhor com a chamada semiótica “padrão”, expressão com a qual não concordamos. Essa é nossa posição, uma vez que compreendemos que a dita “padrão”, a tensiva e a sociossemiótica são a mesma semiótica, cuja preocupação é propor a descrição da produção de sentido em seus processamentos próprios. A partir das proposições de Greimas, em *Da Imperfeição*, Landowski elabora, inicialmente, uma releitura do nível narrativo do percurso gerativo de sentido (LANDOWSKI, 2014). Leitura essa que vai gradualmente se espalhando por todos os níveis como proposta de uma teoria geral do sentido (LANDOWSKI, 2014).

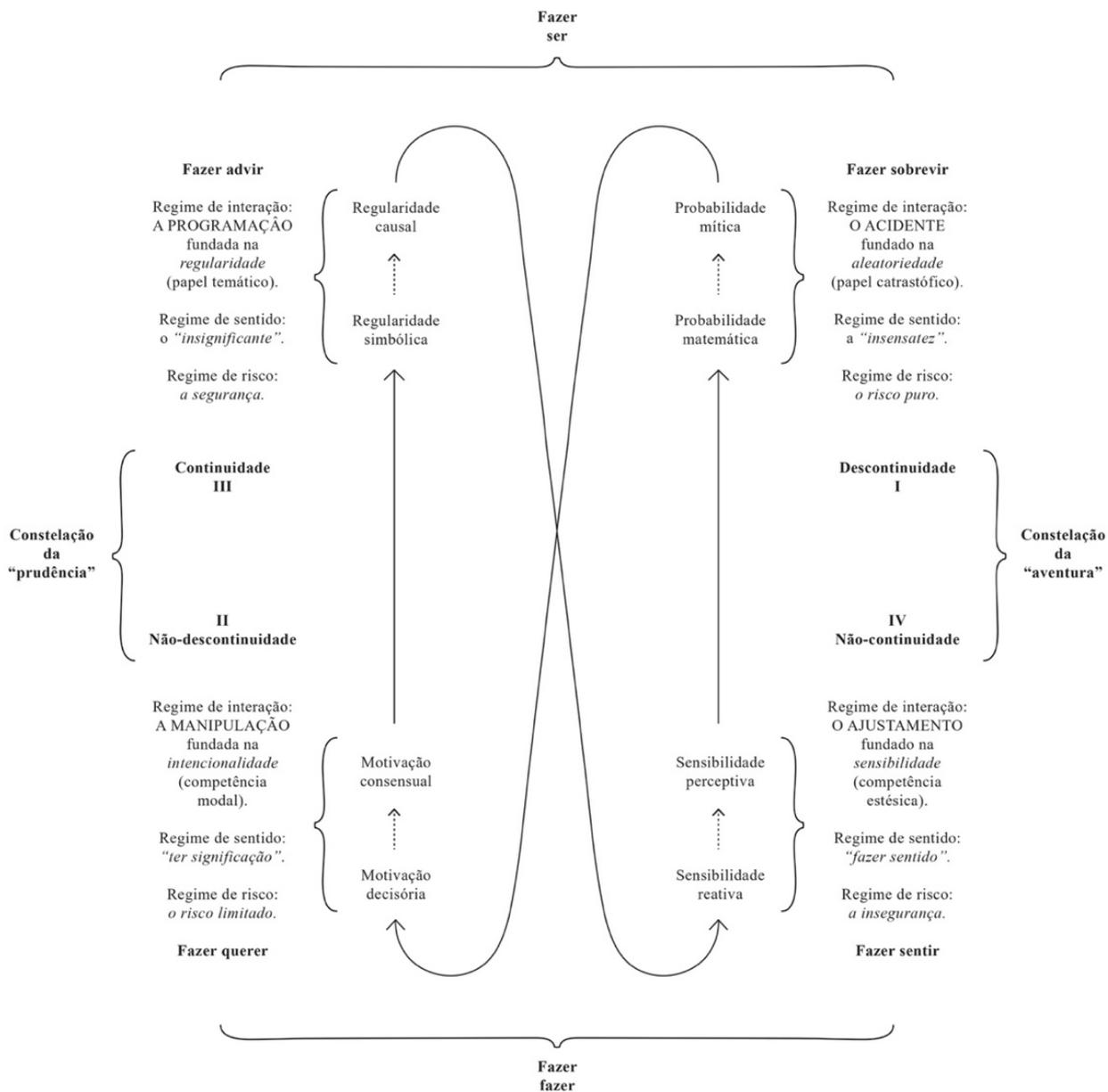
Em primeiro lugar, Landowski faz observar que a semiótica de Greimas tinha reconhecido e descrito somente dois tipos de interações narrativas — a *manipulação*, amplamente estudada e debatida, cujo princípio é o da intencionalidade (o Destinator

quer *fazer* o destinatário *fazer* algo, modalizando um querer ou um dever) e a *programação*, implicitamente proposta no famoso estudo da sopa ao pesto (GREIMAS, 2014, p. 167-178), e que tem como princípio ativo a regularidade. A esses dois regimes, ele mostra a necessidade de acrescentar outros dois que dariam conta de interações não reguladas nem por *intencionalidades* nem por *regularidades*. Primeiro, na posição na projeção dos regimes no Quadrado Semiótico, de contrário ao regime da *programação*, o regime do *acidente*, cujo princípio é a *aleatoriedade*. E, na posição de contrário ao regime da *manipulação*, o regime do *ajustamento*, regulado pela *sensibilidade*.

Tais regimes de interação são, por natureza, associados a regimes de significância e, ao mesmo tempo, eles projetam regimes de risco: na manipulação, o risco limitado e o sentido codificado (os objetos têm uma significação, cuja leitura será feita inteligivelmente por meio de grades culturais, sociais, econômicas, etc.); na programação, a segurança e a insignificância; no acidente, o risco puro e o sem sentido; no ajustamento, a insegurança e o *fazer sentido* (apreendido esteticamente, em ato).

Esses quatro regimes são colocados em relação em uma elipse que guarda as lógicas do quadrado semiótico (sendo os contrários formados pelo par programação-acidente, e os subcontrários, pelo par manipulação-ajustamento). “Substituindo as linhas retas do quadrado semiótico clássico por linhas curvas, fazendo assim aparecer zonas de trânsito em lugar das posições fixas”: “essa forma de apresentação visa a pôr em evidência os processos antes que o sistema que os sustenta” (LANDOWSKI, 2014, p. 81).

Figura 1 – Elipse dos regimes de interação



Fonte: (LANDOWSKI, 2014, p. 80)

Em *Passions sans nom*, o autor já explicava que “as passagens entre as diferentes posições se ligam sem quebra de continuidade” (LANDOWSKI, 2004b, p. 204). As posições dos regimes reconhecidos são apenas campos de maior concentração da lógica que sustenta cada um deles. O que diferenciará, por exemplo, a *programação do ajustamento* é a tensão entre a segurança da lógica da regularidade e a insegurança da lógica da sensibilidade que sustentam respetivamente esses dois regimes.

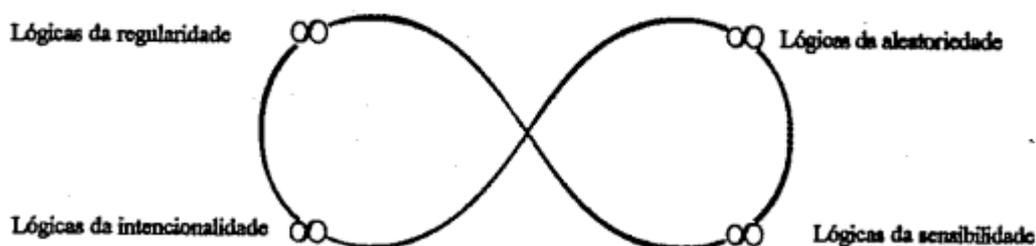
O percurso ao longo da elipse pode ser efetuado partindo de um ou do outro dos contrários:

Primeiro, a partir da zona do acidente rumo a da manipulação e, dali, seguindo até o regime da programação, ponto de chegada provisório. Este último regime, que define um mundo em que prevalecem a ordem, a estabilidade e a continuidade, pode, com efeito, ser considerado, segundo outra perspectiva (aquela adotada, como já indicado, em *Da Imperfeição*), como dado “na origem”. Enxergado deste modo, ele constitui um ponto de partida alternativo. Daí um segundo movimento, que conduzirá desta vez da programação ao ajustamento, e, finalmente, para fechar o circuito, do ajustamento de novo ao regime do acaso e do acidente. (LANDOWSKI, 2014, p. 81)

Ainda que o diagrama com a elipse dos regimes tenha se desenvolvido muito desde a publicação original de *Interações arriscadas*, em 2005, com a inclusão de novos parâmetros que auxiliam a descrição das interações e, em particular, como veremos em breve, os consequentes riscos envolvidos na construção do sentido, as passagens entre os regimes ainda não foram suficientemente exploradas.

Landowski reconhece que a elipse não deixa de ser esquemática e que as situações reais escapariam às posições do esquema proposto. A solução seria introduzir “[...] pequenas elipses que articulariam a lógica interna de outros tantos mini-percursos de transformação igualmente complexos” (LANDOWSKI, 2014, p. 85), o que, para ele, ultrapassaria os limites daquela pesquisa.

Figura 2 – Micro elipses na elipse dos regimes



Fonte: (LANDOWSKI, 2014, p. 85)

Todavia, o autor mostrou a possibilidade de uma articulação entre as lógicas de dois regimes distintos quando, ao analisar discursos políticos populistas, propôs a “manipulação por contágio” (LANDOWSKI, 2008). Em “Uma dinâmica interacional complexa”, Yvana Fechini também explora as relações entre os regimes propondo a ideia de “regimes de base” e “regimes auxiliares”, lógica semelhante à dos “programas de base” e “programas de uso” da semiótica narrativa clássica (FECHINE, 2021, p. 208).

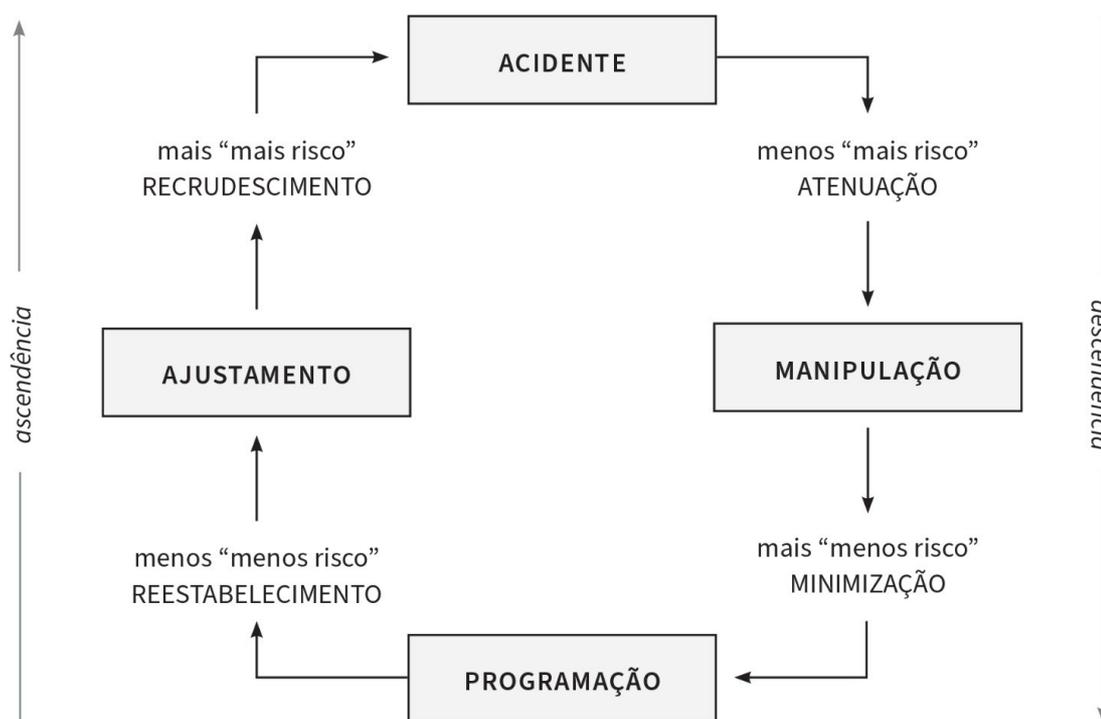
Curiosamente, apesar das críticas ao *mais mais*, *menos menos*, sílabas concernentes à semiótica tensiva, as passagens entre os regimes de interação nos parecem poder ser descritas justamente pela identificação do maior ou menor grau de risco envolvido em cada um deles. Olhando para os percursos indicados por Landowski para a movimentação entre os regimes, aqui já mencionados, temos: no primeiro percurso, partindo do *acidente* para a *manipulação* (o que envolve uma diminuição *atenuada* do risco, que passa de puro para controlável) e da *manipulação* para a *programação* – ou seja, a *minimização* do risco, para voltar às categorias aspectuais propostas por (ZILBERBERG, 2011, p. 74). O segundo percurso partiria do risco zero da *programação* para a redução dessa segurança, com o *restabelecimento* de algum risco no *ajustamento* e, finalmente, o *recrudescimento* do risco, levando ao *acidente*. Esta entendemos ser uma contribuição de nossa tese para os estudos semióticos: apontamos a possibilidade de uma descrição tensiva das passagens entre os regimes de interação e risco.

O primeiro percurso faria, no diagrama tensivo, uma passagem brusca da área do acento (em que estão o *acidente* e o *ajustamento*) para a área do inaccento (onde

se encontram *manipulação* e *programação*). Já o segundo percurso proporia o caminho inverso, partindo da área do inacente (*programação*) para a do acento (primeiro para o *ajustamento* e, depois, para o *acidente*).

Fazendo um paralelo entre todas as passagens com as categorias aspectuais tensivas, a *manipulação*, cujo risco é controlável, passa para a *programação* na medida em que a regularidade diminui esse risco até a sua total *minimização*. A passagem da *manipulação* para o *ajustamento* se dá por meio de uma diminuição no controle do risco, num *restabelecimento* e, finalmente, o aumento desse risco crescente, por *recrudescimento*, promove a passagem do *ajustamento* para o *acidente*.

Figura 3: Direções tensivas



Fonte: autoria própria

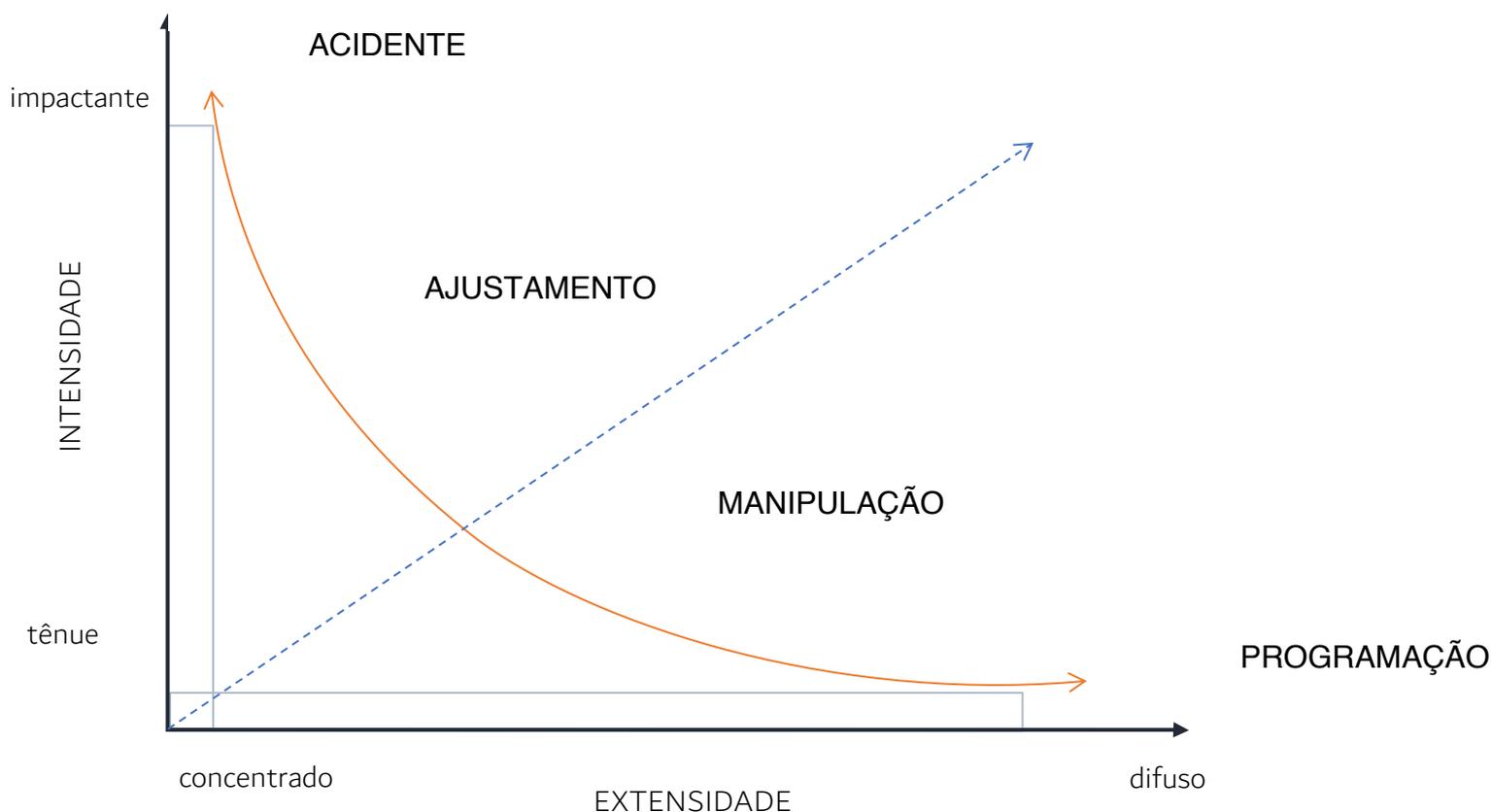
A lógica desse fluxo, que leva em consideração os medidores aspectuais propostos por Zilberberg para descrever as passagens entre os regimes de risco de Landowski, procura respeitar as especificidades de cada uma das teorias. Propomos, assim, um uso articulado do aparato metodológico de cada uma delas sem forçar que

uma ou outra se encaixe no esquema alheio. Propomos, assim, uma alternativa que se instala no intervalo entre a sociossemiótica desenvolvida por Landowski e a semiótica tensiva desenvolvida por Zilberberg.

O nó teórico de tal proposição é a necessária verificação se acidente e acontecimento tem o mesmo estatuto nas duas teorias, uma vez que uma projeção apressada dos percursos identificados até aqui entre os regimes de interação no diagrama tensivo levaria a sobrepor ambos os conceitos no mesmo ponto de intersecção do gráfico – aquele em que há o máximo de intensidade e o mínimo de extensidade. Para (LANDOWSKI, 2014, p. 73), no entanto, o acidente não implica, necessariamente, em uma intensificação do sensível.

O diagrama com uma projeção que ainda não leva em consideração as diferenças entre acidente e acontecimento, bem como não reflete a centralidade do ajustamento na teoria, seria assim representado:

Figura 4: Regimes de interação no gráfico tensivo



Fonte: autoria própria

No gráfico, percebem-se bem os movimentos aspectuais propostos por (ZILBERBERG, 2011, p. 74) e desenvolvidos por (TATIT, 2019, p. 109). Partindo da programação, mobilizada em ascensão, atenua-se o risco e chega-se à manipulação. Dali, um acréscimo de risco faz a passagem para o regime do ajustamento, em que a entrega do sujeito ao sensível, recrudescendo o risco, pode levar ao regime do acidente. Mas, ao contrário do acontecimento tensivo, no lugar das fraturas estésicas definidas por (GREIMAS, 2002), a ideia do autor da sociossemiótica é pensar regimes de interação em que o aleatório não tem nada de sensível (ou em que o sensível não é um componente relevante na produção de sentidos) — e aí estaria o acidente, ou interações em que o sensível, por sua vez, nada tem de aleatório, e aí estaria o ajustamento (LANDOWSKI, 2014, p. 71).

Jacques Fontanille afirma que semiótica tensiva e sociossemiótica são diferentes abordagens para o que ele chama de “incidência sintagmática” (FONTANILLE, 2016, p. 35). Ou seja, ele defende que ambas as abordagens têm como centralidade unificadora o fato de incorporarem na descrição do sentido o inesperado (incidência) em uma narrativa (sintagma). Para nós, no entanto, a centralidade da sociossemiótica não está no acidente, como proposto pelo analista, mas no ajustamento, lugar da inventividade criativa. Em outro artigo, Fontanille projeta o acidente no mínimo de intensidade e extensidade do gráfico tensivo, uma vez que tal regime seria “[...] “somente um hápax factual que não induz a nenhuma adaptação e, por isso, assemelha-se ao lapso e ao ato falho” [...]” (FONTANILLE, 2008, p. 71).

De fato, a “incidência sintagmática” que determina o acidente em sociossemiótica é uma incidência que, segundo (LANDOWSKI, 2014, p. 71), pode passar sem que se preste atenção ao seu absurdo. Trata-se de um evento que interrompe uma certa programação (por isso, na lógica do quadrado, é seu par contraditório), mas que não necessariamente vai mobilizar o sujeito pelo sensível. Tanto assim que Landowski localiza o acidente na zona das coincidências da elipse, explicitando que não há de fato, nesse regime, uma interação propriamente dita, mas apenas o que ele chama de uma “coincidência” (entre programas independentes).

Parece-nos ser possível concluir neste ponto que acontecimento e acidente tem estatutos diferentes e não poderiam ser colocados no mesmo ponto na curva do

diagrama tensivo. Se, de um lado, o acontecimento sempre vai ter pressuposta a afecção sensível do sujeito, no acidente é perfeitamente possível que o sujeito não perceba sensivelmente nada de diferente. Do que se depreende que todo acontecimento é um acidente, mas nem todo acidente é um acontecimento.

O risco controlado, implicado na estabilidade de uma espacialidade e temporalidade estendidas, e de um andamento lento e uma tonicidade sem acento, garante a inteligibilidade e o controle do processo e sua apreensão na regularidade, que é a lógica regente da programação. Tal regularidade, estável por natureza, projeta uma aspectualidade iterativa — é só na repetição que o observador instalado no discurso tem condições de apreender a narrativa como programação (lugar da minimização no ponto de vista da semiótica tensiva). É o lugar enunciativo próprio do Papa no desempenho do papel temático que emerge da regulação institucional. Tanto em semiótica tensiva quanto em sociossemiótica, esse lugar tende a arrefecer os sentidos e se dessemantizar pela monotonia da repetição. Aqui, há uma coincidência entre programação sociossemiótica e exercício tensivo.

Diante da observação analítica do discurso papal, estaremos expostos ao lugar enunciativo do que poderíamos nomear como “tranquilidade discursiva”, em que as regularidades temáticas, regidas por coerções sociais que se figurativizam em papéis temáticos como o do Papa, são da ordem implicativa — espera-se que o Papa seja o Papa, com tais ou tais atitudes e defesas de tais ou tais posicionamentos e ele confirma essas expectativas em gestos, atitudes e discursos enunciados verbais — oralizados ou escritos. Mesmo assumindo posições consideradas inovadoras, o Papa Francisco nunca deixou de ser o Papa, responsável por manter a tradição e a unidade da Igreja Católica.

A manipulação é outro regime que comporta uma estabilidade no processo, mas, no possível diálogo teórico que estabelecemos com as cifras tensivas, propomos que a expansão / abertura ou a retenção / fechamento do espaço-tempo, bem como o ritmo do andamento e a intensidade da tonicidade, dependem agora da intencionalidade, lógica que rege tal regime, de um destinador. A aspectualidade é incoativa na medida em que o fazer manipulatório deve ser apreendido como o que dá início ao processo pela instalação de um querer ou um dever no sujeito da ação.

Em tal dispositivo, o mundo tem um sentido que deve ser lido a partir da distintividade que o configura.

Finalmente, o regime do ajustamento é o que se apresenta com tonicidade intensa e andamento, temporalidade e espacialidade modulados de tal modo que seja possível que os sujeitos parceiros da interação se realizem mutuamente. A aspectualidade no ajustamento é durativa e a relação estabelecida no gráfico tensivo é conversa — quanto mais inteligível, mais sensível, ou vice-versa e, ainda assim, projetando um dízia curso predominantemente concessivo. Aqui, propomos o desdobramento em dois níveis metodológicos de compreensão do que se passa entre as correlações de intensidade e extensidade no diagrama tensivo: um primeiro nível diz respeito à curva no diagrama, no qual o ajustamento inscreve-se numa correlação conversa e, portanto, genericamente implicativa (se o sensível aumenta, o inteligível também aumenta, e vice-versa). Porém, num segundo nível, da previsibilidade discursiva — da “implacável” correlação conversa (ZILBERBERG, 2011, p. 68) —, em que o esperado é que o sensível neutralize o inteligível e vice-versa, operar por ajustamento — promovendo uma inteligibilidade sensível — está no campo concessivo.

Quando olhamos para a imagem do Papa curvado à espera da benção dos fiéis que lotavam a praça de São Pedro, em Roma, no entardecer do dia 13 de março de 2013, a inversão da lógica esperada — ou seja, a que mostraria o Papa abençoando os fiéis curvados na praça, cria um acento de sentido com tonicidade inclinada à ascensão do impacto, por menor, em termos de impacto, que o gesto possa parecer, pois parte-se de um elã já bastante tônico (a apresentação de um novo Papa).

Esse foi o principal gesto do Cardeal Jorge Mario Bergoglio, até então arcebispo de Buenos Aires, capital da Argentina, ao se apresentar na sacada da basílica vaticana após ter sido eleito sucessor do Papa Bento XVI, no governo da Igreja Católica Apostólica Romana. “Peço-vos um favor: antes de o Bispo abençoar o povo, peço-vos que rezeis ao Senhor para que me abençoe a mim; é a oração do povo, pedindo a benção para o seu bispo”, disse Francisco, em italiano.

O gesto, inesperado, instaura uma quebra na narrativa prevista no ritual de apresentação de um novo Papa. Tradicionalmente, o cardeal eleito concede uma benção especial aos fiéis presentes na praça e aos que acompanham o momento

pelos meios de comunicação. A inversão dos papéis entre fiel figurativizado na praça ou à distância, ouvindo e vendo a cena, sujeito à espera daquela benção, e pastor, sujeito com competência para conceder aquela benção e todas as outras, está na lógica da concessividade prevista por Zilberberg (apesar de os fiéis esperarem a benção, é o papa quem, antes, pede uma benção).

O gesto de Francisco potencializa o papel do enunciatário fiel, especialmente o do fiel figurativizado na praça, transferindo-lhe o poder de abençoar o Papa. Juntamente com o acento de sentido tônico imprevisto, o gesto de Francisco constrói-se igualmente com um aumento de extensidade, pois amplia a duração da percepção temporal. É na medida em que o Papa se apresenta, em que ele se deixa conhecer e ser apreendido inteligivelmente pelos fiéis, que igualmente acrescenta sensibilidade ao curvar-se e flagrar-se, no discurso, como um entre outros. a cena enunciativa elaborada em função daquela benção encerra em si uma potencialidade máxima da intensidade do sentir e da extensidade das coisas percebidas, já pela natureza do discurso religioso, que remete ao que é de todos os tempos e lugares – o sagrado, embora humanizado pela voz de Francisco.

Fica estabelecido, portanto, uma correlação conversa no gráfico tensivo, em que o valor se constrói no campo que Zilberberg chamou, como já indicamos, de “lugar da utopia”. Tal correlação permite descrever o regime de interação do ajustamento, proposto concebido por Landowski como aquele que faz aparecer uma “inteligência sensível” entre os sujeitos da narrativa. O esperado era que, ao valorizar o sensível, o discurso de Francisco neutralizasse o inteligível, o que não acontece, uma vez que ele habilmente maneja a interação de tal modo que os elementos simbólicos de todo aquele ritual de apresentação do novo Papa dão-se a conhecer por uma grade de leitura que, no entanto, mantém-se igualmente na ordem da sensibilidade.

No capítulo VI do livro de *Passions sans nom*, intitulado “En deçà ou au-delà des stratégies, la présence contagieuse”, publicado em português em um documento de estudos do Centro de Pesquisas Sociossemióticas com o título *Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa*, (LANDOWSKI, 2005) fornece as bases com as quais desenvolveria o regime do ajustamento a partir da articulação dos conceitos de contágio e estesia. No artigo, o semioticista explica que:

[...] em outras circunstâncias e lugares, no teatro por exemplo, podemos ver grupos inteiros de sujeitos patêmicos rindo ou chorando em um mesmo elã, emudecendo juntos de surpresa ou tremendo de medo, comungando por um momento da mesma alegria ou do mesmo desespero figurado diante deles por meio do discurso e do corpo dos atores na cena. Experiência estética e estésica partilhada, a participação no ato dramático instaura então uma comunidade viva entre os espectadores, fundada em uma proximidade sentida que une os corpos-sujeitos (LANDOWSKI, 2005).

Ao curvar-se e pedir a benção dos fiéis que esperavam a benção dele, Francisco instala-se sensivelmente no campo de presença dos seus enunciatários, que são desafiados a assumir a “voz” do discurso no gesto de abençoar. Cria-se um impacto ascendente que provoca surpresa. O que se vê, então, é o emudecimento da multidão, como prevê Landowski. Não é mais uma relação mediada. Eles não estão apenas manipulados pelo pedido do Papa. Os corpos de enunciador e enunciatário estão articulados na interação, produzindo um novo sentido em ato. Essa interação, cuja tonicidade e o andamento crescem na mesma medida em que se expandem o tempo e o espaço (o gesto rompe, mas é lento e se estende numa temporalidade e numa espacialidade que garantem a manutenção do inteligível), é da ordem da concessão tensiva, numa curva conversa do gráfico, e pode ser percebida como um ajustamento na perspectiva sociossemiótica.

Figura 5: Apresentação do Papa Francisco



Fonte: Print do Youtube

A saudação do novo Papa na sacada da Basílica de São Pedro é a conclusão de um programa narrativo mais amplo, com etapas que garantem unidade rítmica ao

rito: instala-se a surpresa da fumaça branca que anuncia a eleição, segue-se uma espera maior até que se revele o nome do cardeal eleito, a sacada recebe ornamentos e, finalmente, no ápice da narrativa, as cortinas se abrem, como num teatro, para que o novo Papa apareça. Entre a fumaça branca e a abertura triunfal das cortinas, há um acréscimo de tonicidade que coincide com o aumento da duração temporal. Quanto mais a espera se prolonga, mais intensa é a expectativa dos fiéis na praça.

Esse momento de *mise-en-scène* constrói um cenário institucional, garantindo a veridicção da tradição (o anúncio é feito ainda em latim). Aí está o resquício da lógica implicativa, que se mantém. A Igreja aparece como co-Destinador do papel temático “Papa”, prescrevendo todo o ritual, os objetos, o lugar, os paramentos e mesmo o tempo e o andamento em que tudo acontece. Ao assumir a nova função, o Cardeal Jorge Mario Bergoglio deixa marcas pessoais, inclusive as das fragilidades do seu próprio corpo, que, sincretizadas com as marcas da Igreja, projetam seu *ethos* (ALVES, 2018, p. 262).

Figura 6: Cortinas da basílica na apresentação do Papa



Fonte: Prints do Youtube

Trata-se, portanto, de um componente institucional incorporado à noção de *ethos*. Indo para o campo dos estudos da argumentação no discurso (AMOSSY, 2016, p. 149). A partir do qual se perceberia esse *ethos* institucional como pré-discursivo,

propomos compreendê-lo discursiva e semioticamente, o que supõe uma recuperação dialógica de conceitos fundamentais entre a sociossemiótica e a semiótica tensiva, o que também supõe entender esse *ethos* como sujeito de uma ação em curso. É uma posição afim com aquela da Análise do Discurso francesa (AD), na qual Maingueneau considera importante na constituição do ethos a “imbricação de um discurso e de uma instituição”. Maingueneau sublinha que seu projeto “supõe, evidentemente, a rejeição de uma concepção sociológica ‘externa’” (MAINGUENEAU, 2008, p. 120-121). Comungamos com essa formulação do analista francês do discurso.

O *ethos* de Francisco é apreendido pelos fiéis como construção inteligível (com suas prescrições institucionais) e como sensibilidade com inclinação ascendente (mediante suas capacidades de fazer o outro sentir). Ritual, paramentos e objetos simbólicos representativos da Igreja Católica, como a cruz à frente da procissão que se vê na abertura das cortinas, bem como a corporeidade e os gestos próprios de Francisco, não são elementos pré-discursivos, mas o próprio discurso que tem significação e faz sentido para seus enunciatários. Eis a presença que se realiza em cada gesto de Francisco e no conjunto deles, e se dá a ver, enquanto se dispõe de modo próprio diante dos enunciatários, que desempenham, como actante coletivo, o papel de cúmplice de Francisco, tal como é favorecido pelo comportamento papal.

No caso de um Papa, pode-se dizer que a construção desse *ethos* começa na escolha do nome que o Cardeal assume ao ser eleito. É o nome escolhido que se projeta como primeira marca discursiva, num momento em que os Cardeais ainda estão trancados no Conclave, com suas imagens interdidas. Francisco, nome escolhido pelo Cardeal Jorge Mario Bergoglio, antecipou a projeção das intencionalidades da visão de mundo e dos projetos do novo Papa, primeiro latino-americano a alcançar tal posto. São Francisco é um santo bastante popular, inclusive entre não católicos, e tem fama de humildade, de amor pela natureza e preocupação para com os mais pobres.

Para os que conhecem melhor a biografia do santo nascido rico na cidade de Assis, na Itália, ainda há uma informação extra relevante em termos de antecipar as orientações do governo do novo Papa: enquanto rezava diante de um crucifixo, o santo que viveu na Idade Média ouviu por três vezes uma voz que lhe dizia: “Francisco, vai e reconstrói a minha igreja-casa que, como vês, está ruindo”. Pobreza,

meio ambiente e reforma são, portanto, temas que perpassam o pontificado de Francisco desde o início e foram figurativizados já na primeira escolha do Papa argentino pontífice.

É semiotizando esse contexto enunciativo e recortando-o como situação relevante (LANDOWSKI, 1992, p. 150), que se deve olhar para o senhor de passos frágeis e vestido inteiramente de branco que se revela por detrás das cortinas vermelhas colocadas no balcão da Basílica de São Pedro naquele março de 2013. Já aí, Francisco rompe com o programa do rito. Ele escolhe fazer sua primeira aparição portando sobre os ombros a estola (símbolo do poder de um sacerdote) usada por seus antecessores. Veste o paramento apenas na hora de conceder a benção, retirando-o logo depois para concluir sua saudação. Ele também não usa a murça (espécie de sobrecapa que cobre parte dos ombros). Com essas escolhas, reforça a oposição semântica entre simplicidade e luxo, euforizando o simples. Rompendo a rotina, Francisco ressemantiza o mundo (GREIMAS, 2002).

Figura 7: Apresentações dos Papas



Fonte: (LANDOWSKI, 2014, p. 85)

A isotopia da simplicidade ecoa também nos componentes gestual e verbal dessa primeira saudação de Francisco. Depois de caminhar com dificuldade e recorrer

à ajuda de dois auxiliares para subir no que parece ser uma pequena plataforma que o elevava no balcão, o novo Papa argentino acena com moderação para os fiéis na praça. São gestos que não demonstram qualquer triunfalismo ou expressão de vitória, mas apenas uma saudação tímida. Ele recorda, então, “que o dever do Conclave era dar um Bispo a Roma”, e brinca que os “irmãos Cardeais” foram “buscá-lo quase ao fim do mundo”.

Ele não se apresenta como Papa, como líder religioso ou chefe de Estado, mas como mais um bispo entre seus “irmãos cardeais”. “A comunidade diocesana de Roma tem o seu bispo”, diz. De fato, o Papa é o bispo responsável pela Arquidiocese de Roma, mas, ao destacar esse título, Francisco diminui a importância em torno da autoridade que passava a representar. “Iniciamos este caminho, bispo e povo... este caminho da Igreja de Roma, que é aquela que preside a todas as Igrejas na caridade”, afirma, reforçando que sua precedência é “na caridade”.

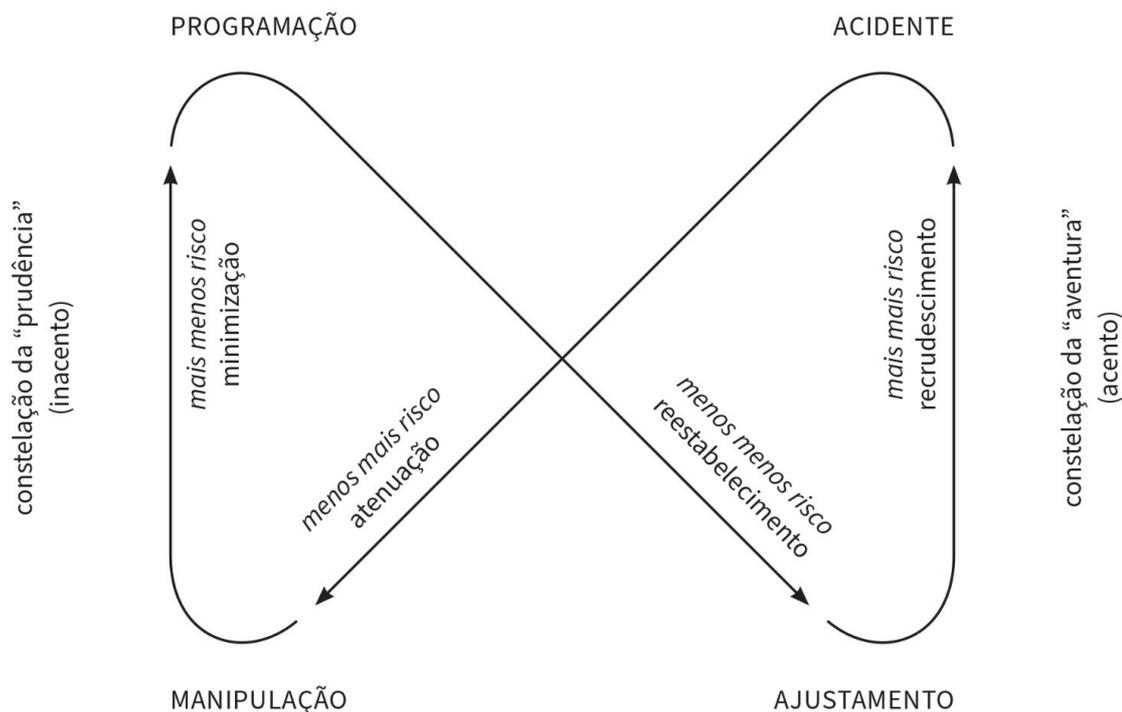
No primeiro discurso, Francisco reforça o aspecto mais local de sua missão – aquele que diz respeito ao fato de o Papa também ser o bispo de Roma e, portanto, uma função aparentemente menos nobre do que a de autoridade máxima do catolicismo em todo o mundo. “Espero que este caminho de Igreja, que hoje começamos e no qual me ajudará o meu Cardeal Vigário, aqui presente, seja frutuoso para a evangelização desta tão bela cidade”. Projeta-se um corpo inclinado à inteligibilidade e à regularidade / implicabilidade do papel temático ligado à autoridade de sumo pontífice e a uma sensibilidade e uma concessividade projetada na figuratividade do bispo (ao trazer para seu discurso a preocupação com Roma, Francisco se coloca como mais um bispo entre os milhares de bispos responsáveis por outras tantas cidades do mundo).

Se a sociosemiótica nos ajuda a reconhecer que o Papa Francisco, em sua apresentação pós-eleição, projeta valores que deslizam entre a programação do rito e o ajustamento dos seus gestos, que mobilizam sensivelmente os parceiros na interação, a semiótica tensiva nos possibilita explicar que essa passagem entre um regime e outro se dá por meio do restabelecimento. Francisco deixa a zona da segurança da regularidade restabelecendo o sensível, o que amplia as possibilidades de construção do sentido e tiram o Papa do conforto da segurança. Saímos da

constelação da prudência (cujo paralelo na semiótica tensiva pode ser chamado de área do inacento) para a constelação da aventura (correspondente à área do acento).

Como o Papa, no entanto, mantém o controle do inteligível, não abrindo possibilidade para nenhuma ruptura com a tradição da Igreja Católica, propomos que o restabelecimento do sensível, ou do risco, nessa passagem entre a programação e o ajustamento, aconteça pelo que Zilberberg chama de “retomada”, ou seja “a retirada de pelo menos um mais”, sem que isso leve ao risco de um recrudescimento por “saturação” (“acréscimo de mais de um mais”), o que implicaria no acidente. Propomos a representação gráfica abaixo para mostrar como as categorias aspectuais, enquanto cifras tensivas, se articulariam na elipse dos regimes de interação.

Figura 8: Categorias aspectuais na elipse dos regimes de interação



Fonte: autoria própria

CAPÍTULO 2 – A voz de Francisco – homilias e mensagens

Considerações iniciais

O caminhar lento, de passos irregulares, e a respiração ofegante deixam flagrar um corpo aparentemente frágil do Papa Francisco¹⁰. Não seu corpo ontológico, aquele do sujeito que habita socialmente o mundo e tem uma biografia, mas o simulacro do seu corpo discursivo, tomado aqui nos aspectos expressivos e figurativos. Interessa a presença desse corpo enquanto efeito de identidade, estabelecido nas relações instituídas no tempo-espaço do vivido nos enunciados analisados, conforme sugere Landowski (2012: 69). Essas relações que constroem a pessoa do discurso, o “eu” que fala, e forjam interações mais ou menos arriscadas (LANDOWSKI, 2014).

Corpo também compreendido como “configuração perceptiva” (ZILBERBERG e FONTANILLE, 2001, p. 124) em torno da qual se delimita um campo de presença, modulado pela oscilação entre o inteligível e o sensível (ZILBERBERG, 2011). Trata-se, além disso, de uma presença vinculada ao papel temático do Papa como ator social contemporâneo, papel regulado pela axiologia do campo religioso em que está implicado.

Falamos, portanto, do corpo do enunciador, compreendido na relação pressuposta, sustento de uma enunciação narrativizada, cuja práxis engloba as situações sociais e interacionais como “contexto semiótico” (LANDOWSKI, 1992, p. 171). Corpo homologado à noção de *ethos*, conforme os estudos de Discini (2015), que inclui a problemática da tensividade nos questionamentos sobre o estilo do ator da enunciação. Nosso recorte teórico circunscreve o outro componente da instância da enunciação, bipartida em enunciador e enunciatário, na figura do enunciatário brasileiro, também ator da enunciação, também instituído como componente do campo presença.

Falamos do sujeito que acessa os discursos do Papa Francisco pela mediação de traduções que acrescentam uma camada extra no *parecer* do simulacro do pontífice¹¹. O cotejo com as versões originais, geralmente apresentadas em italiano,

¹⁰ Vídeo analisado disponível em <https://bit.ly/2ROJyHM>. Acesso em 25 maio 2021.

¹¹ Em muitos casos, um português de Portugal, com sintaxe e léxicos estranhos aos brasileiros.

será mobilizado apenas quando a tradução interferir na interação entre enunciador-enunciatário brasileiro, como nos vídeos em que a voz da tradução simultânea se sobrepõe à voz do Papa.

Na capela da Casa Santa Marta onde celebra missa todas as manhãs, “Francisco”, enquanto sujeito agente da enunciação, dá-se a ver como um padre. A aparente simplicidade da pequena igreja, articulada com os componentes reduzidos da vestimenta do celebrante, que não faz uso, nessas ocasiões, das insígnias litúrgicas papais a que tem direito (férula, pálio e mitra), reforça a isotopia da necessidade de retorno ao essencial do rito – metonímia da necessidade de retorno ao essencial da própria Igreja Católica como instituição. O enunciador papal aparece no discurso instalado como um padre que celebra com seu povo e não como alta autoridade religiosa. Sua posição enunciativa é simétrica à posição dos fiéis que ele, no entanto, lidera.

Em termos dos desdobramentos contemporâneos da semiótica, temos a hipótese de que a figura actorial do papa constrói semioticamente uma identidade que opera na lógica concessiva, no entender de Zilberberg. Procurando iluminar a fronteira entre a semiótica tensiva e a sociossemiótica, destacamos que tal lógica concessiva é regida pela lógica da união na linha proposta por Landowski.

Mantendo o tom de hipótese de trabalho, entendemos que foi assim que o efeito de identidade do Papa Francisco começou a ser apreendido logo após sua eleição para suceder a Bento XVI. Assim também essa mesma identidade discursiva aparece na celebração da missa de 9 de março de 2020, na capela residencial do Papa, quando, instalado no enunciado como simulacro de um “eu”, Francisco avisa que nos dias subsequentes rezaria “pelos doentes dessa epidemia de coronavírus, pelos médicos, enfermeiros, voluntários que ajudam muito, seus familiares, pelos idosos que estão em casas de repouso, e pelos presos”¹².

O discurso papal forja um corpo próximo dos problemas que afligem seus enunciatários, instalados como narratários que ouvem o papa, que partilham com o papa os valores e axiologias que os impregnam e que antes de tudo sentem com o

¹² Disponível em <https://bit.ly/2U5q0Qj>. Acesso em: 25 de maio 2021.

papa o que ele sente, ou seja, sentem como o papa as experiências de um corpo vivo ou de uma presença viva no mundo.

Era a primeira missa do Papa em sua capela residencial transmitida na íntegra pelas redes sociais do Vaticano, uma resposta ao perigo da pandemia que começava a assolar o mundo no início de 2020, e passava a obrigar igrejas a reduzir ou mesmo suspender por completo a participação de fiéis nas celebrações presenciais. No vídeo da referida missa de 9 de março, o corpo ao mesmo tempo frágil e rígido de Francisco gesticulando comedidamente, criando um efeito de introspecção bem diferente daquele engendrado pelo corpo do mesmo Papa em outro vídeo, viralizado no dia 26 de maio de 2021, em que Francisco faz piada com um padre de Campina Grande (PB) que pede oração pelos brasileiros. Com sorriso largo e se aproximando de seu interlocutor, o Papa brincava na ocasião: “Vocês não têm salvação. É muita cachaça e pouca oração”¹³.

As cenas descritas são exemplares do modo como as escolhas que marcam os enunciados do Papa Francisco inscrevem a presença do seu corpo no social, alternando efeitos de rigidez e flexibilidade, de formalidade e informalidade. Paralelamente, o enunciador papal mobiliza o sensível na construção dos sentidos desse corpo como simulacro de um estilo. Esse *ethos*, com voz própria, é identificável na reiteração de elementos, no plano do conteúdo, como a euforização de valores ligados à vida simples (no nível fundamental).

Também numa enunciação pensada no modo do sensível vinculado ao funcionamento da sociedade (LANDOWSKI, 2014), entendemos que há aí o estabelecimento de interações não necessariamente regidas por *intencionalidades* ou *regularidades*, constantes no nível narrativo do percurso gerativo do sentido, tal como pensado pelos fundamentos da semiótica. Nem há aí uma restrição do corpo à figurativização de temas corriqueiros do cotidiano dos enunciatários, tal como pensada tradicionalmente no nível discursivo, as figuras se impregnam do sensível. No plano da expressão, constata-se a articulação de formantes – matéricos, cromáticos, topológicos e eidéticos, mas também gestuais – que são homologados ao simulacro de um senhor octogenário certamente com poder, mas também frágil,

¹³ Disponível em <https://bit.ly/3zlfh4m>. Acesso em: 28 de maio 2021.

humano, limitado e, ao mesmo tempo, muito acessível e bem-humorado. A pregnância sensível da figurativização contribui para que o enunciatário sinta com o papa o que ele sente como presença no mundo.

Como tais elementos são mobilizados e articulados na construção dessa voz própria que emana do discurso de Francisco? De que modo esse corpo discursivo projeta-se no campo de presença dos enunciatários previstos pelo discurso religioso? Ao reconhecer e mobilizar o sensível como componente central na construção do *ethos* do Papa, nossa hipótese é a de que sociosemiótica e semiótica tensiva, tradicionalmente tratadas como inconciliáveis pelas práticas analíticas, podem e devem ser articuladas simultaneamente. Entendemos que, respeitadas as estruturas do pensamento de cada um desses dois desdobramentos da semiótica discursiva, podemos contribuir para potencializar a operacionalidade das análises desses discursos em que o corpo se organiza em gradações do sensível, na composição da inteligibilidade das situações de comunicação.

Neste primeiro capítulo analítico, olhamos para os discursos da voz direta de Francisco, em diferentes gêneros (homilias, mensagens e entrevistas). Consideramos voz direta quando o Papa é o produtor do discurso, o enunciador. Vídeos e fotografias serão usados apenas como estratégia metodológica que nos permitirá considerar elementos da práxis enunciativa do Papa, como sua gestualidade, proxêmica e tom de voz. Manteremos em segundo plano dos nossos interesses analíticos qualquer aprofundamento no exame que seria feito conforme a preocupação analítica com as estratégias do destinador papal. O interesse maior é descrever como o corpo de Francisco se compõe como *ethos*, como o enunciador, cujo papel temático oscila entre o de apóstolo, líder religioso, e o de fiel, simulacro que ele projeta ao dispensar protocolos e se colocar em simetria de posição com os crentes que o seguem.

Certo que os papéis temáticos implicam o desempenho dos papéis actanciais, como o de destinador de valores no nível narrativo. Mas não é essa dimensão semiótica, que pretendemos destacar. Nossa meta é examinar o campo de presença, cotejado nas profundidades figurais, como quer Zilberberg, e como presença sensível orientada pela presença do outro, como pensa Landowski.

2.1. As homilias

Reunimos neste tópico um conjunto de homilias proferidas pelo Papa Francisco, entre 2013 e 2021, em missas privadas, como as que ele celebra na capela de sua residência, e em missas solenes, geralmente celebradas na Basílica ou na praça de São Pedro. A missa é um dos espaços ritualísticos em que melhor se figurativiza o papel temático do Papa como liderança religiosa – um padre (ou O Papa) reza. Segundo o parágrafo 1349 do Catecismo da Igreja Católica Apostólica Romana, a homilia é o momento na missa em que o presidente da celebração exorta o fiel a acolher a “Palavra [leitura bíblica] como o que ela verdadeiramente é, isto é, como Palavra de Deus, e a pô-la em prática [...]” (CATECISMO, 2000, p. 372). Homilia é, portanto, a pregação que o presidente da celebração faz logo após a leitura do Evangelho, no contexto da missa.

A missa, também chamada celebração eucarística, por sua vez, é o rito mais importante da Igreja Católica, e o mais regular e frequente. Marcada por uma série de prescrições próprias da “estabilidade ritualística” (DISCINI, 2015, p. 218), a missa tem um conjunto de regras que vale para o mundo inteiro. Trata-se de uma configuração tal que o fiel pode participar de uma missa no Brasil ou no Japão compreendendo o que está acontecendo, ainda que não entenda o idioma em que o rito está sendo celebrado. O parágrafo 1345 do Catecismo (2020) mostra que o “desenrolar da celebração eucarística” já constava de relatos do ano 155. O documento traz o testemunho de São Justino explicando ao imperador Antonino Pio (138-161) o que os cristãos faziam quando se reuniam:

No dia “do Sol”, como é chamado, reúnem-se num mesmo lugar os habitantes, quer das cidades, quer dos campos. Leem-se, na medida em que o tempo permite, ora os comentários dos Apóstolos, ora os escritos dos Profetas. Depois, quando o leitor terminou, o que preside toma a palavra para aconselhar e exortar à imitação de tão sublimes ensinamentos. A seguir, pomonos todos de pé e elevamos nossas preces por nós mesmos (...) e por todos os outros, onde quer que estejam, a fim de sermos de fato justos por nossa vida e por nossas ações, e fiéis aos mandamentos, para assim obtermos a salvação eterna. Quando as orações terminaram, saudamos-nos uns aos outros com um ósculo. Em seguida, leva-se àquele que preside aos irmãos pão e um cálice de água e de vinho misturados. Ele os toma e faz subir louvor e glória ao Pai do universo, no nome do Filho e do Espírito Santo e rende graças (em grego: *eucharístia*, que significa “ação de graças”) longamente pelo fato de termos sido julgados dignos destes dons. Terminadas as orações e as ações de graça, todo o povo presente prorrompe

numa aclamação dizendo: Amém. Depois de o presidente ter feito a ação de graças e o povo ter respondido, os que entre nós se chamam diáconos distribuem a todos os presentes pão, vinho e água “eucaristizados” e levam (também) aos ausentes. (CATECISMO, 2000, p. 370-371)

Essencialmente, a missa segue essa mesma estrutura até os dias atuais, dividida em duas grandes partes – liturgia da palavra e liturgia eucarística. É na liturgia da palavra que são lidos os textos bíblicos, seguidos da homilia proferida pelo presidente da celebração (CATECISMO, 2000, p. 372). É explicitamente na homilia que o ministro ordenado pode imprimir subjetividade ao rito, pois é ali que ele interpreta as leituras bíblicas. De modo geral, passa-se da tonicidade do texto bíblico, discurso de fundação, para a atonia do discurso de divulgação religiosa (SILVA, 2001). A pregação orienta o texto bíblico para dimensões relativamente inteligíveis, transferindo-o do lugar da manifestação divina para o do cotidiano do fiel.

Não significa, no entanto, que a homilia seja sempre átona. Por meio de estratégias, quem preside a missa projeta-se no campo de presença dos enunciatários-fiéis para ser apreendido, e o faz conforme um modo próprio de dizer. Como ator da enunciação, o homileta maneja regularidades e intencionalidades (princípios regentes dos regimes de *programação* e de *manipulação*) para um *fazer crer* (nas regras do catolicismo, nos mandamentos de Deus etc.) que orienta a um *fazer ser* (um cristão, um fiel católico). A interação em ato entre pregador e fiel pode mobilizar outras competências dos sujeitos implicados (enunciador-enunciatário), pois a missa apresenta-se como um dispositivo de...

[...] alta densidade estética, em torno da qual se articulam formantes do plano da expressão — elementos de uma arquitetura característica e bastante específica do templo (frequentemente com pé direito mais alto), as cores de vitrais que projetam a luz do externo no interno, um cheiro inconfundível de incenso e flores, sons de um coral, de uma orquestra ou de uma pequena banda, os gestos exagerados e desacelerados do padre no momento da consagração, destacados pelo movimento do excesso de panos nos paramentos que cobrem seu corpo. Antes mesmo de se tornarem distintivos inteligivelmente, esses elementos e gestos concorrem para fazer sentido, em ato, sensivelmente, no desenrolar da celebração. (ALVES, 2021)

O cânone 904 do *Código de Direito Canônico* prescreve que os ministros ordenados (padres, bispos e o próprio Papa) celebrem diariamente a missa:

[...] Lembrando-se sempre que no ministério do sacrifício eucarístico se exerce continuamente a obra da redenção, os sacerdotes celebrem

frequentemente; e mais, recomenda-se com insistência a celebração cotidiana, a qual, mesmo não se podendo ter presença de fiéis, é um ato de Cristo e da Igreja, em cuja realização os sacerdotes desempenham seu *múnus principal*. (DIREITO CANÔNICO, 1998, p. 407)

Trata-se, portanto, de um programa narrativo central do discurso vinculado ao catolicismo, no qual o padre/bispo (ou o Papa) tem um papel fundamental (“desempenham o seu *múnus principal*”). Não era comum, até Bento XVI, que o Papa celebrasse a missa diariamente de maneira pública e midiaticizada. As celebrações diárias de um Papa tinham caráter privativo, da ordem do exclusivo, num programa marcado pela *triagem*, operação da sintaxe da extensidade que seleciona excluindo (ZILBERBERG, 2004, p. 72). Antes mesmo da celebração que marcou o início de seu governo, Francisco presidiu duas missas públicas que foram amplamente divulgadas pela mídia.

Depois da posse, o pontífice argentino passou a celebrar diariamente na capela da Casa Santa Marta – espécie de hotel de cardeais que se tornou, com Francisco, a residência oficial do Papa. Ainda que restrita a um grupo pequeno de fiéis, essas missas diárias figurativizam a possibilidade concreta de participação de qualquer pessoa na missa do Papa, que, neste âmbito, passa a operar por um simulacro de *mistura*, relativo à sintaxe da extensidade, em que são construídos valores de universo (ZILBERBERG, 2011, p. 90). Apesar de não permitir, antes da pandemia do coronavírus, que elas fossem transmitidas na íntegra, as celebrações diárias presididas por Francisco mudaram até o modo de a imprensa internacional ter acesso ao pensamento do Papa enquanto figura pública.

Se antes era necessário esperar as duas falas semanais – na audiência geral (às quartas-feiras) e no *Ângelus* (aos domingos) – ou nalguma celebração solene menos regular (*Páscoa*, *Corpus Christi* etc.), as missas diárias na capela Santa Marta passaram a oferecer aos jornalistas falas cotidianas do Papa sobre os mais variados assuntos. Ainda que essa regularidade tendesse a diminuir a intensidade dessas aparições, trata-se sempre do Papa, cuja presença, para os fiéis católicos (enunciatórios previstos do seu discurso), impõe-se, de antemão, como muito tônica, uma vez que ele representa, para além da instituição, o elo de mediação com a divindade.

Pelas regras ritualísticas próprias à organização semiótica da missa, gênero englobante, a homilia é o gênero discursivo, englobado, em que se encontram o corpo e a voz do Papa Francisco com os contornos mais bem delimitados. É do conjunto das homilias que emana o conjunto de ações, ou de performances, que radicam o papel temático do Papa, como um papel regulado institucionalmente, mas também regulador. Prescrito, logo programado, entretanto também programador.

No entanto, como veremos, o apelo sensível que perpassa a condição discursiva de Francisco não deixa de estar presente, em menor grau, em reflexões que rompem com os programas estabelecidos e invertem a implicabilidade suposta. Nas condições sensíveis de assunção desses discursos, tonicidade e andamento recebem leves acentuações que se projetam narrativamente e em termos de formação da presença exposta à alteridade, em interações que oscilam entre pequenos ajustamentos e aberturas para a aleatoriedade do crer. Vislumbra-se um ritmo – fundamentado no papel temático do enunciador papal. Tal ritmo diz respeito à actancialização de temas vinculados à disciplina católica do pensamento, e alinha-se igualmente a uma ruptura estésica, devido ao modo de ser do Papa (modo de ser que se reconhece pela maneira de falar, de vestir-se e de comportar-se peculiares de Francisco).

Um dia após ser eleito Papa, em 14 de março de 2013¹⁴, Francisco celebrou uma missa com os cardeais na capela Sistina – local em que se realizam as votações do Conclave. O Papa destacou na homilia a temática do movimento, que, segundo ele, havia sido explorada nos três textos bíblicos proclamados naquela missa (primeira e segunda leituras, sempre tiradas do Antigo Testamento, e excerto de algum dos evangelhos, do Novo Testamento). Diz o Papa:

Vejo que estas três Leituras têm algo em comum: é o movimento. Na primeira leitura, o movimento no caminho; na segunda Leitura, o movimento na edificação da Igreja; na terceira, no Evangelho, o movimento na confissão. Caminhar, edificar, confessar. (Anexo B, p.3)¹⁵

¹⁴ Homilia disponível em <https://bit.ly/3gu46hg>. Acesso em 20 outubro 2021.

¹⁵ Todos os textos do Papa Francisco citados neste capítulo, salvo indicação em contrário, são das traduções oficiais disponibilizadas no site do Vaticano. A presente tese não problematiza as operações de tradução desses textos e foca seu interesse no enunciatário brasileiro dos discursos do Papa Francisco que acessa o *ethos* de Francisco diretamente por meio dessas traduções oficiais sem possibilidade de cotejá-las com as versões originais.

Por anáforas que retomam ao longo do nível discursivo a representação figurativa dos gestos de caminhar, de edificar e de confessar como figuras do “movimento”, o enunciador papal opera um procedimento comum nas homilias. Para isso, ele passa da isotopia própria do texto bíblico (tônico e com desafios hermenêuticos) para a isotopia temática e figurativa da vida cotidiana (em tese, como prática e estilo de vida, átona e apreensível). Acontece que a isotopia temática e figurativa do discurso impregna-se sensivelmente dos afetos e do elemento sensível, que estão ancorados tanto na semiótica tensiva como na sociossemiótica.

Destacando a frase “Vinde, Casa de Jacob! Caminhemos à luz do Senhor”, da primeira leitura, retirada do livro de Isaías (Is 2,5), o narrador instalado parte dessa exortação ao povo prometido de Israel (Casa de Jacob), para, em seguida, instalar no enunciado um “nós”, demarcado pelo uso da figura que concretiza no discurso o adjetivo possessivo. Tal emprego inclui os fiéis na reflexão – “[...] nossa vida é um caminho [...]” (Anexo B, p. 3). Aparece, então, o corpo do Papa enquanto sujeito manipulador que, no discurso, partilha a voz com os enunciatários. O sujeito manipulador se sustenta, discursivamente, na argumentação feita para convencer que é preciso caminhar por esse caminho, pois, “[...] quando nos detemos [paramos de caminhar], está errado” (idem, p. 3).

Esse *ethos* de Francisco vinculado ao papel temático de líder religioso não se concretiza, no entanto, com um vocativo autoritário. Ao dizer “nós”, o discurso simula a participação com o ouvinte, simula distanciar-se do discurso programador. Comprova esse procedimento a emergência da voz papal em uma formulação mais próxima a um aforismo: “Caminhar sempre, na presença do Senhor, à luz do Senhor, procurando viver com aquela irrepreensibilidade que Deus pedia a Abraão, na sua promessa” (idem, p. 3). Como aforismo, a frase projeta uma máxima e instaura um *dever fazer* suavizado (é dever do cristão viver com a mesma irrepreensibilidade que Deus pedia a Abraão), que confirma a voz papal deslocada do eixo da autoridade hierárquica para a da comunhão de responsabilidades. Comunhão com o outro sugere ajustamento a ele.

Na continuidade da reflexão sobre o “movimento”, operada nessa homilia de Francisco, o enunciado retoma a figura “edificar a igreja”. Não se trata da igreja como templo físico, mas como templo simbólico, constituído por um povo. Esse semantismo

calcado num princípio de movimento pode ser apreendido junto a figuras como as das “pedras vivas”, logo em movimento, na passagem “[...] pedras vivas, pedras unguas pelo Espírito Santo” (Anexo B, p. 3).

Além disso, a significação de Igreja também sofre um deslocamento ou um movimento aparente. A Igreja se desloca da especificidade de sua função no campo religioso para ser tratada por meio de uma personalização ou prosopopeia. A Igreja é a “esposa de Cristo” (idem). Com o movimento, a tonicidade recrudescer, na medida em que o Papa releva na homilia essa personificação já existente no texto sagrado. O texto sagrado, com discurso de fundação, não deixa de iluminar o elemento sensível que compõe a figura actorial do papa na sua prática de condutor dos fiéis.

Sobre o “movimento” como “confessar”, o “eu” do discurso projeta-se novamente na regularidade do papel temático de liderança religiosa, exortando os fiéis para a prática da confissão. A estratégia enunciativa é apontar para o perigo de uma vivência que não testemunhe a fé em Jesus Cristo – “Tornar-nos-emos uma ONG sócio-caritativa, mas não a Igreja [...]” (idem, p. 3).

Novamente o enunciado apresenta anáforas para rearticular as três figuras identificadas como pluralidade de significados do “movimento” nas leituras bíblicas daquela missa:

Quando não se caminha, ficamos parados. Quando não se edifica sobre as pedras, que acontece? Acontece o mesmo que às crianças na praia quando fazem castelos de areia: tudo se desmorona, não tem consciência. Quando não se confessa Jesus Cristo, faz-me pensar na frase de Léon Bloy: “Quem não reza ao Senhor, reza ao diabo” (Anexo B, p. 3).

É importante recordar que se trata da primeira missa de Francisco com os cardeais que o elegeram Papa, apenas um dia após a sua eleição e antes mesmo de sua posse. Os enunciatários-fiéis estão actancializados e figurativizados como cardeais, função da mais alta hierarquia católica. Projeta-se o *ethos* programado do líder religioso. Programado, mas não absolutamente. Pelo modo de dizer, temos indicações de um sujeito que incorpora o papel institucional, mas que se mantém na ordem do ajustamento ao outro. Alteridade a que se ajusta implica movimento, não um corpo estático ou rígido. Paralelamente, a reflexão feita no nível do enunciado é uma reflexão sobre a própria identidade daquela Igreja que o argentino estava

assumindo em ritmo que procura harmonizar o inteligível e o sensível que sustentam as práticas de fé.

Tanto assim que, na sequência da homilia, os problemas da Igreja enquanto instituição são figurativizados como “[...] abalos, [...] movimentos que não são os movimentos próprios do caminho, mas movimentos que nos puxam para trás” (Anexo B, p. 3). É preciso que esses contra-programas não prevaleçam sobre o programa, e a prescrição do enunciado papal é a recomendação de olhar para o Evangelho para encontrar o testemunho do apóstolo Pedro, que confessou Jesus com palavras e sem a cruz.

Ainda que a tradição da Igreja considere os bispos sucessores dos discípulos e o Papa sucessor do apóstolo Pedro, a voz instalada pelo enunciador Francisco relativiza essa autoridade. No enunciado da homilia, se depreende o simulacro de um sujeito que diz que Igreja não pode caminhar nem edificar sem a cruz, bem como sem confessar Cristo, pois “[...] não somos discípulos do Senhor: somos mundanos, somos bispos, padres, cardeais, Papas, mas não discípulos do Senhor” (Anexo B, p. 4). O tema da autoridade do Papa será retomado na homilia da missa da posse de Francisco.

A homilia de 14 de março é finalizada com a projeção de um desejo do novo Papa:

Eu queria que, depois destes dias de graça, todos tivéssemos a coragem, sim, a coragem, de caminhar na presença do Senhor, com a cruz do Senhor; de edificar sobre o sangue do Senhor, que é derramado na Cruz; e de confessar como nossa única glória Cristo Crucificado. E assim a Igreja vai para diante (idem, p. 4).

Aparentemente, é um tom de voz institucional e, portanto, perfectivo, num corpo acabado e regulado. Mas há um desvio! O uso do pretérito imperfeito (“eu queria”) no lugar do presente (“eu quero”) é uma embreagem temporal (FIORIN, 1999) que cria efeito de humildade na voz. Mas a humildade não é apenas composta no nível discursivo com figura restrita a tal nível. Ele é sentida pelo papa e é sentida com o papa, na comunicação papa/fiel, estabelecida como uma interação arriscada.

Apesar do lugar institucional preservado, Francisco desfaz o tom propriamente institucional, por meio do qual a voz papal tinha de ser registrada na dissimetria de

lugares – o Papa, sempre no alto, o ouvinte, em lugares inferiores. “Eu queria” desestabiliza essa lógica.

O “nós”, instalado no discurso como voz do Papa unida à voz dos fiéis, pede a intercessão de Maria, “[...] nossa Mãe [...]” para que o “[...] o Espírito Santo conceda a todos nós esta graça: caminhar, edificar, confessar Jesus Cristo Crucificado. Assim seja”. Prevaecem o programa e a manipulação, na implicação de que “[...] assim a Igreja vai para frente” (idem). Mas há, paralelamente, e não sem tensão de presença, a voz mundana/humana de Francisco, que pede auxílio à Nossa Senhora (figurativizada simplesmente como Maria).

Na missa de início do pontificado de Francisco, realizada no dia de São José, 19 de março de 2013, aparecem na homilia temáticas que atuam com regularidade na construção do *ethos* do Papa. Logo no início da missa, celebrada festivamente com grande presença de fiéis e autoridades civis na praça de São Pedro (Roma), Francisco homenageou Bento XVI, cujo onomástico era celebrado naquele mesmo dia¹⁶. A menção ao nome do antigo Papa, por quem Francisco revelou “estima e gratidão”, na primeira frase da homilia, foi recebida com muitos aplausos pelos fiéis que lotavam a praça¹⁷ (Anexo C, p. 5). Constata-se no aplauso desenvolvido ao vivo o princípio sensível que comanda a interação entre papa e fiéis na ordem da comunhão incontornável de corpos.

É preciso recordar que Bento XVI havia renunciado após uma série de escândalos sexuais envolvendo membros do clero, com denúncias e suspeitas de conivência da hierarquia em muitos casos. Apesar de oficialmente ter justificado a renúncia em função de sua fragilidade física, o gesto de Bento XVI foi marcado por especulações sobre possíveis rompimentos importantes na Igreja como instituição. Num momento fortemente marcado por essa ambiência polêmica, o gesto de trazer a figura do antigo Papa para uma jornada que se iniciava pode ser caracterizado como estratégico na construção de um perfil que garanta, ou ao menos projete um simulacro de continuidade com a tradição, valor importante para o enunciatário-católico.

Na missa de posse aparece o *ethos* de Francisco tangenciado por um posicionamento social claro. Com autoridades civis presentes entre os fiéis, o

¹⁶ Na Itália, é comum celebrar o dia dedicado a um santo que tem o mesmo nome da pessoa. O nome de Batismo de Bento XVI é Joseph e, portanto, seu onomástico é celebrado no dia de São José.

¹⁷ Disponível em <https://bit.ly/3pNpiDb>. Acesso em 10 maio 2021.

enunciador papal maneja no discurso a estratégia de estabelecer um paralelo entre a situação enunciativamente narrada numa leitura bíblica (Herodes que manda matar as crianças) e a situação enunciativa vivida pelos seus enunciatários – “Infelizmente, em cada época da história, existem ‘Herodes’ que tramam desígnios de morte, destroem e deturpam o rosto do homem e da mulher”. Instalando o enunciatário no enunciado, o “nós” discursivo faz um pedido diretamente aos que “ocupam cargos de responsabilidade em âmbito econômico, político ou social”, sem deixar de expandir o mesmo pedido “a todos os homens e mulheres de boa vontade” (Anexo C, p. 7):

Sejamos “guardiões” da criação, do desígnio de Deus inscrito na natureza, guardiões do outro, do ambiente; não deixemos que os sinais de destruição e morte acompanhem o caminho deste nosso mundo! Mas, para “guardar”, devemos também cuidar de nós mesmos. Lembremo-nos de que o ódio, a inveja, o orgulho sujam a vida; então guardar quer dizer vigiar sobre os nossos sentimentos, o nosso coração, porque é dele que saem as boas intenções e as más: aquelas que edificam e as que destroem. Não devemos ter medo de bondade ou mesmo de ternura (idem).

O trecho citado é marcado por uma série de gestos corporais do Papa que incrementam o elã que impele toda significação veiculada¹⁸. Quando Francisco reforça que o “guardar” deve estar ligado ao cuidado de “nós mesmos”, vê-se o Papa desviar o olhar das folhas que estão sob o púlpito, nas quais ele lê o texto da homilia, para os fiéis presentes na praça. Flagramos, então, a intensificação da presença do corpo sensível do Papa ao vê-lo aumentar o tom da voz e gesticular enquanto pronuncia a frase: “Não devemos ter medo de bondade, ou mesmo de ternura”. Os fiéis apreendem esse aumento de intensidade do discurso e ajustam-se ao corpo do Papa, reagindo com aplausos. Há um pequeno instante em que os limites dos papéis actanciais se borram e emerge o sensível na experiência do sentir o sentir do outro.

Esboça-se uma “inteligência do sensível” (LANDOWSKI, 2014, p. 47), que pode ser compreendida, segundo nossa hipótese de trabalho, também a partir do quadro de uma correlação conversa do gráfico tensivo. No mesmo tempo em que se vai dando a conhecer inteligivelmente, o Papa projeta sua “competência estésica” (LANDOWSKI, 2014, p. 50). Desse modo ele desenvolve o contágio, como gesto reativo de seus enunciatários. Tal contágio não se concretiza plenamente no exemplo ora analisado, mas já aponta para a possibilidade de depreensão do que a semiótica

¹⁸ Vídeo da homilia disponível em <https://bit.ly/3cEqDGX>. Acesso em 10 maio 2021.

tensiva vai propor como “utopia” (ZILBERBERG, 2011, p. 69) ou como “valores de apogeu” (ZILBERBERG, 2015, p. 66). Constatamos aí um paralelismo entre o regime do ajustamento e a correlação inversa do gráfico tensivo. Essa possibilidade de apreensão analítica sustenta a hipótese central de nossa tese.

A preocupação de Francisco com o meio ambiente, que se explicitaria com o lançamento da carta encíclica *Laudato Si*, conhecida como “encíclica verde”, na qual o argentino fala sobre o “cuidado da casa comum”, é abordada quando o Papa comenta sobre a esperança de Abraão, que acreditou “para além do que se podia esperar” (Rm 4,18), relatada pelo apóstolo Paulo na segunda leitura daquela missa. “Com uma esperança para além do que se podia esperar!”, repete o Papa, que traça um paralelo entre essa esperança de Abraão com o vivido “também hoje”: “perante tantos pedaços de céu cinzento, há necessidade de ver a luz da esperança e de darmos nós mesmos esperança”. (Anexo C, p.7).

Mas a esperança de Francisco é concretizada por meio da figurativização de gestos como “guardar a criação, cada homem e cada mulher, com um olhar de ternura e amor” (idem). O Papa também figurativiza a esperança como “abrir um rasgo de luz no meio de tantas nuvens” e como “calor” (idem). De novo, no vídeo o tom da sua voz se eleva e seu gesto é brusco, como se abrisse no ar o rasgo de luz do qual falava. Em seguida, ele se coloca em posição de igualdade com seu enunciatário-fiel, ao lembrar que para o crente, “para nós cristãos”, “[...] a esperança que levamos tem o horizonte de Deus que nos foi aberto em Cristo [e] está fundada sobre a rocha que é Deus”. Ao colocar-se na posição de fiel, operação explicitada no uso do dêiticos “nós”, e na conjugação de “levamos”, ouve-se a voz do Papa como a voz de um igual.

Francisco reforça esse posicionamento enunciativo ao refletir sobre a abrangência da posição de autoridade que estava assumindo, começando por reconhecer-se dono de um poder: “[...] celebramos o início do ministério do novo Bispo de Roma, Sucessor de Pedro, que inclui também um poder” (Anexo C, p. 7). Poder explicitamente figurativizado no papel temático de “Sucessor de Pedro”. O Papa, porém, faz uso de uma embreagem actancial, com a neutralização da oposição entre o “eu” que fala e o “ele” de quem se fala. Francisco é o “bispo de Roma” e o “sucessor de Pedro” e, portanto, está usando a terceira pessoa no lugar da primeira. Tal procedimento projeta um enunciador que se esvai “de toda e qualquer subjetividade”

e se apresenta “apenas como papel social” (FIORIN, 1999, p. 86). No caso de Francisco, tal uso cria o efeito de distanciamento desse poder, que se projeta mais como compromisso institucional do que como apego pessoal. No distanciamento ao poder programado institucionalmente, toma lugar a interação de risco entre fiel e Papa, orientada por um princípio de ajustamento sensível.

Em seguida, o novo Papa recorda que “é certo que Jesus deu um poder a Pedro”, mas imediatamente faz uma pergunta retórica: “Mas de que poder se trata?” (Anexo C, p.7). No raciocínio de Francisco, como sucessor de Pedro o Papa também é questionado três vezes por Jesus sobre o amor que nutre pelo mestre¹⁹, questionamento seguido, segundo ele, por um convite: “apascenta meus cordeiros, apascenta minhas ovelhas” (idem). A inclusão desse desencadeador de uma nova isotopia neste discurso, a do serviço do pastor de ovelhas, é estratégica e prepara o terreno para a tese central de Francisco sobre a questão: “Não esqueçamos jamais que o verdadeiro poder é serviço, e que o próprio Papa, para exercer o poder, deve entrar sempre mais naquele serviço que tem o seu vértice luminoso na Cruz”. Aqui, novamente ele foi interrompido pelos aplausos dos fiéis.

Francisco figurativiza, então, o poder do Papa como um dever e se põe na posição não de Pedro, mas de José, carpinteiro pobre:

[O Papa] deve olhar para o serviço humilde, concreto, rico de fé de São José e, como ele, abrir os braços para guardar todo o Povo de Deus e acolher, com afeto e ternura, a humanidade inteira, especialmente os mais pobres, os mais fracos, os mais pequeninos, aqueles que Mateus descreve no Juízo final sobre a caridade: quem tem fome, sede, é estrangeiro, está nu, doente, na prisão (cf. Mt 25, 31-46). Apenas aqueles que servem com amor capaz de proteger (Anexo C, p. 7).

Mais uma vez, no vídeo constata-se que Francisco eleva o tom e gesticula ao falar dos “mais pobres”, e novamente faz com que os fiéis reajam com aplausos.

Antes ele já havia falado sobre São Francisco de Assis, inspiração para a escolha do seu nome como Papa. O exemplo do santo, na opinião dele, ajuda a entender a necessidade de cuidar do mundo como casa comum não como uma

¹⁹ Os três evangelistas abordam o episódio em que Pedro é questionado por Jesus sobre seu amor por ele. Mesmo declarando fidelidade incondicional ao mestre, o discípulo é advertido de que negará Jesus por três vezes antes daquele dia terminar. Em João 21, 15-17 está explicitado o diálogo. (BÍBLIA, 2010, p. 1339-1340)

vocação exclusiva dos cristãos, mas que tem “[...] uma dimensão antecedente, que é simplesmente humana e diz respeito a todos” (idem, p. 6). A frase é acompanhada por um gesto que reitera o sentido englobante de “todos”. Olhando para os fiéis presentes na praça, Francisco sinaliza a amplitude da tarefa, especificando-a: “guardar a criação inteira, a beleza da criação, como se diz no livro de Gênesis” e “ter respeito por toda criatura de Deus e pelo ambiente onde vivemos” (idem). Um “cuidar” expansivo, mas que se figurativiza especialmente na atenção “das crianças, dos idosos, daqueles que são mais frágeis e que, muitas vezes, estão na periferia do nosso coração” (idem).

O dêitico da primeira pessoa do plural aparece não como sujeito majestático, muito usado por Papas, mas como sujeito englobante – sempre que usa o “nós”, Francisco se coloca em posição equivalente à do fiel para quem ele está pregando. É por isso que seu pedido tem mais força persuasiva, pois emana do discurso um corpo que sente o que o corpo do seu enunciatário está sentido – o Papa também tem “periferias do coração” (idem), e igualmente precisa cuidar para que os mais frágeis e os que mais precisam da sua caridade não sejam esquecidos lá.

A preocupação com a pobreza atravessa toda a construção do *ethos* de Francisco e se concretiza em diferentes figuras nos variados discursos analisados. As homilias das missas de Natal são exemplares dessa pluralidade figurativa que recobre esse mesmo tema. Como as leituras da missa celebrada nas noites natalinas sempre recordam o contexto do nascimento de Jesus – José e Maria, grávida, viajaram de Nazaré a Belém para o recenseamento e, não tendo encontrado hospedagem, Maria deu à luz em um estábulo, conforme relato de Lucas 2, 1-7 (BÍBLIA, 2010, p. 1271) – o Papa sente-se à vontade para convocar nessas ocasiões situações da contemporaneidade como a dos migrantes rejeitados em países europeus ou a presença de pessoas morando nas ruas das grandes metrópoles, para convencer os fiéis de que a resposta dos cristãos a esses problemas “[...] não pode ser diferente da que Deus dá à nossa pequenez”²⁰ (Anexo D, p. 10).

No Natal de 2013, primeiro celebrado por Francisco na Basílica de São Pedro, o Papa destacou no início da homilia uma profecia de Isaías para articular o restante

²⁰ Homilia proferida pelo Papa Francisco na “Solenidade do Natal do Senhor” no dia 24 de dezembro de 2014. Disponível em <https://bit.ly/3wyjiXy>. Acesso em 10 maio 2021.

da sua reflexão – “o povo que andava nas trevas viu uma grande luz” (Is 9, 1)²¹. Segundo ele, tal profecia exprime uma “realidade profunda daquilo que somos: somos um povo em caminho, e ao nosso redor – mas também dentro de nós – há trevas e luz” (Anexo E, p. 12). Essa oposição entre luz e treva perpassa toda a pregação e logo se constrói uma homologação entre a luz como presença e a treva como ausência de Deus.

Francisco introduz, então, duas figuras que desencadeiam duas perspectivas de leitura na mobilização de seu enunciatário – primeiro, recorda que a história é marcada por alternâncias entre “povo peregrino” (luz) e “povo errante” (treva), para, logo depois, relacionar essa alternância que acontece na história genérica da humanidade àquela que acontece na “nossa história pessoal” (idem, p. 13). “Se amamos a Deus e aos irmãos, andamos na luz; mas, se o nosso coração se fecha, se prevalece em nós o orgulho, a mentira, a busca do próprio interesse, então calam as trevas dentro de nós e ao nosso redor” (idem). Vale reiterar que essa debreagem actancial enunciativa, identificável pelo dêitico “nós” e pelos verbos conjugados na primeira pessoa do plural, desloca o Papa da sua posição de autoridade para a posição dos fiéis. O “nós” engloba discursivamente o corpo do Papa e o corpo dos fiéis, ambos sensivelmente ajustados à percepção da própria fragilidade e ambos propensos ao orgulho, à mentira e à busca do próprio interesse.

São nesses momentos que podemos flagrar o corpo sensível de Francisco fincado na acentuação tensiva, orientada por um andamento e por uma tonicidade elevados. E é interessante perceber como essa intensificação do sensível, projetada pela simetria actancial inesperada entre enunciador e enunciatários, rompe, como uma fratura (GREIMAS, 2002, p. 21-65), a regularidade presumida do papel temático no contexto regulado do rito. É, portanto, uma operação concessiva (ZILBERBERG, 2011, p. 98-100) que, espelhada na organização das interações sociossemióticas, faz deslizar uma aparente oscilação estável entre *manipulação* e *programação* para uma outra, mais arriscada, entre *ajustamento* e *acidente*. Eis aqui um comprovante de que nossa tese de trabalho é plausível e encontra rendimento na análise semiótica.

²¹ Homilia proferida pelo Papa Francisco na “Solenidade do Natal do Senhor” no dia 24 de dezembro de 2013. Disponível em <https://bit.ly/3xgjsfW>. Acesso em 10 maio 2021.

O corpo de Francisco dá-se a ver como o corpo do Papa, ou seja, um ator social, institucional, e sensível, movido por emoções e afetos peculiares. O simulacro preponderante que se projeta nas missas é o da constância do papel temático da figura actorial radicada na instituição igreja católica. Entretanto, nem quando o gênero discursivo apresenta uma coerção mais rígida, quanto a sua composição, sua temática e seu estilo (DISCINI, 2012), a figura actorial deixa de emergir segundo um corpo que tem competência estésica. É a competência para modular interações que forjam uma interação face a face com os fiéis, ainda que seja uma sensibilidade a serviço de intencionalidades e de regularidades. Neste caso, as cifras tensivas nos ajudam a compreender melhor as passagens entre essas modulações, conforme a hipótese nuclear de nossa tese.

Na continuidade da homilia da missa do Natal de 2013, Francisco fala sobre Jesus como “amor feito carne” (Anexo E, p. 13), destacando que Jesus não é apenas “um mestre de sabedoria” e nem um “ideal para o qual tendemos e do qual sabemos estar inexoravelmente distantes” (idem). Jesus é, segundo o Papa, “o sentido da vida e da história que pôs sua tenda no meio de nós” (idem). Desse modo de dizer, ao apresentar Jesus, emerge do enunciado papal uma voz que valoriza o caráter humano e compartilha as fragilidades dos fiéis que buscam a Deus, ainda que tenham consciência da sua pequenez diante do divino – “sabemos estar inexoravelmente distantes” (Anexo E, p. 13). Francisco apresenta, então, a figura dos pastores como “marginalizados” da contemporaneidade de Jesus. “Foram os primeiros, porque estavam entre os últimos” (idem). Então o Papa coloca a si mesmo e a seus enunciatários lado a lado desses marginalizados, “com eles”, “diante do Menino [Jesus]” (idem).

Nessa passagem, Deus é instalado como enunciatário, delegado na voz do narratário, numa relação eu-tu. Entretanto o reiterado uso da primeira pessoa do plural, que coloca o Papa na mesma posição dos fiéis (portanto, numa relação nós-tu), confirma a simetria dos lugares evocados para o sujeito ocupar no mundo. É um modo de dar voz aos fiéis nesse diálogo com Deus. “Nós Vos bendizemos, Senhor Deus Altíssimo, que Vos humilhastes por nós. Sois imenso, e fizestes-Vos pequenino; sois rico, e fizestes-Vos pobre; sois onipotente, e fizestes-Vos frágil” (Anexo E, p. 13).

A homilia é encerrada com o Papa repetindo para os fiéis o que Deus disse à humanidade, segundo Lucas 2, 10 (BÍBLIA, 2010, p. 1270):

Não temais! O nosso Deus é paciente, ama-nos, dá-nos Jesus para nos guiar no caminho para a terra prometida. Ele é a luz que ilumina as trevas. Ele é misericórdia: o nosso Pai perdoa-nos sempre. Ele é a nossa paz. Amém! (Anexo E, p. 13).

Prevalece novamente, portanto, a voz radicada no papel temático, que remete a um papel social – a do “pescador de homens”, título conferido ao apóstolo Pedro por Jesus, segundo Lucas 5, 10 (BÍBLIA, 2010, p. 1276). Esse papel é flagrado na manipulação que o discurso papal opera para fazer os enunciatários-fiéis crerem em Jesus. Trata-se, no entanto, de um fazer manipulatório que mobiliza um gradual ascendente de tonicidade e andamento quando o enunciador se inclui, em primeira pessoa, nessa mesma busca pelo crer.

Vislumbramos aqui nossa tese apontado para uma novidade – tanto a intensidade do sentir, como o sensível apreendido das interações entre o Papa e os fiéis impregnam tema e figura do discurso de sensibilidade, tratada tanto por Zilberberg quanto por Landowski, cada qual com seus parâmetros teóricos, que procuramos aproximar.

A oposição luz-treva volta a aparecer na homilia da missa do Natal do ano seguinte²². Desta vez, Francisco classifica como um “obscuro momento[...]” “[...] o primeiro crime da humanidade, quando a mão de Caim, cego pela inveja, feriu de morte o irmão Abel (cf. Gn 4,8)” (Anexo D, p. 9). Apesar da decepção de Deus, “que havia posto suas expectativas no homem feito à sua imagem e semelhança”, ele espera. “Deus esperava”, insiste o Papa (idem). A chave de leitura do relato dessa cena vira quando Francisco instala Deus à espera não da reconciliação do vivido na Bíblia, mas do vivido na história da própria humanidade, marcada por “[...] violências, guerras, ódios, prepotência” (idem). Deus não espera mais pela redenção do distante Caim, ator de quem se fala, mas pela redenção do homem como categoria na qual estão inclusos o próprio Papa e seus enunciatários, o ator que fala. Trata-se, portanto,

²² Homilia proferida pelo Papa Francisco na “Solenidade do Natal do Senhor” no dia 24 de dezembro de 2014. Disponível em <https://bit.ly/3wyj1Xy>. Acesso em 10 maio 2021.

de um argumento mais sensível na estratégia de manipulação empreendida. Falar em argumento mais ou menos sensível, para o que nossa tese se volta, parece ser uma novidade nos estudos semióticos.

O Papa mostra como a lógica de Deus não opera na ordem da implicação, o que seria facilmente compreendido, mas na da concessão. Apesar de todos os motivos que o levavam a desistir, Deus “continuou a esperar pacientemente face à corrupção de homens e povos” (Anexo D, p. 10). E por ser concessiva, a paciência de Deus “é difícil [de] compreender” (idem). Francisco apresenta, portanto, um “sagrado *concessivo*”: “participativo, distributivo, [...] caritativo” e que está em oposição a “um sagrado fechado, involutivo, que opera por recrudescimento e que leva a um excedente de concentração” (ZILBERBERG, 2011, p. 147).

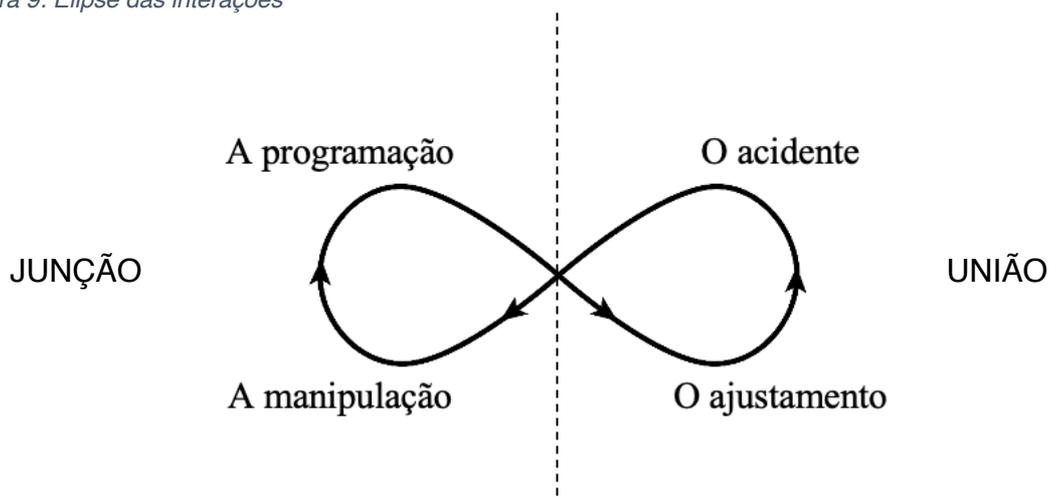
Ao propor esse sagrado concessivo, o “eu” discursivo faz emergir o corpo de Francisco como identidade também concessiva, intersecção com o princípio do ajustamento. Uma identidade que oscila, de um lado, entre o papel temático da programação e a competência modal da manipulação, e, de outro, entre o papel catastrófico do acidente e a competência estésica do ajustamento, conforme esquema apresentado na elipse das interações (LANDOWSKI, 2014, p. 80). Esses regimes modulam riscos, que procuramos identificar a partir das cifras tensivas. É um risco controlado, implicado na estabilidade de uma espacialidade ampliada e numa temporalidade duradoura. Simultaneamente, toma lugar, nas relações de tensividade, um andamento lento e uma tonicidade sem acento.

Assim se garante a inteligibilidade e o controle do processo e sua apreensão na *regularidade*, que é o princípio regente da programação (na lógica da junção). Tal regularidade estável projeta uma aspectualidade iterativa – é só nessa repetição que o observador instalado no discurso tem condições de apreender a narrativa como programação. É o lugar enunciativo próprio do Papa no desempenho do papel temático que emerge da regulação e da tradição institucionais. Tanto em semiótica tensiva quanto em sociossemiótica, esse lugar tende a arrefecer os sentidos e se dessemantizar pela monotonia da repetição.

A manipulação é outro regime que comporta uma estabilidade no processo, mas a expansão/abertura ou a retenção/fechamento do espaço-tempo, bem como o ritmo do andamento e a intensidade da tonicidade, dependem agora da

intencionalidade, princípio que rege tal regime, de um destinador. A aspectualidade é incoativa na medida em que o fazer manipulatório deve ser apreendido como o que dá início ao processo pela instalação de um querer ou um dever no sujeito da ação. Em tal dispositivo, o mundo tem um sentido que deve ser *lido* a partir da distintividade que o configura (LANDOWSKI, 2020, p. 22).

Figura 9: Elipse das interações



Fonte: autoria própria/ (LANDOWSKI, 2014)

Do outro lado da elipse, o primeiro regime implicado pela lógica da união, o do acidente, é marcado pela conjunção entre um tempo não duradouro e um espaço concentrado, além de um andamento acelerado e uma tonicidade intensa, pois ele se instala imediatamente como terminatividade na ruptura que lhe dá vida. É o risco puro da aleatoriedade, princípio que regula o regime do acidente, risco do incontrollável – não frequente no gênero do discurso religioso²³. Finalmente, ainda na lógica da união, o regime do ajustamento é o que se apresenta com tonicidade intensa e andamento, temporalidade e espacialidade modulados de tal modo que seja possível que os sujeitos parceiros da interação se realizem mutuamente (LANDOWSKI, 2014, p. 52). A aspectualidade é durativa e a relação estabelecida no gráfico tensivo é conversa – quanto mais inteligível, mais sensível, ou vice-versa (ZILBERBERG, 2015, p. 66).

²³ Exceção quando tal regime é percebido como assentimento. Landowski realiza um estudo com tal perspectiva no artigo *Shikata ga nai ou Encore un pas pour devenir vraiment sémioticien!* (2012).

Ainda na homilia da missa do Natal de 2014, aparece outro tema recorrente dos discursos de Francisco – o da crise de individualidade que exacerba problemas subjetivos (como a depressão) e sociais (como a miséria). Depois de insistir na reflexão sobre a incompreensibilidade da lógica de um Deus que se faz frágil ao assumir a condição humana, o Papa questiona a capacidade que “temos” de acolher, “com ternura”, “as situações difíceis e os problemas de quem vive ao nosso lado”, ou, se pelo contrário, “preferimos as soluções impessoais, talvez eficientes, mas desprovidas do calor do Evangelho?” (Anexo D, p. 10). O tema volta na homilia natalina do ano posterior²⁴ revestido na figura de uma “sociedade frequentemente embriagada de consumo e prazer, de abundância e de luxo, de aparência e narcisismo” (Anexo F, p. 15). A resposta do cristão, segundo o Papa, deve ser com um “comportamento sóbrio, isto é, simples, equilibrado, linear, capaz de individuar e viver o essencial” (idem).

Assim, o discurso de Francisco opera fazendo apelo à lógica da concessão – a sociedade é individualista, mas o cristão deve estar atento à comunidade; a cultura cobra o luxo, mas o cristão deve buscar o essencial. Esse imperativo concessivo também se estende à moral – “num mundo que demasiadas vezes é duro com o pecador e brando com o pecado, há necessidade de cultivar um forte sentido da justiça, de buscar e pôr em prática a vontade de Deus” (Anexo F, p. 15). Tal formulação não deixa de projetar a força da intencionalidade do gesto papal – o sentido de justiça não é o de qualquer justiça, mas daquela que coloca em prática a “vontade de Deus” (idem).

O enunciado papal propõe um valor explicitamente definido, com força de persuasão calcada numa tonicidade elevada, pois invade o campo de presença do enunciatário com questões corriqueiras, próximas do seu universo cotidiano. O discurso figurativiza a crise da individualidade contemporânea não como questão filosófica distante, mas na concretude de uma “cultura da indiferença, que não raramente acaba por ser cruel” (idem). O fiel reconhece situações em que ele próprio teria agido, pela implicabilidade, nessa lógica do mundo. É, então, surpreendido com a proposta do Papa para que aja numa dinâmica contrária – compondo para si um

²⁴ Homilia da missa da Noite de Natal celebrada pelo Papa Francisco na Basílica São Pedro, no dia 24 de dezembro de 2015. Disponível em <https://bit.ly/3wpSN0m>. Acesso em 11 maio 2021.

estilo de vida que seja “cheio de piedade, empatia, compaixão, [e] misericórdia, extraídas diariamente do poço de oração” (idem).

No Natal de 2016²⁵, a figurativização da lógica concessiva de Deus é ainda mais explícita:

[...] o Evangelho desvenda-nos um paradoxo: fala do imperador, do governador, dos grandes de então, mas Deus não Se apresentou lá; não aparece no salão nobre dum palácio real, mas na pobreza dum curral; não nos fastos ilusórios, mas na simplicidade da vida; não no poder, mas numa pequenez que nos deixa surpreendidos. E, para O encontrar, é preciso ir aonde Ele está: é preciso inclinar-se, abaixar-se, fazer-se pequenino. O Menino que nasce interpela-nos: chama-nos a deixar as ilusões do efêmero para ir ao essencial, renunciar às nossas pretensões insaciáveis, abandonar aquela perene insatisfação e a tristeza por algo que sempre nos faltará. Far-nos-á bem deixar estas coisas para reencontrar na simplicidade de Deus-Menino a paz, a alegria, o sentido luminoso da vida. (Anexo G, p. 17)

O enunciado tem uma força persuasiva apoiada numa tensão de alta dinamicidade e, de novo, faz escutar uma voz cujo tom convence porque envolve o universo próximo do enunciatário. As figuras do poder usadas pelo Papa – do governador, do palácio em festa – são assimiláveis na cultura contemporânea sem dificuldade. O enunciatário vê-se flagrado nesses espaços ou, no limite, vê-se flagrado desejando estar nesses espaços. Francisco diz que não é lá que se encontrará Deus. O corpo que emerge desse enunciado mobiliza sensivelmente o corpo do enunciatário, inclusive explicitando a necessidade de um mover-se fisicamente: “inclinar-se, abaixar-se, fazer-se pequenino” (idem). Há uma figura de gradação nessa “sequência de significados dispostos numa ordem ascendente, em que o posterior diz um pouco mais do que o anterior” (FIORIN, 2016, p. 148).

Francisco segue intensificando o enunciado pelas escolhas figurativas e, num rasgo persuasivo, afirma que é preciso deixar-se interpelar por Jesus menino na manjedoura. Mas também “[...] pelas crianças que, hoje, não são reclinadas num berço, nem acariciadas pelo carinho duma mãe e dum pai” (Anexo G, p. 17). O deslocamento temporal – o então de Jesus para o hoje do enunciatário – acelera o andamento do enunciado e aumenta a sua intensidade. O discurso papal não está falando sobre efemeridades abstratas. Sua reflexão tem rosto. As crianças citadas por

²⁵ Homilia da missa da Noite de Natal, celebrada pelo Papa Francisco na Basílica de São Pedro no dia 24 de dezembro de 2016. Disponível em <https://bit.ly/3wpSG4W>. Acesso em 11 maio 2021.

ele sem berço e sem carinho estão “no abrigo subterrâneo para escapar aos bombardeamentos, na calçada duma grande cidade, no fundo dum barco sobrecarregado de migrantes” (idem). Dificilmente haverá alguém que não tenha tido contato com essas realidades – seja passando por uma calçada com crianças abandonadas, seja vendo no telejornal a notícia sobre a interceptação de mais um navio com migrantes ou de mais um bombardeio que atingiu civis (ou o fuzilamento, a partir de helicópteros do governo, de uma escola num morro do Rio de Janeiro).

Segundo Francisco, o Natal afeta as pessoas porque é “[...] um mistério de esperança e simultaneamente de tristeza” (Anexo G, p. 17). O “sabor da tristeza” está no fato de que o “o amor não é acolhido, a vida é descartada” (idem). A estratégia do discurso papal para fazer entender esse paradoxo promove um novo deslocamento do nível enuncivo para o enunciativo. Como aconteceu, num alhures, aos pais de Jesus, José e Maria, “que encontraram as portas fechadas e puseram Jesus numa manjedoura ‘por não haver lugar para eles na hospedaria’ (Lc 2, 7)” (idem), o mesmo pode ocorrer no aqui e agora do hoje do enunciatário,

quando o Natal se torna uma festa onde os protagonistas somos nós, em vez de ser Ele; quando as luzes do comércio põem na sombra a luz de Deus; quando nos afastamos com os presentes e ficamos insensíveis a quem está marginalizado.

Para o Papa, a “mundanidade fez refém o Natal; é preciso libertá-lo” (Anexo G, p. 17).

Essa libertação passa por compreender que “[...] ninguém é marginalizado aos olhos de Deus” (idem), pois, como ele já havia explicado, Deus escolheu os pastores, marginalizados da contemporaneidade de Jesus, para o evento do nascimento de seu filho. “Quem se sentia seguro de si, autossuficiente, ficara em casa com as suas coisas” (idem). Para o Papa, é preciso aproximar-se de Deus “a partir daquilo em que nos sentimos marginalizados, a partir de nossos limites, a partir de nossos pecados” (idem, p. 18). Emerge reiteradamente o corpo estésico que desloca a regularidade do papel temático para a disponibilidade sensível do ajustamento. Francisco instala-se no campo de presença do seu enunciatário, também ele com feridas não curadas e pecados. Assim, na simetria de posições actanciais, mostra-se competente para afirmar que é possível “em Jesus, saborearmos o verdadeiro espírito do Natal: a

beleza de ser amado por Deus” idem). A figura do saborear aumenta a densidade sensível da experiência relatada no enunciado.

A misericórdia é outro tema muito recorrente nos discursos do Papa Francisco. Segundo o *Dicionário Houaiss* (2009: 1298), misericórdia é “o sentimento de dor e solidariedade com relação a alguém que sofre uma tragédia pessoal ou que caiu em desgraça”. Além disso, é o “ato concreto de manifestação desse sentimento, como o perdão”. Segundo a tradição da Igreja Católica, a morte de Jesus na cruz é a maior expressão da misericórdia de Deus pela remissão dos pecados do homem (CATECISMO, 2000, p. 32). Tal crença tem lastro no discurso de fundação cristão, a Bíblia:

De fato, Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele. (BÍBLIA, 2010, p. 1314)

A misericórdia é, portanto, um argumento central no discurso de divulgação religiosa, que tem como valor a busca pela aderência à crença no Deus que salva o homem que nele crê.

No ano 2000, o Papa João Paulo II instituiu o segundo domingo de Páscoa como o “Domingo da Misericórdia”²⁶. Foi na homilia dessa celebração, em 2021, que Francisco usou uma reflexão sobre a reação dos apóstolos à morte de Jesus para explicar que “é muito difícil ser misericordioso, se não nos damos conta de ter obtido misericórdia”²⁷ (Anexo H, p. 19). O Papa lembra que “os discípulos estavam angustiados” (idem). Haviam se escondido em suas casas, com medo de também serem presos e receberem a mesma condenação de Jesus, “mas não estavam fechados só em casa; estavam fechados em seus remorsos” (idem). É o modo como o Papa prepara o terreno para o movimento de persuasão que subjaz seu enunciado – os atos cometidos não implicam apenas uma exterioridade, mas instalam-se como remorsos internos.

Emerge dessa argumentação o papel de programador institucional do Papa, bastante característico dessa voz que se ouve do Francisco das homilias. É uma voz

²⁶ Ver em <https://bit.ly/3xjpexr>. Acesso em 25 maio 2021.

²⁷ Homilia do Papa Francisco na Missa da Divina Misericórdia, celebrada na Basílica de São Pedro no dia 11 de abril de 2021. Disponível em <https://bit.ly/3pOUI1e>. Acesso em 25 maio 2021.

que tem a intencionalidade de fazer seus destinatários recusarem o pecado. É uma voz perfectiva, modulada em acentos que orbitam ora na extensidade ora na intensidade, e produz o efeito de um corpo delimitado em relação ao outro. Há, na sequência, porém, o uso de uma estratégia amplamente analisada até aqui – desloca-se o relato bíblico para a prática do cotidiano. Então Francisco posiciona seu enunciatário no relato, pois assim como os discípulos que vivenciavam “as misérias mais profundas”, “precisamos de nos deixar perdoar, precisamos de dizer do fundo do coração: ‘Perdão, Senhor’. Precisamos de abrir o coração, para nos deixarmos perdoar” (idem).

Como fazê-lo? O enunciado papal manipula para que os fiéis participem da prática sacramental da confissão. Instala-se um dever institucional que Francisco, no entanto, aproxima da realidade de seu enunciatário. Apesar de ser um tema de alta complexidade teológica e pastoral, o Papa apresenta-o na simplicidade da figura de um pai que ajuda um filho pequeno a se levantar depois de uma queda. “Essa mão segura e fiável é a confissão” (Anexo H, p. 20). É aí que, mais uma vez, o enunciado faz aparecer o papel de liderança, que exorta a quem ouve confissões (somente ministros ordenados, ou seja, padres e bispos) que é necessário fazer com que quem se confesse sinta “a doçura da misericórdia de Jesus, que perdoa tudo” (idem). Flagra-se a preocupação do Papa para que a prática institucionalizada da confissão não seja de uma voz que pune, mas de uma voz que faz sentir o gosto “doce” da misericórdia de Deus.

Seguindo o estilo de usar figuras muito concretas ou com elevado grau de iconicidade (GREIMAS e COURTES, 2016, p. 250) para se fazer compreender, o Papa explicita o que é a misericórdia que deve orientar a vida dos cristãos, citando o livro dos Atos dos Apóstolos, 4, 32 – “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum” (BÍBLIA, 2010, p. 1347). Segundo o Papa, tal prática “não é comunismo, mas cristianismo no seu estado puro” (Anexo H, p. 21). A explicação revela o corpo de um enunciador que dialoga com as discussões contemporâneas de um tempo em que o próprio Papa é constantemente acusado de ser comunista. Francisco explica que é preciso não se deixar cair na indiferença, também ele, e nem

viver uma fé sem obras concretas para com os mais necessitados. “Só assim será viva a fé” (idem).

2.2. As mensagens

Ao longo de cada ano, a Igreja Católica tem uma série de datas especiais, nas quais destaca, de um lado, aspectos litúrgicos e religiosos, como o dia em que incentiva a oração pelas vocações de novos padres, freiras e pais de família, e, de outro, aspectos de interesse e relevância sociais, como o dia dos migrantes. Algumas dessas datas contam com uma mensagem anual do Papa dirigida mais especificamente aos interessados naquele determinado âmbito da vida eclesial ou social. Os textos das mensagens são publicados no site do Vaticano e costumam ser compartilhados entre os grupos por meio do incentivo de bispos e padres. Diferentemente das homilias, que têm uma circulação mais ampla entre os católicos em geral, tais mensagens têm um enunciário previsto mais específico – ainda que, em quase todos os casos, frases dessas mensagens sejam pinçadas e circulem em redes sociais, inclusive nas contas oficiais do próprio Papa.

Analisaremos neste tópico um conjunto dessas mensagens que contemple os dois aspectos vislumbrados – pelo lado religioso, serão analisadas as mensagens escritas pelo Papa Francisco para o Dia Mundial de Orações pelas Vocações, de 2014; pelo Dia das Missões, de 2018; e, finalmente, pelo início da Quaresma, em 2021. Compreendemos que elas formam um panorama a partir do qual será possível depreender o *ethos* do Papa na condução dos assuntos internos da vida da Igreja. Como nas homilias, emerge desse conjunto de mensagens o corpo institucional de Francisco.

Pelo lado que contempla as datas que abordam aspectos da vida social, analisaremos as mensagens escritas para o Dia da alimentação, de 2013; e para o Dia da Paz, de 2017. Neste conjunto, vislumbra-se o corpo do Papa tangenciado mais diretamente pelas questões sociais contemporâneas e deixam-se flagrar suas posições axiológicas sincretizadas com as da Igreja Católica.

Antes de entrarmos nessas mensagens selecionadas, começamos analisando o conjunto daquelas escritas por Francisco nos três primeiros anos de seu pontificado

por ocasião da celebração do Dia Mundial das Comunicações Sociais, por se tratar de uma temática em que ele articula mais explicitamente questões religiosas e sociais. A data foi instituída pelo Concílio Vaticano II como forma de dialogar e celebrar com o conjunto das pessoas que se dedicam aos trabalhos internos de comunicação da Igreja. As mensagens contêm, portanto, uma série de diretrizes nas quais o Papa explicita o modo como entende que a Igreja deve se posicionar no mundo a partir dos meios de comunicação católicos.

Essas três primeiras mensagens de Francisco para o Dia Mundial das Comunicações têm uma temática comum, a da importância da comunicação como “proximidade”, que é figurativizada pela “cultura do encontro” (Anexo I), em 2014²⁸; pela “família”, em 2015 (Anexo J)²⁹; e pela “misericórdia” em 2016 (Anexo K)³⁰. Trata-se de um tema que perpassa a construção do corpo do Papa argentino enquanto posicionamento no mundo. De fato, desde que foi eleito em 2013, Francisco procura mostrar-se próximo das pessoas por meio de estratégias que articulam e projetam um “estar juntos” mesmo quando os enunciados são essencialmente de manipulação.

Assim como nas homilias, nas três primeiras mensagens para a comunicação verificamos procedimentos de debreagens enunciativas que instalam Francisco lado a lado de seus enunciatários, pois ele projeta-se no enunciado ora usando um “eu”, ora usando um “nós” não majestático. É um procedimento de aspectualização actorial em que Francisco deixa-se observar na simetria de papéis – ele sofre e vive o que sofrem e vivem seus enunciatários (fiéis). São exemplares desses procedimentos de debreagem enunciativa trechos como: “Hoje *vivemos* um mundo” (Anexo I, p. 22, grifo nosso); “Neste contexto, *considerarei* oportuno” (Anexo J, p. 26, grifo nosso); e “O Ano Santo da Misericórdia *convida-nos* a refletir” (Anexo K, p. 30, grifo nosso). O uso da primeira pessoa do plural (*vivemos* e *convida-nos*) e da primeira do singular (*considerarei*), evidenciam o *ethos* de um Papa que vive o que prega – se o valor em construção é o do estar junto, o Papa mostra-se competente justamente estando junto.

Há trechos em que Francisco se coloca claramente em conjunção com esse valor que ele quer fazer com que as pessoas entrem também em conjunção, como na seguinte frase, da mensagem de 2014: “A *nossa* luminosidade não derive de truques

²⁸ Disponível em <https://bit.ly/3wmHQws>. Acesso em 20 maio 2021.

²⁹ Disponível em <https://bit.ly/3cEOg26>. Acesso em 20 maio 2021.

³⁰ Disponível em <https://bit.ly/2RRf5Jb>. Acesso em 20 maio 2021.

ou efeitos especiais, mas de *nos fazermos próximos*, com amor, ternura, de quem *encontramos ferido pelo caminho*” (Anexo I, p. 25, grifos nossos). Para o enunciador papal, a comunicação é muito menos o aparato tecnológico e muito mais a capacidade que tem de possibilitar contatos entre as pessoas.

A semiótica não restringe a identificação das marcas da enunciação à forma como o enunciador se instaura no discurso pronominalmente, mas depreendendo sentidos, também, a partir das marcas espaciais e temporais deixadas em cada enunciado. No caso das mensagens de comunicação analisadas, essas marcas reiteram o sentido de proximidade e acessibilidade instauradas com a enunciação em primeira pessoa: “hoje” (Anexo I, p. 22); “para o próximo mês de outubro” (Anexo J, p. 26); e “O Ano Santo da Misericórdia” (Anexo K, p. 30) mostram o Papa instalado no hoje da história, agindo concretamente no mundo de seus enunciatários.

Outra forma de explicitar sentidos produzidos pelos mecanismos de enunciação é o uso de palavras, expressões ou frases que têm teor subjetivo e ou passional, e que, semanticamente, exprimem opiniões ou julgamentos. Os três textos de Francisco sobre comunicação têm exemplos do uso passional de algumas expressões, como quando, ao falar sobre as desigualdades entre ricos e pobres percebidos nas cidades, o Papa afirma que “estamos já tão habituados a tudo isso que nem nos impressiona” (Anexo I, p. 22). Já na mensagem de 2015, a marca dessa subjetividade aparece, por exemplo, no trecho “não existe a família perfeita” (Anexo J, p. 28). Nos dois casos, vê-se um Papa que também não é perfeito e reconhece essas fragilidades do mundo que o rodeia. O risco de não se impressionar com as desigualdades também é dele. O risco de não corresponder ao modelo de uma família perfeita igualmente o assombra, mas é preciso enfrentar esses riscos “de forma construtiva” (idem).

Expressões que são figurativizadas como “audácia positiva” (Anexo K, p. 30) e “dom de Deus” (idem, p. 33) também criam esse efeito de sentido de um sujeito comprometido com o que prega, com um corpo fincado na transversalidade de uma necessidade de ser audacioso, de um lado, e, de outro, implicado nos seus valores religiosos que recortam o mundo e seus avanços como frutos de um presente de Deus. Confirma-se, reiteradamente, o *ethos* do papel temático, porém com inclinações ao papel passional como simulacro estratégico.

Em muitos trechos, Francisco evidencia a convicção de que os sentidos se constroem na relação entre sujeitos que se percebem como diferentes. Diz o Papa:

Temos necessidade também de ser pacientes, se quisermos compreender aqueles que são diferentes de nós: uma pessoa expressa-se plenamente a si mesma, não quando é simplesmente tolerada, mas quando é verdadeiramente acolhida. Se estamos verdadeiramente desejos de escutar os outros, então aprenderemos a ver o mundo com olhos diferentes e a apreciar a experiência humana tal como se manifesta nas várias culturas e tradições. Entretanto, saberemos apreciar melhor os grandes valores inspirados pelo Cristianismo, como, por exemplo, a visão de ser humano como pessoa, o Matrimônio e a família, a distinção entre esfera religiosa e esfera política, os princípios de solidariedade e subsidiariedade, entre outros (Anexo I, p. 23).

O risco dessa abertura ao outro e suas diferenças culturais vale a pena, segundo o Papa, pois, como indica seu enunciado, tal abertura é que possibilitará que se apreciem melhor os próprios valores do Cristianismo. É o que ele prega para fazer acontecer o estado de “proximidade” que ele valoriza no social – estado recortado pela axiologia católica (explicitamente marcada, por exemplo, pela menção ao “matrimônio”).

Olhemos agora para as mensagens de Francisco que refletem seu pensamento sobre aspectos religiosos ou litúrgicos (vocação, missões e Quaresma). A análise de tais mensagens aponta para um enunciador teológico, com inclinação a um fazer mais teórico. Daí depreendemos, também, um enunciatário que é iniciado nos debates religiosos trazidos pelo Papa. A mensagem escrita para 51º Dia Mundial de Orações pelas Vocações, de 2014, traz um longo parágrafo em que Francisco explica a multiplicidade de vocações vinculadas à experiência de Deus com os homens, a partir de referências diretas à Bíblia, discurso de fundação do Cristianismo. O Papa conclui, ao fim dessas explicações, que “embora na pluralidade das estradas, toda a vocação exige sempre um êxodo de si mesmo para centrar a própria existência em Cristo e no seu Evangelho” (Anexo L, p. 35)³¹. É uma reflexão mais refinada, em que o gesto de assumir a vocação depende de um gesto de saída de si para que se experimente uma relação com o outro, figurativizado no Cristo e no Evangelho.

³¹ Disponível em <https://bit.ly/3wnU8on>. Acesso em 20 maio 2021.

De fato, a mensagem pretende-se ampla na reflexão sobre o que a Igreja considera as grandes vocações do homem – a vida como ministro ordenado (diáconos e padres), exclusivamente para os homens, a de religiosa ou religioso (conhecidos popularmente como freiras e freis), e a vocação à família por meio do Matrimônio. Para o Papa, em todos os casos “é necessário superar os modos de pensar e de agir que não estão conformes com a vontade de Deus” (Anexo L, p. 35). Mas o destaque maior é dado à chamada vocação sacerdotal.

A mensagem começa com o Papa mobilizando o texto bíblico em que Jesus anda pelas cidades e, ao se compadecer por uma multidão “cansada e abatida, como ovelhas sem pastor”, diz a seus discípulos: “A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, portanto, ao Senhor da messe para que envie trabalhadores para a sua messe” (Mt 9, 35-38). Francisco passa, então, a explicar os sentidos de tal narrativa bíblica. “Evidentemente, o campo de que fala Jesus é a humanidade, somos nós” (Anexo L, p. 34), escreve. Ele diz, então, que tais palavras provocam surpresa: “Todos sabemos que, primeiro, é preciso lavrar, semear e cultivar, para, depois, no tempo devido, se poder ceifar uma messe grande” (idem). É a lógica implicativa do mundo. “Quem trabalhou para que houvesse tal resultado? [uma messe grande, sem operários em número suficiente]”, pergunta retoricamente o Papa, afirmando em seguida que “a resposta é uma só: Deus” (idem).

Ao recuperar a narrativa bíblica e vincular a história contada por Jesus aos discípulos à história dos fiéis que hoje leem a sua mensagem, Francisco acelera o andamento do texto, operando com estratégias de convencimento para que seus enunciatários queiram tornar-se operários da messe de Jesus. Escreve o Papa:

Do íntimo do nosso coração brota, primeiro, a admiração por uma messe grande que só Deus pode conceder; depois, a gratidão por um amor que sempre nos precede; e, por fim, a adoração pela obra realizada por Ele, que requer nossa livre adesão para agir com Ele e por Ele (idem).

Vemos a voz papal como a voz de um desses operários. Ao debrear-se enunciativamente, o corpo discursivo de Francisco testemunha essa “livre adesão” necessária.

A mensagem reopera, então, a narrativa bíblica: “também hoje Jesus vive e caminha nas nossas realidades da vida ordinária, para se aproximar de todos, a

começar pelos últimos, e nos curar das nossas enfermidades e doenças” (Anexo L, p. 35). O Cristo apresentado pelo Papa não está nos grandes centros de poder, mas frequenta as realidades da “vida ordinária” humana. Francisco explicita, em seguida, seu narratário – aqueles “que estão dispostos justamente a pôr-se à escuta de Cristo, que ressoa na Igreja, para compreenderem qual possa ser a sua vocação” (idem). Tal movimento enunciativo engaja o enunciário, especialmente aquele que tem dúvidas sobre que caminho seguir. E é com ele que o corpo de Francisco se posiciona ombreado, como quem compartilha a estrada com um companheiro. “A vocação é um fruto que amadurece no terreno bem cultivado do amor uns aos outros que se faz serviço recíproco, no contexto duma vida eclesial autêntica” (idem), escreve.

O *ethos* de Francisco revela-se e confirma-se com inclinação a um espírito comunitário com forte preocupação com uma espiritualidade que seja vivida no cotidiano da história, sem egoísmos. “Nenhuma vocação nasce por si, nem vive para si. A vocação brota do coração de Deus e germina na terra boa do povo fiel, na experiência do amor fraterno” (idem). Se consideramos mais uma vez que a mensagem está centralizada na manipulação para que mais homens se interessem pela vida sacerdotal, vemos a preocupação do Papa como líder de uma Igreja que ele quer que seja espelho de amor fraterno, não autoritária e clericalista (voltada para questões internas do clero).

O Papa não romantiza a vocação e reconhece que ouvir o chamado da Igreja “significa, por vezes, ir contra a corrente e implica encontrar também obstáculos, fora e dentro de nós” (Anexo L, p. 36). Aqui, de novo, Francisco faz saber que a lógica dos que seguem a Deus não pode ser implicativa, mas concessiva. Escreve o Papa:

O próprio Jesus nos adverte: muitas vezes a boa semente da Palavra de Deus é roubada pelo Maligno, bloqueada pelas tribulações, sufocada por preocupações e seduções mundanas (cf. Mt 13, 19-22). Todas estas dificuldades poder-nos-iam desanimar, fazendo-nos optar por caminhos aparentemente mais cómodos. Mas a verdadeira alegria dos chamados consiste em crer e experimentar que o Senhor é fiel e, com Ele, podemos caminhar, ser discípulos e testemunhas do amor de Deus, abrir o coração a grandes ideais, a coisas grandes (Anexo L, p. 36).

Prevalece a concessão – apesar das tribulações, que poderiam levar a desistir da vocação, o fiel sabe que pode contar com Deus para sua caminhada e, segundo Francisco, é assim que se revela a “verdadeira alegria” (idem).

Para o Dia Mundial das Missões de 2018, Francisco escreveu sua mensagem instalando, logo no início do texto, os “queridos jovens” (Anexo M, p. 37) como os narratários para os quais estava se dirigindo³². De todo modo, logo em seguida, ele amplia essa destinação: “Apesar de me dirigir a vós [jovens], pretendo incluir todos os cristãos, que vivem na Igreja a aventura da existência como filhos de Deus” (idem). Ele explica que o que o levou a escolher os jovens para mediar essa conversa que ele desejava ter com todos os cristãos era a confiança “de que a fé cristã permanece sempre jovem, quando se abre à missão que Cristo nos confia” (idem). Francisco convoca a voz de João Paulo II, “um Papa que tanto amava os jovens e, a ele, muito se dedicou”, para dizer que “a missão revigora a fé’ (Carta enc. *Redemptoris missio*, 2)” (idem).

Todo esse movimento enunciativo inicial quer mobilizar os enunciatários para que se engajem nos serviços missionários da Igreja, quer com a doação do próprio trabalho, quer com a doação de recursos financeiros – o que se explicitará ao longo da mensagem. Ao nomear os “queridos jovens” como seus narratários, Francisco também se constrói enquanto narrador afetivo e efetivo, e a convocação de João Paulo II intensifica essa intencionalidade de fazer-se próximo, afinal o Papa polonês ficou muito conhecido por seu carisma. Como fruto da ação de um ator social, o enunciado de Francisco referencializa o momento histórico contemporâneo recordando que, em outubro daquele ano, 2018, aconteceria em Roma o Sínodo sobre a juventude. Uma “oportunidade de entender melhor, à luz da fé, aquilo que o Senhor Jesus vos quer dizer a vós, jovens, e através de vós, às comunidades cristãs” (Anexo M, p. 37).

Escreve o Papa, ao iniciar sua reflexão, que “todo homem e mulher é uma missão, e esta é a razão pela qual se encontra a viver na terra” (idem, grifo do autor). Mais do que ter uma missão, o homem e a mulher são, para o Papa, uma missão. Para Francisco, dois movimentos são sentidos pelo coração, especialmente o dos jovens – “ser *atraídos* e ser *enviados*” (idem, grifo do autor). Em seguida, ele se instala no enunciado de maneira ainda mais efetiva e, por meio de uma debreagem enunciativa recorda sua própria vida: “Conheço bem as luzes e sombras de ser jovem e, se penso na minha juventude e na minha família, recordo a intensidade da

³² Mensagem disponível em <https://bit.ly/3vjvKmw>. Acesso em 20 maio 2021.

esperança por um futuro melhor” (idem). É assim, olhando nos olhos do seu enunciatário, debreado no enunciado na figura dos jovens, que o corpo discursivo do Papa se mostra, mais uma vez, oscilando entre o que conduz e o que se deixa conduzir pela mesma fé que está sendo construída, no enunciado, como valor.

O testemunho do Papa tem, portanto, uma direção intencional e constrói esse valor manejando as valências da intensidade e as da extensidade, que se projetam ora como simulacro do regime do ajustamento ora em vias de deslizar para um acidente que não se concretiza, pois tem a segurança das regularidades da fé institucionalizada (onde os riscos são controlados). O enunciado do Papa manipula para programar, ainda que seu corpo tenda aos riscos de uma exacerbação do sensível. O Papa testemunha e fala “por experiência” (Anexo M, p. 38). Não é o corpo da autoridade vazia que ele quer construir, mas a da liderança que caminha lado a lado. “Graças à fé, encontrei os fundamentos dos meus sonhos e a força para os realizar”. O enunciador mostra-se competente para convencer seus enunciatário – também foi jovem e, como jovem, sonhou. Mas foi a fé que o possibilitou realizar os sonhos.

O Papa não se esquivava de assumir que esse caminho percorrido no serviço à Igreja não está isento de grandes dificuldades. “Vi muitos sofrimentos, muita pobreza desfigurar o rosto de tantos irmãos e irmãs”. A fé apreendida dos enunciados de Francisco apresenta-se como algo, mais do que conhecido inteligivelmente, sobretudo experimentado e vivido. Francisco, porém, é da lógica da concessão (apesar de...): “Todavia, para quem está com Jesus, o mal é um desafio a amar cada vez mais” (idem). A todas essas dificuldades, o Papa convida para que seus enunciatários sempre se coloquem a pergunta: “Que faria Cristo no meu lugar?” (idem). É uma pergunta que faz mover o corpo dos narratários, pois os tira do conforto de seus lugares deslocando-os para ocupar a posição actancial de Jesus.

Em seguida, a reflexão de Francisco direciona o olhar para a constatação de que os jovens também são, pela performance realizada no ato do Batismo, “membros vivos da Igreja” e que, portanto, também é deles a responsabilidade, “a missão de levar o Evangelho a todos” (Anexo M, p. 38). O Papa quer envolver a todos no desafio missionário de evangelizar: “na convivência das várias idades da vida, a missão da

Igreja constrói pontes intergeracionais, nas quais a fé em Deus e o amor ao próximo constituem fatores de profunda união” (idem).

Para Francisco, a evangelização, principal missão da Igreja, não acontece por proselitismo, mas por testemunho pessoal. A “transmissão da fé, coração da Igreja, verifica-se através do ‘contágio’ do amor, onde a alegria e o entusiasmo expressam o sentido reencontrado e a plenitude da vida” (idem). Por certo que não se trata de qualquer missão, pois ainda que a evangelização deva se dar “por atração”, segue sendo evangelização. Explicita-se a mensagem religiosa institucional como o grande valor dessa missão. Escreve o Papa:

Ambientes humanos, culturais e religiosos ainda alheios ao Evangelho de Jesus e à presença sacramental da Igreja constituem as periferias extremas, os «últimos confins da terra», aos quais, desde a Páscoa de Jesus, são enviados os seus discípulos missionários, na certeza de terem sempre com eles o seu Senhor (cf. Mt 28, 20; At 1, 8). Nisto consiste o que designamos por *missio ad gentes*. A periferia mais desolada da humanidade carente de Cristo é a indiferença à fé ou mesmo o ódio contra a plenitude divina da vida. Toda a pobreza material e espiritual, toda a discriminação de irmãos e irmãs é sempre consequência da recusa de Deus e do seu amor. (Anexo M, p. 38)

Ainda que tangenciando questões sociais, prevalece na mensagem a voz de Francisco como liderança religiosa, o sujeito para quem a maior periferia é aquela em que as pessoas ignoram a mensagem da Igreja, que é a mensagem de Deus.

Como estava se dirigindo diretamente aos jovens, o Papa não deixa de trazer uma reflexão sobre o “mundo digital” (idem, p. 39). Escreve Francisco:

O mundo digital, as redes sociais, que nos envolvem e entrecruzam, diluem fronteiras, cancelam margens e distâncias, reduzem as diferenças. Tudo parece estar ao alcance da mão: tudo tão próximo e imediato... E, todavia, sem o dom que incluía as nossas vidas, poderemos ter miríades de contatos, mas nunca estaremos imersos numa verdadeira comunhão de vida. (idem)

O Papa quer fazer com que o jovem não caia no engano de que as aparentes facilidades das redes sociais diminuam seu desejo, e a necessidade da Igreja, de levar o Evangelho “até aos últimos confins da terra” (idem). Debreando enunciativamente,

Francisco se instala como um “eu” que se atreve a dizer que “para um jovem que quer seguir Cristo, o essencial é a busca e a adesão à sua vocação” (idem).

A Quaresma é o tempo litúrgico composto pelos 40 dias que antecedem a celebração da Páscoa. Representam, segundo a tradição da Igreja, o período em que Jesus foi tentado no deserto antes de ser preso e crucificado. É, portanto, um tempo de preparação para a Páscoa, em que os cristãos são convidados a reverem suas posturas diante dos pecados, pessoais e sociais, que cometem. Analisaremos a mensagem que o Papa Francisco escreveu em 2021 para animar o início de tal tempo litúrgico³³. Como se trata de uma mensagem dirigida a todos os fiéis, os narratários instalados por Francisco são genericamente os “queridos irmãos e irmãs!” (Anexo N, p. 41). O tema geral da mensagem é um versículo bíblico escrito por Mateus, “Vamos subir a Jerusalém...” (Mt 20, 18), e o lema é “Quaresma: tempo para renovar fé, esperança e caridade” (Anexo N, p. 41).

Logo no início do texto, o Papa destaca para o fiel o objetivo principal do que ele chama de “caminho quaresmal”, que é um percurso que conduz para as celebrações pascais, e pede que não se deixe de recordar “Aquele que ‘se rebaixou a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz’ (Flp 2, 8)”. Ele lista, em seguida, três ações concretas que os fiéis devem praticar durante a Quaresma – “o jejum, a oração e a esmola”. Francisco explica que “o caminho da pobreza e da privação (jejum), a atenção e os gestos de amor pelo homem ferido (esmola) e o diálogo filial com o Pai (a oração) permitem-nos encarnar uma fé sincera, uma esperança viva e uma caridade operosa” (idem).

Com uma debreagem enunciativa espaço-temporal que circunscreve seus enunciatários no aqui do presente tempo contemporâneo da Quaresma (“neste tempo”), Francisco incentiva para que a mensagem do Evangelho seja compartilhada com todos. Ele recorda que a lógica da fé não pode ser enquadrada na lógica implicativa do mundo e destaca que a verdade do anúncio de Jesus não se restringe a um pequeno grupo de eleitos. Escreve:

Esta Verdade não é uma construção do intelecto, reservada a poucas mentes seletas, superiores ou ilustres, mas é uma mensagem que recebemos e podemos compreender graças à inteligência do coração, aberto à grandeza de Deus, que nos ama ainda antes de nós próprios

³³ Mensagem disponível em <https://bit.ly/3wp4T9P>. Acesso em 20 maio 2021.

tomarmos consciência disso. Esta Verdade é o próprio Cristo, que, assumindo completamente a nossa humanidade, Se fez Caminho – exigente, mas aberto a todos – que conduz à plenitude da Vida. (Anexo N, p. 42)

A voz de Francisco emoldura-se no feixe do papel temático do pescador de homens. E como líder, tranquiliza: a fé contém uma verdade exigente, mas aberta a todos.

O Papa se detém mais longamente na explicação sobre a prática do jejum. É o corpo do destinador programador, figurativizado no papel temático de Papa, com os valores interpelados por uma forte consciência da importância do gesto de atuar no funcionamento da sociedade. Escreve Francisco:

Jejuar significa libertar a nossa existência de tudo o que a atravanca, inclusive da saturação de informações – verdadeiras ou falsas – e produtos de consumo, a fim de abrirmos as portas do nosso coração Àquele que vem a nós pobre de tudo, mas «cheio de graça e de verdade» (Jo 1, 14): o Filho de Deus Salvador. (idem)

Mais do que um jejum de alimentos, Francisco manipula para que os fiéis aproveitem o tempo da Quaresma para um jejum mais completo, que inclua uma desintoxicação dos excessos de informações e dos vícios do consumismo. É uma manipulação que quer modular a competência dos enunciatários nas medidas dos valores da Igreja.

A mensagem passa a tratar do que se espera, no fim do caminho quaresmal, como recompensa para os fiéis – Jesus vence a morte. “Esperar com Ele e graças a Ele significa acreditar que, a última palavra na história, não a tem os nossos erros, as nossas violências, nem o pecado que crucifica o Amor, significa obter do seu Coração aberto o perdão do Pai” (idem). Emerge do enunciado papal uma mensagem de esperança que, o próprio Papa reconhece, “poderia parecer uma provocação” no contexto em que seus enunciatários vivem concretamente, “onde tudo parece frágil e incerto” (idem).

No entanto, a lógica da mensagem do Deus que se depreende dos enunciados de Francisco é predominantemente concessiva. E para além de grandes reflexões filosóficas ou teológicas sobre a esperança, o Papa diz, recuperando um trecho de sua carta *Fratelli Tutti*, que “basta ser ‘uma pessoa amável, que deixa de lado as suas preocupações e urgências para prestar atenção, oferecer um sorriso, dizer uma

palavra de estímulo, possibilitar um espaço de escuta no meio de tanta indiferença' (FT, 224)" (idem, p. 43).

Na sequência do texto, Francisco chama para uma reflexão sobre a caridade que, "vvida seguindo as pegadas de Cristo na atenção e compaixão por cada pessoa, é a mais alta expressão da nossa fé e da nossa esperança" (idem). Apesar de ser uma mensagem essencialmente preocupada com questões relativas à fé e à conversão, impõe-se a preocupação social que está frequentemente presente nos discursos de Francisco. Para além da caridade como categoria que recorda o sacrifício de Jesus pela humanidade, o enunciado papal instaura a caridade como "impulso do coração que nos faz sair de nós mesmos gerando o vínculo da partilha e da comunhão" (idem).

Mais uma vez o enunciado convoca a voz da encíclica *Fratelli Tutti*, desta vez para reforçar a dimensão social da fé: "A partir do 'amor social', é possível avançar para uma civilização do amor a que todos nos podemos sentir chamados" (idem). Os gestos de caridade não podem, portanto, ser pensados na abstração da reflexão religiosa. A fé implica que o fiel passe a considerar aqueles que se encontram em situação de alguma privação "como membros da nossa própria família, um amigo, um irmão" (idem). A concretude da dimensão caritativa da fé explicita-se:

Viver uma Quaresma de caridade significa cuidar de quem se encontra em condições de sofrimento, abandono ou angústia por causa da pandemia de Covid-19. Neste contexto de grande incerteza quanto ao futuro, lembrando-nos da palavra que Deus dera ao seu Servo – «não temas, porque Eu te resgatei» (Is 43, 1) –, ofereçamos, juntamente com a nossa obra de caridade, uma palavra de confiança e façamos sentir ao outro que Deus o ama como um filho. (Anexo N, p. 44)

O enunciado papal exacerba o corpo do crente católico como um corpo que se inclina para as necessidades dos mais fragilizados. Os pobres, no enunciado do Papa, têm uma posição privilegiada de atenção e o sonho que Francisco compartilha é o de que, pela vivência da experiência da Quaresma, todos sejam "verdadeiramente integrados na sociedade" (FT, 187)" (idem).

Analisemos, agora, o conjunto de mensagens selecionadas que lançam um olhar para o corpo de Francisco inscrito nos enunciados voltados mais diretamente para questões sociais e, portanto, mais políticas (Dia Mundial da Alimentação e Dia

Mundial da Paz). Instituído para marcar a data de criação da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, *Food and Agriculture Organization*), o Dia Mundial da Alimentação é celebrado todo dia 13 de outubro. A mensagem do Papa divulgada no site do Vaticano apresenta-se como uma carta do pontífice ao diretor geral da FAO.

Como carta, a mensagem tem todas as coerções e marcas do gênero – o narratário está instalado logo no início da página e é retomado, ao longo do texto, com vocativos que mobilizam e convocam a sua presença (LANDOWSKI, 2012, p. 165-184). Em 2013³⁴, Francisco escreveu a mensagem para o Dia Mundial da Alimentação para “Sua excelência o senhor José Graziano da Silva”, então diretor geral da FAO. A nomeação do narratário inscreve a carta num regime de veridicção que tangencia o corpo do Papa como corpo de um ator social contemporâneo, real. E, como em outros discursos analisados até aqui, o Papa realiza uma debreagem actancial enunciativa e inclui a si próprio na defrontação do que considera “um dos desafios mais sérios para a humanidade: o da trágica condição na qual ainda vivem milhões de famintos e subalimentados, entre os quais muitíssimas crianças” (Anexo O, p. 45).

O enunciado papal acelera tensivamente o conteúdo com o uso de uma exclamação: “É um escândalo que ainda haja fome e subalimentação no mundo!”. Depreende-se uma voz que grita contra a injustiça paradoxal de haver fome apesar de tanta riqueza. A reflexão de Francisco conduz, então, seu narratário, ator social que tem um papel relevante na temática abordada, a pensar mais globalmente a questão da fome – “problema que interpela a nossa consciência pessoal e social” (idem). Ele relaciona a fome, por exemplo, ao problema das migrações. “Ninguém seja obrigado a deixar a própria terra e o seu ambiente cultural pela falta de meios essenciais de subsistência!” (idem), escreve o Papa, novamente com a marca da exclamação.

Francisco insiste que é paradoxal a realidade da globalização, que deveria permitir avanços nas possibilidades de interação e cooperação humanas, mas que faz crescer “a tendência ao individualismo e ao fechamento em si mesmos” (Anexo O, p. 45). Esse fechamento, explica o Papa, leva a uma indiferença inexplicável. “[...] fome e subalimentação nunca podem ser considerados um fato normal ao qual nos

³⁴ Mensagem disponível em <https://bit.ly/3wpft0x>. Acesso em 20 maio 2021.

habitamos, como se fizesse parte do sistema” (idem). A voz de Francisco faz-se ouvir como uma revolta que ele quer que seja produtiva.

Assim, ele se questiona: “O que podemos fazer?” (idem). E esboça uma tentativa de resposta:

Penso que um passo importante seria abater com decisão as barreiras do individualismo, do fechamento em nós mesmos, da escravidão do lucro a qualquer preço e não só nas dinâmicas das relações humanas, mas também nas dinâmicas econômico-financeiras globais. Penso que é necessário hoje, como nunca, que nos eduquemos para a solidariedade, que sejam redescobertos o valor e o significado desta palavra tão incômoda, e muitas vezes desprezada, e fazer com que ela se torne uma atitude fundamental nas escolhas a nível político, econômico e financeiro, nas relações entre pessoas, povos e nações. Só sendo solidários de maneira concreta, superando visões egoístas e interesses de parte, é que poderemos alcançar o objetivo de eliminar as formas de indigência causadas pela falta de alimentos. Solidariedade que não se reduz às diversas formas de assistência, mas que age para garantir que um número sempre maior de pessoas possam ser economicamente independentes. Muitos passos foram dados, em diversos países, mas ainda estamos longe de um mundo no qual todos possam viver dignamente (idem, p. 45-46).

São propostas de ações que não ficam na passividade da oração, mas desafiam o próprio corpo. O enunciado papal reconhece que é só a superação dos egoísmos que poderá eliminar as indigências causadas pela fome.

Francisco convoca o tema escolhido pela FAO para a celebração do Dia da Alimentação 2013 – “Sistemas alimentares sustentáveis para a segurança alimentar e a nutrição” (idem, p. 46). O Papa confessa que tem a impressão de ler em tal tema “uma exortação a pensar e a renovar os nossos sistemas alimentares, numa perspectiva solidária, superando visões egoístas e interesses de parte, é que poderemos alcançar o objetivo de eliminar as formas de indigência causadas pela falta de alimentos” (idem). Com tal movimentação, o corpo de Francisco desloca-se para o apelo à solidariedade, que só é possível se se considerar a “necessidade de modificar concretamente os nossos estilos de vida, inclusive os alimentares, que em muitas áreas do planeta são marcados pelo consumismo, dissipação e desperdício de alimentos” (idem). Em seguida, ele mobiliza concretamente seu narratário, por meio do qual fala a todos os homens – “Os nossos pais educavam-nos para o valor do que

recebemos e temos, considerando tudo como dom precioso de Deus” (idem). A solução, portanto, para além das decisões de governos, passa pela individualidade das famílias.

Francisco aproveita, ainda, para refletir sobre o desperdício de alimentos como fruto da “cultura dos descartáveis” (idem). É a “globalização da indiferença” que, segundo o Papa, faz com que “lentamente nos habituemos ao sofrimento do outro, como se fosse normal” (idem). Em passagens como essa, ascende de intensidade enquanto o ajustamento se estabelece como desafio para mentes conformadas e conformistas (o discurso do Papa mostra que, embora pareça normal, não se pode naturalizar as desigualdades de direito presentes na sociedade).

O enunciado papal reconhece que a repetição regular de tantas situações de miséria testemunhadas no tempo atual inscrevem isso que deveria ser sempre motivo de escândalo na atonia de uma programação que se prolonga no tempo e no espaço e tende a perder o sentido. É por isso que o Papa defende que a questão da fome não diz respeito somente a uma dimensão econômica ou científica, mas “tem sobretudo uma dimensão ética e antropológica” (idem).

Nesse contexto, o Papa manipula para fazer crer na necessidade de uma educação que rompa com a lógica do descartar e faça parecer a dignidade de cada pessoa humana. Francisco encerra a correspondência com o diretor da FAO instalando a Igreja Católica como parceira do organismo, e faz votos para que a celebração da data não seja simples comemoração anual, mas se transforme cada vez mais em uma “ocasião verdadeira para nos estimularmos a nós mesmos e às instituições a agir segundo uma cultura do encontro e da solidariedade, para dar respostas adequadas ao problema da fome e da subalimentação e às outras problemáticas que se referem à dignidade de cada ser humano” (Anexo O, p. 47).

Outra data em que o Papa escreve anualmente uma mensagem na qual tangencia questões sociais articuladas com os valores do cristianismo é a do início de um novo ano, celebrado como Dia Mundial da Paz (1º de janeiro de cada ano). Em 2017³⁵, o tema de tal data foi “A não-violência: estilo de uma política para a paz”. Francisco inicia o texto instaurando um eu sonhador:

³⁵ Disponível em <https://bit.ly/2Svvbj>. Acesso em 21 maio 2021.

Almejo paz a todo o homem, mulher, menino e menina, e rezo para que a imagem e semelhança de Deus em cada pessoa nos permitam reconhecer-nos mutuamente como dons sagrados com uma dignidade imensa. Sobretudo nas situações de conflito, respeitemos esta ‘dignidade mais profunda’ e façamos da não-violência ativa o nosso estilo de vida. (Anexo P, p. 48).

Em tom festivo pela marca de 50 anos de celebração da efeméride, o pontífice argentino recorreu à memória do Papa Paulo VI, que escreveu a primeira mensagem para marcar a data. Francisco recordou que seu antecessor se dirigiu não apenas aos católicos, mas “a todos os povos”, “com palavras inequívocas” (idem):

‘Finalmente resulta, de forma claríssima, que a paz é a única e verdadeira linha do progresso humano (não as tensões de nacionalismos ambiciosos, nem as conquistas violentas, nem as repressões geradoras duma falsa ordem civil)’ Advertia contra o ‘perigo de crer que as controvérsias internacionais não se possam resolver pelas vias da razão, isto é, das negociações baseadas no direito, na justiça, na equidade, mas apenas pelas vias dissuasivas e devastadoras’. Ao contrário, citando a *Pacem in terris* do seu antecessor São João XXIII, exaltava ‘o sentido e o amor da paz baseada na verdade, na justiça, na liberdade, no amor’. (idem)

O Papa se confessa impressionado com “a atualidade destas palavras, não menos importantes e prementes hoje do que há 50 anos” (idem). Desse enunciado papal, depreende-se a voz da tradição, entrelaçada na intertextualidade com as vozes explicitadas de seus antecessores que projetam um efeito de sentido de continuidade.

Como temos visto nos enunciados de Francisco, realiza-se um deslocamento temporal e espacial que projeta o discurso no aqui-agora de “um mundo dilacerado” (idem, p. 49). Vislumbrando exemplos de um passado recente – “guerras mundiais devastadoras”, “ameaça de guerra nuclear”, “grande número de conflitos” –, projeta-se no hoje “uma terrível guerra mundial aos pedaços” (idem). Diante de tal cenário, o Papa mostra-se incapaz de avaliar “se o mundo de hoje seja mais ou menos violento que o de ontem”. Ele também se instala incapaz de decidir se “os meios modernos de comunicação e a mobilidade que caracteriza a nossa época nos tornem mais conscientes da violência ou mais rendidos a ela” (Anexo P, p. 49).

Francisco considera que o mundo vive uma guerra “aos pedaços” porque a violência se espraia de “maneiras diferentes” e em “variados níveis” (idem). Tal

violência provoca “enormes sofrimentos de que estamos bem cientes” (idem). O Papa lista tais sofrimentos: “guerras em diferentes países e continentes; terrorismo, criminalidade e ataques armados imprevisíveis; os abusos sofridos pelos migrantes e as vítimas de tráfico humano; a devastação ambiental” (idem). O “eu” de Francisco no enunciado constrói-se com voz de revolta questionadora – “E para quê? [tantos sofrimentos]”, explicita essa voz. A revolta é um afeto intenso. O ajustamento do Papa à situação cobra um esforço maior, um elã ou energia maior, do que a interação do indivíduo acomodado com as questões de desigualdade social. Francisco desafia o fiel ao mesmo ajustamento. “Porventura a violência permite alcançar objetivos de valor duradouro? Tudo aquilo que obtém não é, antes, desencadear represálias e espirais de conflitos letais que beneficiam apenas a poucos ‘senhores da guerra’”? (idem). Como se vê, é a voz de uma liderança inquieta com os rumos de uma humanidade que se destrói em “pedaços” sem um horizonte de resolução para os conflitos, que entram numa espiral, figura que faz ver uma repetição eterna.

Neste contexto, o enunciado pelo dia da Paz recorre à mensagem do Evangelho como esse horizonte necessário. Mais uma vez, por uma astuta estratégia enunciativa, Francisco mistura a narrativa bíblica com a narrativa daqueles que estão lendo seu texto: “O próprio Jesus viveu em tempos de violência” (idem). Como Jesus opera pela concessão, “perante esta realidade [de violência], a resposta que oferece a mensagem de Cristo é radicalmente positiva” (idem). A toda violência, Jesus respondia com amor. E o Papa mobiliza o fiel nesta lógica concessiva, exortando que “quem acolhe a Boa Nova de Jesus, sabe reconhecer a violência que carrega dentro de si e deixa-se curar pela misericórdia de Deus, tornando-se assim, por sua vez, instrumento de reconciliação” (Anexo P, p. 50). O Papa, então, conclui, que “hoje, ser verdadeiro discípulo de Jesus significa aderir também à sua proposta de não-violência” (idem).

Francisco passa a refletir sobre o significado da não-violência, entendida, por vezes, erroneamente “como rendição, negligência e passividade” (idem). Com a voz de Madre Teresa, que o Papa lembra ter recebido o prêmio Nobel da Paz em 1979, Francisco manipula para convencer de que “a força das armas é enganadora” (idem). Ele coloca Madre Tereza, a quem ele havia proclamado santa um ano antes, como exemplo dessa atitude de não-violência necessária aos cristãos, para que sejam

testemunhas no mundo. O enunciado papal traz, ainda, outras vozes que figurativizam a possibilidade de atuar contra a violência com atitudes de não-violência – notadamente, Francisco cita Mahatma Gandhi e Khan Abduk Ghaffar Khan, que obtiveram sucesso “na libertação da Índia” (idem); Martin Luther King Jr., que lutou contra a discriminação social; e Leymah Gbowee e milhares de mulheres liberianas “que organizaram encontros de oração e protesto não-violento, obtendo negociações de alto nível para a conclusão da segunda guerra civil na Libéria” (Anexo P, p. 50-51).

O Papa João Paulo II também é mobilizado como argumento de autoridade ao se recordar “a queda dos regimes comunistas na Europa” (idem, p. 51). Segundo Francisco, “as comunidades cristãs deram a sua contribuição através da oração insistente” (idem). A mensagem destaca que a Igreja assumiu o compromisso de promover estratégias não-violentas “para promover a paz em muitos países, solicitando, inclusive aos intervenientes mais violentos, esforços para construir uma paz justa e duradoura” (idem). Se tal afirmação poderia suscitar a impressão de que se trata de um discurso que monopoliza a cultura da não violência como patrimônio exclusivo da Igreja Católica, Francisco afasta essa possibilidade ao afirmar categoricamente que tal inclinação é uma vocação natural de muitas outras tradições religiosas e que “nenhuma religião é terrorista” (idem). Segundo Francisco, “a violência é uma profanação do nome de Deus” e, portanto, “só a paz é santa, não a guerra” (idem).

A mensagem se encaminha para pensar a paz e a cultura de não-violência a partir de uma realidade mais próxima, a da família e das comunidades menores. “Se a origem donde brota a violência é o coração humano, então é fundamental começar por percorrer a senda da não-violência dentro da família” (idem). É neste contexto que Francisco lança o que chama de “apelo a favor do desarmamento, bem como da proibição e abolição das armas nucleares” (idem). Como estava pensando no aspecto mais doméstico das ações, o Papa também suplica, com “igual urgência”, para “que cessem a violência doméstica e os abusos sobre mulheres e crianças” (Anexo P, p. 52).

O fim da mensagem do Papa para o Dia Mundial da Paz de 2017 explicita um convite do Papa, que projeta seu papel regulador de uma ética atravessada pela axiologia católica. Escreve o Papa:

A construção da paz por meio da não-violência ativa é um elemento necessário e coerente com os esforços contínuos da Igreja para limitar o uso da força através das normas morais, mediante a sua participação nos trabalhos das instituições internacionais e graças à competente contribuição de muitos cristãos para a elaboração da legislação a todos os níveis. O próprio Jesus nos oferece um «manual» desta estratégia de construção da paz no chamado Sermão da Montanha. As oito Bem-aventuranças (cf. Mateus 5, 3-10) traçam o perfil da pessoa que podemos definir feliz, boa e autêntica. Felizes os mansos – diz Jesus –, os misericordiosos, os pacificadores, os puros de coração, os que têm fome e sede de justiça. (idem)

Se Francisco se propõe a dialogar e refletir sobre questões pertinentes para a sociedade contemporânea, o faz sempre a partir do seu papel temático de Papa, cuja visada axiológica tem um direcionamento valorativo definido com precisão – os cristãos ajudam na cultura de paz e não-violência na medida em que testemunham e agem segundo a lógica do evangelho.

Os ensinamentos de Jesus, explica o Papa, são mesmo como um “programa”, mas também como um “desafio” não apenas para os líderes religiosos, mas também para as lideranças políticas. Francisco defende que é preciso “aplicar as Bem-aventuranças na forma como exercem as suas responsabilidades” (idem). Além disso, o Papa coloca como desafio a construção de uma sociedade que se recusa “a descartar as pessoas, danificar o meio ambiente e querer vencer a todo o custo” (idem). Francisco reconhece que tais atitudes requerem a “disponibilidade para ‘suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo [...] de um novo processo’”.

Nessas mensagens analisadas, oscilam os limites do corpo institucional de Francisco atravessado pelas eventualidades do tempo e do espaço do aqui-agora que o interpelam a respostas que posicionam sua visada ética sobre os mais variados assuntos. Podemos observar no nível dos enunciados uma série de estratégias que regulam o fazer argumentativo do Papa, projetado na construção dos ensinamentos da Igreja Católica como valores universais de humanidade. Enquanto campo de presença modulado por valências que se mostram na continuidade desse corpo que se projeta na sensibilização dos enunciados, mesmo aqueles mais dados ao programado e ao manipulado, vislumbra-se a assunção de um corpo que simula ajustamentos com seus enunciatários. Até aqui, no entanto, prevalece o corpo extenso de Francisco, resultado do exercício do seu papel temático programador. No próximo

capítulo, veremos como esse mesmo corpo articula o espaço e o tempo fora da rigidez da programação dos ritos e dos gêneros discursivos textualizados em documentos oficiais.

CAPÍTULO 3 – A voz institucional *sobre* Francisco

Considerações iniciais

O Papa Francisco entrou no Instagram, rede social que prioriza a postagem de fotografias e vídeos, em março de 2016. O pontífice já estava presente no Twitter, com a mesma conta que pertencia ao seu antecessor, Bento XVI. O alemão estreou na rede social em 2012 e chegou a ter 3 milhões de seguidores. Com Francisco, as nove contas oficiais (em português, italiano, espanhol, inglês, latim, francês, alemão, polonês e árabe) somam quase 53 milhões de seguidores³⁶.

Outro canal que concentra publicações de mídias digitais relativas ao Papa Francisco, o youtube do *Vatican News* também será objeto de análise da nossa pesquisa. Focalizaremos especialmente uma publicação de 2020 em que o pontífice reza, sozinho na praça de São Pedro, pelo fim do coronavírus. Fruto de uma convocação especial, a referida oração mobilizou a imprensa do mundo todo e as imagens do Papa solitário na praça vazia tornaram-se um dos símbolos do isolamento que marcou o período pandêmico recentemente vivido.

Além do referido vídeo com a transmissão da benção extraordinária, analisaremos neste capítulo postagens realizadas pela conta oficial do Papa Francisco no Instagram, o que representa, desde logo, uma mudança de nível nas análises que fizemos até aqui. Diferentemente do capítulo anterior, em que tomávamos o Papa como enunciador – e, conseqüentemente, seu *ethos* propriamente dito -, aqui tomaremos o Papa como actante do enunciado institucional da Igreja Católica. Seja na projeção de um simulacro de enunciador, como no caso do Instagram que leva o nome próprio do Papa, seja no enunciado mais explicitamente institucional, como o canal do Youtube que está em nome da página de notícias do Vaticano, interessa depreender como esses discursos institucionais se articulam com o *ethos* concessivo do Papa percebido até aqui.

Não iremos considerar os comentários feitos nas publicações. Além disso, selecionamos apenas posts com fotografias, excluindo vídeos. Nos casos em que há

³⁶ Dados em <https://cutt.ly/swdZ0l9A>. Acesso em 20 junho 2023.

um carrossel, publicação com uma série de imagens, selecionamos aquela que foi colocada como capa e que, portanto, aparece primeiro para o usuário.

3.1. Instagram

Em estudo sobre a autenticidade construída em fotografias postadas por políticos no Instagram, Paolo Demuru explica que a rotundidade na cultura italiana remete a “significados ligados ao afeto e ao carinho paterno” (DEMURU, 2020, p. 223). O modo de estar presente do Papa nos diversos eventos reiteram essa proximidade do afeto e do carinho paterno. Como apontam estudos de Ana Claudia Oliveira, essa presença rítmica das circularidades do corpo do Papa suplanta aquelas estetizadas e racionalizadas pelo seu posicionamento hierárquico. O corpo de Francisco sensibiliza pela estesia e produz sentido em ato (OLIVEIRA, 2021, p. 119-149).

Esse *ethos* paradoxal que põe em relação o papel temático “Papa” e o papel crítico do imprevisto (LANDOWSKI, 2014, p. 79), também se constrói institucionalmente nas postagens que a conta do Papa Francisco faz no Instagram (@franciscus). Ao falar sobre a “Presença do Papa Francisco” durante o XVII Colóquio do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS), Paolo Peverini classificou três tipos de imagens no perfil do Papa: as imagens-símbolos, as imagens documentos e as imagens emocionais. Nos interessa, em particular, as imagens emocionais, que o semiótico caracteriza como aquelas que “vão além da compreensão racional dos acontecimentos para representar mais claramente a dimensão das paixões” (informação verbal)³⁷.

Estendendo a compreensão dessas imagens emocionais, acrescentamos como critério para o nosso recorte aquelas imagens em que o Papa aparece claramente tocando o corpo de seus enunciatários, simulados no discurso institucional como interlocutários. São imagens que dão a ver o Papa em constantes “flagrantes” de gestos carinhosos e afetuosos com fiéis e autoridades que ele encontra nas mais variadas situações. São exemplares dessas imagens das quais quase se pode sentir o sentir do Papa aquelas em que ele toca e abraça doentes em estado avançado de feridas no corpo.

³⁷ Palestra proferida por Paolo Peverini no dia 1º de dezembro de 2021, no XXVII Colóquio do CPS.

Também são exemplares aquelas fotografias em que Francisco beija e se deixa beijar por crianças e idosos. O corpo frágil, que naquela aparição inicial pós eleição poderia ter projetado um sentido de senilidade ou mesmo de fora de moda, homologa-se a um efeito de ancestralidade familiar. Ao ver essas imagens, tem-se a sensação de que o Papa é alguém da família com que se deseja estar para receber aquele carinho.

Neste primeiro conjunto de imagens selecionadas, o traço comum é o tocar do Papa — seja quando ele cumprimenta idosos ou enfermos durante a audiência geral, seja quando toca um crucifixo ou outro objeto sacro, Francisco tem seu *ethos* reiterado por esse discurso institucional do seu perfil oficial no *Instagram*. Topologicamente, o Papa sempre ocupa um lugar central, para onde nosso olhar imediatamente se direciona. Nessas fotografias, mais do que a projeção da oficialidade da função que exerce, o que se destaca é a projeção de um *ethos* de líder que, pelo modo como interage, tem capacidade de sentir o sentir do outro. Pela qualidade das imagens e a astúcia da enunciação que nos coloca como testemunhas próximas daquele encontro flagrado, também nós sentimos essa presença contagiosa de Francisco.

Figura 10: Conjuntos de posts do Instagram do Papa



Fonte: *Instagram* do Papa Francisco (@franciscu)

O tocar é um elemento muito importante na construção da imagem institucional do Papa no Instagram. Até o dia 23 de julho de 2023, data de corte da presente pesquisa, a conta do Papa no Instagram possuía 1.523 postagens. Dessas, 335 traziam o Papa tocando ou sendo tocado. Habilmente, a enunciação do Instagram do Pontífice tem uma série de imagens em que as próprias mãos do Pontífice, em destaque, fazem sentir essa sensibilidade que emana do seu *ethos*.

Figura 11: Posts com detalhes das mãos do Papa



Fonte: Instagram do Papa Francisco (@franciscus)

Na primeira imagem acima, postada em março de 2016, a mão do Papa se estende para tocar as mãos de fiéis. É possível reconhecer a mão do pontífice pois o ângulo deixa ver parte de sua batina característica branca e o anel de pescador, símbolo do seu governo. Mais uma vez, estamos diante de um enunciado que faz convergir inteligibilidade (anel e batina são apreendidas a partir de uma grade de leitura cultural) e sensibilidade (o quase tocar as mãos do Papa).

Nessa postagem identifica-se bem a passagem entre o programado do papel temático com seus símbolos culturais, regulado por uma regularidade simbólica, com zero risco e menos aberto ao sentido, para um outro regime que ganha em risco e em possibilidades de *fazer sentido* em ato. Usando as medidas aspectuais preconizadas pela semiótica tensiva (ZILBERBERG, 2011, p. 74), conseguimos compreender que existe um movimento de *restabelecimento* que diminuiu o *menos* risco da programação. Com isso, entramos na área do ajustamento, tônica.

O mesmo ocorre com a segunda imagem deste conjunto. Ao focar os detalhes da mão do pontífice que toca o rosto de uma pessoa, o perfil institucional se aproxima do *ethos* que depreendemos no capítulo anterior – um *ethos* concessivo. Concessivo porque, confirmando nossa hipótese, apesar de estar na curva conversa em que as relações são predominantemente implicativas – quanto mais inteligível, mais sensível, e vice-versa –, tal discurso enunciado inverte a ordem prevista, aquela em que o esperado seria o inteligível neutralizar ou arrefecer o sensível.

Neste caso, o inteligível novamente se revela pelo simbólico, lido na imagem por meio do anel de pescador do Papa, destacado na fotografia. É, além disso, um anel simples, prateado, bem diferente do que se tem no imaginário popular das joias opulentas da Santa Sé. Mas esse mesmo enquadramento detalhado que permite identificar e proporcionar uma leitura simbólica do anel é a mesma que permite uma aproximação sensível com o Papa. Podemos sentir o toque de sua mão no nosso próprio rosto. Mais uma vez confirma-se o papel central do ajustamento como lugar da inventividade criativa.

Figura 12: Papa toca rosto de idosa



Fonte: Instagram do Papa Francisco (@franciscus)

No post acima, publicado em janeiro de 2017, mais uma vez destaca-se a mão do Papa tocando um fiel na praça de São Pedro. Desta vez, acompanhamos também o olhar do Papa, que se dirige intimamente para o da fiel. Nesses casos, a astúcia da

enunciação institucional é flagrar um encontro real com o pontífice, fazendo parecer que nós também podemos encontrá-lo assim.

Outra estratégia do Instagram do Papa é fotografá-lo sendo tocado por fiéis. Nessas imagens, mais uma vez o enquadramento próximo das mãos ou bocas, aproxima-nos da cena e nos integra nela, criando condições semióticas que favorecem a percepção do contato com o corpo do Papa. É o caso do exemplo abaixo, publicado em dezembro de 2016 na conta do pontífice. As mãos e a boca do menino estão destacadas no ângulo, fazendo com que os enunciatários da publicação tenham condições de sentir o toque e o beijo no Papa.

Figura 13: Criança beija o rosto do Papa



Fonte: Instagram do Papa Francisco (@franciscus)

Nessas imagens em que Francisco é tocado, geralmente o corpo do Papa está em posição de deixar-se tocar. É uma aproximação que projeta o simulacro de naturalmente flagrada (LANDOWSKI, 2004c, p. 56) e, por isso mesmo, parece ser mais autêntica. Sorrindo ou, como na imagem acima, inclinando-se para receber o carinho, o Papa confirma seu *ethos* deslocado da programação do papel temático que ele encerra. E de novo, do ponto de vista aspectual, importa mais a transição entre a gradualidade desses dois regimes que se alternam constantemente – enquanto papel

temático, o Papa está sempre liderando seu rebanho. Mas o papel não se mantém rígido. Pelo contrário, ele desliza, aqui especificamente, para o papel de pessoa próxima do fiel.

Muitas imagens postadas no perfil do Papa no Instagram projetam esse simulacro de um líder religioso que caminha ombreado com os fiéis que, no entanto, ele lidera. Oscilando entre liderança e caminhar, Francisco deixa ver o modo como encara seu governo – ele também está a serviço. Essa imagem institucional converge para aquela do *ethos* apreendido das homilias e mensagens – enquanto lá via-se a instalação, por exemplo, de um nós não majestático, aqui a imagem do Papa misturado à multidão não está regulada numa intencionalidade pura. Pelo contrário, o Instagram do Papa faz sentir mais do que faz fazer.

Confirma-se, ainda, nossa proposta para o uso articulado das medidas de impacto tensivas no controle dos riscos oferecidos pelos regimes de interação e sentido propostos pela sociossemiótica. E essas medidas concretas que, no entanto, não são apenas quantitativas, afinal pressupõe um sujeito que as qualifica a partir de um *elã* próprio, ajudam a resolver o nó teórico enfrentado pela sociossemiótica para explicar as passagens entre programação, acidente, manipulação e ajustamento.

Figura 14: Criança aperta bochecha do Papa



Fonte: Instagram do Papa Francisco (@franciscus)

A publicação acima, de fevereiro de 2017, usa a mesma estratégia da anterior – focalizando o rosto do Papa sendo tocado por uma criança, o post faz sentir as qualidades sensíveis do corpo de Francisco. Nesta imagem especificamente, vemos a rotundidade do rosto do Papa. Ao apertar as bochechas do Papa, a criança nos revela gordura corporal dele. O Papa, mais uma vez, se deixa tocar e sorri com o toque. Paramentado, mantêm-se na ordem da regularidade temática do seu papel que, no entanto, é novamente fragilizado pelo toque do fiel.

Mais uma vez, as medidas aspectuais nos ajudam a ver como acontece a oscilação entre um regime em que o risco é zero para um outro em que o risco ascendente o torna acelerado e tônico. Não é difícil concluir que, estabilizado no papel temático, Francisco arriscar-se-ia menos do que se expondo na praça para ser tocado. Enquanto os papas anteriores permaneciam a distâncias seguras, Francisco se dá a ver e tocar.

Outra estratégia verificada nas publicações do Instagram do Papa Francisco revela o pontífice flagrado realizando atividades incomuns para alguém na sua posição. Em maio de 2016, por exemplo, o Papa foi fotografado enquanto olhava um microscópio. Esse tipo de publicação acentua uma sensibilidade nos enunciatórios do perfil de Francisco no Instagram, pois acionam o curioso e o diferente.

Figura 15: Papa olha por microscópio



Fonte: Instagram do Papa Francisco (@franciscus)

Esse tipo de publicação mais uma vez reforça a ideia de que o *ethos* do Papa Francisco não está estabilizado, estanque, no papel temático que ele exerce. Ainda que sua figura possa ser lida por um quadro cultural que delimita as possibilidades de interpretação – um Papa é sempre o Papa –, ainda assim, publicações como essas desestabilizam o papel temático e fazem o enunciatário repensar o próprio modo como vai interagir com o pontífice.

Outro exemplo é o da publicação abaixo, postada em outubro de 2016. Nela, Francisco joga futebol de mesa com um fiel. A postura de Francisco está longe de ser a estabilizada do papel de líder de uma tradição com mais de 2 mil anos. Curvado e sorrindo, o Papa deixa-se novamente tocar. Ajusta-se.

Figura 16: Papa joga com fiel



Fonte: Instagram do Papa Francisco (@franciscus)

Jogando, além de se distanciar do papel temático, Francisco se aproxima do papel dos fiéis. Como quando trocou morar no palácio, Francisco reforça o simulacro de que é mais um entre os fieis, com dúvidas e desejos. Novamente, vemos que é uma posição muito mais arriscada e mens estável do que a da regularidade de sua função estrita como Papa. Mas enquanto o papel temático também faz coerções nas

relações estabelecidas, nessa posição de ajustamento Francisco abre-se para interações com maior potencialidade de novos sentidos.

3.2. Youtube

No auge da pandemia do coronavírus, em 2020, o Papa Francisco convocou todos a rezarem com ele. Apesar de, no nível da ação desse rezar, não ser possível apreender a instalação direta de uma relação eu-tu entre enunciador e enunciatário, no nível da organização das linguagens da mídia que veiculou tal rezar, no entanto, há uma forte preocupação com esse enunciatário implícito por detrás das telas: é para ele e, sobretudo, com ele, em primeira e última instância, para quem o Papa rezava — ainda que, no nível do discurso, Francisco não se dirigisse diretamente a esse fiel previsto.

Trata-se da transmissão pelo Youtube do canal Vatican News em português do “Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia presidido pelo Papa Francisco”, com a benção *Urbi et Orbi*³⁸. Escolhida pelo jornal *O Estado de S. Paulo* como “uma das cenas mais icônicas destes novos tempos”³⁹, a imagem do Papa Francisco cruzando, sozinho e com passos frágeis, a praça São Pedro vazia, em Roma, num fim de tarde chuvoso, marcou simbolicamente o início das medidas mais severas de isolamento social.

Figura 17: Papa caminha sozinho na praça de São Pedro



Fonte: Frame do vídeo da benção no canal do Vaticano no Youtube

³⁸ Vídeo da transmissão disponível em <https://cutt.ly/ZjrnT1j>. Acesso em 23 janeiro 2022.

³⁹ Em “Retrospectiva 2020”, edição de 27 de dezembro de 2020, Caderno Especial, p. A.

Era 27 de março de 2020, e as pessoas ainda conheciam muito pouco ou quase nada sobre o novo coronavírus. As quarentenas compulsórias determinadas por governos de diferentes países já começavam a transformar cenários famosos de grandes cidades do mundo, que passavam a mostrar-se vazios. Ao substituir a visão de ruas e praças geralmente lotadas pela da ausência de qualquer movimento de pessoas, essas cenas explicitam, por assim dizer, a figurativização espacial da fobia do contato, do medo da contaminação.

O momento protagonizado pelo Papa solitário projeta-se, ao mesmo tempo, como representativo desse distanciamento social compulsório e como ruptura do medo do contágio do vírus, figurativizando a esperança expressa no ato de Francisco que, apesar da idade, sai do seu próprio isolamento e reza pelo fim da enfermidade que assola o mundo. Ao anunciar, alguns dias antes, que conduziria tal “momento de oração” pelo fim da doença, Francisco afirmou que gostaria de “responder à pandemia do vírus com a universalidade da oração, da compaixão, da ternura”⁴⁰. Nesse convite, feito durante tradicional oração dominical do Ângelus já reconfigurada — no lugar do Papa na janela abençoando o povo na praça, viu-se Francisco “enjaulado”⁴¹ na biblioteca do Palácio Apostólico, sem a presença do povo —, ele exortou “todos a participar espiritualmente [da benção] *através da mídia*” (grifo nosso).

O convite desse rezar “através da mídia” é exemplar da reconfiguração forçada que a Igreja Católica precisou empreender em suas práticas de vivência da religiosidade que, em princípio e por natureza são, como procuramos mostrar ao longo deste estudo, essencialmente coletivas e presenciais. Diferentemente de outras tradições, que promovem uma experiência mais individual da fé, a prática católica valoriza o aspecto comunitário da vivência religiosa enquanto ritual compartilhado no espaço de uma igreja. Isso remonta à convivência dos apóstolos relatada nos evangelhos.

A benção *Urbi et Orbi* (ou seja, à cidade de Roma e ao mundo, em latim) é uma oração especial que só pode ser concedida pelo Papa ordinariamente em três ocasiões — logo após sua eleição, ao fim de um conclave, na Páscoa e no Natal. Por

⁴⁰ Expressão usada pelo próprio Papa quando precisou, no início de março, mudar seus compromissos na praça para o formato de videoconferências transmitidas a partir da biblioteca do Palácio Apostólico. Ver em <https://cutt.ly/zjrWVod>.

⁴¹ Texto completo do discurso disponível em <https://cutt.ly/Fg5AdWE>. Acesso em 23 janeiro 2022.

meio dessa benção, os fiéis que cumprem alguns requisitos prescritos pela Igreja recebem a indulgência plenária, que é a “remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa”⁴². Tratava-se, portanto, de um momento excepcional, ou, como o próprio título já indicava, extraordinário⁴³.

Essa excepcionalidade também pode ser apreendida a partir de um olhar para o conjunto do programado pela Igreja — a benção especial aconteceu apenas uma semana antes da Páscoa, quando já havia, pela regularidade, uma *Urbi et Orbi* prevista, e que, de fato, foi realizada. Com tal gesto, Francisco projeta a atuação daquela como um objeto de valor extraordinário no espaço-tempo do seu destinatário. Ademais, ao mesmo tempo que a benção tem, tradicional e socialmente, uma significação, ela pode fazer sentido de um modo diverso, em ato, pois está inscrita numa ruptura do programado (LANDOWSKI, 2004, p. 111-112).

A repercussão do momento foi ampla. No mundo todo, além das transmissões pela internet nos vários canais do Youtube do Vatican News, com compartilhamento simultâneo em centenas de outros canais e redes sociais católicos, emissoras da chamada grande imprensa também exibiram quase a íntegra da oração. No Brasil, além de estar em todos os canais católicos de televisão, a benção *Urbi et Orbi* do dia 27 de março foi exibida pelo canal fechado de notícias Globo News até o momento em que o Papa parou para rezar em silêncio, pouco antes da benção eucarística, já quase no fim da oração extraordinária.

No Youtube do Vatican News em português que analisaremos aqui, a transmissão teve a duração de uma hora, cinco minutos e 48 segundos e não era possível aos internautas escreverem comentários nem durante e nem depois do ao vivo, pois a função havia sido desabilitada pelo veículo. Projeta-se desde logo um destinador institucional, que não quer dividir a responsabilidade daquela enunciação com seus enunciatários. O vídeo tinha, no momento de nossa análise, pouco mais de 393 mil visualizações. Nos primeiros quase seis minutos da transmissão, a edição intercala imagens que mostram diferentes ângulos da praça, valorizando o seu amplo espaço vazio que costumeiramente está ocupado por fiéis nessas ocasiões de

⁴² Sobre a prática de conceder indulgências na Igreja Católica, ver Catecismo da Igreja Católica, São Paulo, Edições Loyola, 2000, parágrafos 1.471-1.484.

⁴³ 2020 foi um ano de momentos excepcionais. No dia 5 de abril, a rainha Elizabeth fez circular sua quinta “mensagem extraordinária” em 68 anos de reinado. Assim como a benção do Papa, tal discurso figurativiza as rupturas que a pandemia causou nas narrativas do mundo.

presença do Papa. Além disso, alguns ângulos estão sob um filtro que é o das lentes molhadas das câmeras, intensificando o gesto do Papa: além de romper com a ausência necessária das pessoas em ambientes públicos para impedir a propagação do vírus para o qual o próprio Francisco constitui-se como grupo de risco, ele o faz em meio a chuva.

Enquanto aguarda-se a chegada do Papa nesses minutos iniciais da transmissão, um locutor, cujo timbre é conhecido, entre os católicos brasileiros, como o “da voz do Papa no Brasil”, vai explicando os elementos que compõe o cenário da benção especial – notadamente uma imagem de Nossa Senhora e um crucifixo de madeira com o Cristo nele pregado. O locutor explica que são dois objetos sacros muito importantes: a imagem de Nossa Senhora é a do ícone *Salus Populi Romani* (que significa “Protetora do Povo Romano”), “ícone muito amado pelos romanos, e um dos mais (...) venerados ícones marianos, que se encontra na Basílica de Santa Maria Maior”; ele teria sido levado a Roma por Santa Helena, mãe do imperador Constantino.

O outro objeto é o crucifixo da Igreja de São Marcelo, ao qual são atribuídos dois milagres. O primeiro, no ano de 1519, foi o de ser a única peça salva de um grave incêndio que consumiu todo o edifício da igreja. Desde então, segundo o locutor, o povo se reúne às sextas-feiras diante dele para rezar (a benção acontecia justamente em uma sexta-feira). O segundo milagre, que tem uma significação mais acentuada no contexto da pandemia, data de 1522, quando Roma foi tomada por uma peste que dizimava todos os seus cidadãos. O crucifixo foi levado da Igreja de São Marcelo até a Basílica de São Pedro. As autoridades da época tentaram impedir a procissão por medo do contágio, “mas o desespero coletivo falou mais alto”. Crentes italianos atribuíram ao gesto o fim quase imediato da doença. Como em 1522, o Papa quis levar o crucifixo até a basílica para pedir pelo fim da pandemia — ainda que essa exposição em praça pública representasse um perigo de contaminação para ele próprio.

A benção pode ser analisada em cinco partes: a oração inicial, as leituras bíblicas, a homilia com a reflexão do Papa, a adoração e a benção eucarística, concedida “à cidade e ao mundo”. É interessante sublinhar aqui que tal benção foge às regras de validade de um ato litúrgico mediatizado. Ao refletir sobre o tema, o teólogo Leomar Brustolin, atualmente bispo auxiliar na Arquidiocese de Porto Alegre,

sublinha que a Igreja “reconhece como suficiente a copresença dos fiéis por rádio, televisão ou internet para a aquisição da indulgência. A ressalva que se faz, nesse caso, é que a ação litúrgica não seja gravada, mas transmitida ao vivo” (BRUSTOLIN, 2012).

Aqui, nos questionamos se do ponto de vista semiótico há diferença significativamente relevante entre o ao vivo propriamente dito e o simulacro do ao vivo, projetado pela disponibilização de uma gravação gerada a partir de uma transmissão ao vivo que não sofreu nenhuma edição. Concordamos com os estudos de Yvana Fachine sobre a configuração temporal das transmissões diretas pela TV (FECHINE, 2008), mas parece-nos que se um fiel assiste inadvertidamente uma gravação gerada a partir de uma transmissão ao vivo, as marcas discursivas ali presentes irão mobilizar esse fiel enunciatário igualmente como se ele estivesse vendo aquilo de fato ao vivo.

Diferentemente de outras bênçãos em que o Papa está na sacada da basílica ou na janela do palácio apostólico, neste rezar excepcional Francisco ocupa — também excepcionalmente — o lugar dos fiéis, no meio da praça, e o vazio ali instalado dá uma projeção de solidão no espaço, de isolamento no sentido mais literal da palavra, que figurativiza de modo hiperbólico o distanciamento social de cada um no momento mesmo da celebração. Assim, essa bênção de 27 de março nos parece exemplar do uso estratégico da dimensão estésica para mobilizar sensivelmente o enunciatário na sua relação com a tela do computador, da TV ou do celular. Para além do conteúdo sensível que o Papa engendra nas suas falas — comparando, por exemplo, a pandemia com um momento de mar revolto, narrado no evangelho, em que Jesus havia sido convocado para acalmar as tormentas — é a própria colocação em vídeo daquele rezar que faz sentir aqueles sentidos.

Já no início da homilia, Francisco recorre à metáfora do entardecer e do cair da noite para se referir à pandemia⁴⁴, como fez Susan Sontag ao falar do câncer e da tuberculose em ensaio originalmente publicado em 1978: “a doença é a zona noturna da vida” (SOTANG, 2007, p. 11). Essa metáfora colocada no discurso coincide com as imagens veiculadas da praça: vê-se no vídeo a cidade de Roma escurecendo com o cair da noite. Essa homologação entre o dito do Papa e o dizer do vídeo sensibiliza

⁴⁴ O texto da homilia pode ser lido em <https://cutt.ly/LjrHtAE>.

o enunciatário que assiste à benção ele próprio com medo desse entardecer causado pela pandemia.

Apesar de não interagir diretamente, olho no olho — olho na câmera — com o fiel enunciatário que assiste à benção, Francisco assume o falar desse enunciatário. O uso da primeira pessoal do plural — do nós — do Papa não é o do plural majestático que se instala como autoridade distante, mas o do nós que integra Papa e fiéis num único ator que está sofrendo as mazelas do vírus: “a nossa fé (...) é fraca e sentimo-nos temerosos”, confessa o Papa. Francisco aceita também como sua a condição de “vulnerabilidade” na qual se encontram os fiéis e compartilha seu atuar com o atuar desses enunciatários a quem se dirige, reconhecendo que o coronavírus “deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construíamos os nossos programas, os nossos hábitos e prioridades”.

A alternância de diferentes ângulos produzidos pelas câmeras contribui para projetar efeitos que, por assim dizer, “fazem sentir” o estado de alma do outro, no caso a força da concentração piedosa enquanto paixão vivida pelo Papa em nome de todos que o assistem e, no limite do simbolismo, em nome de toda a humanidade. Sentimentos que se opõem às “paixões tristes” (DUBET, 2020) figurativizadas por outras autoridades políticas⁴⁵. Os enquadramentos instalam o enunciatário ora como espectador de olhar distante, objetivante, ora como observador-participante, quase numa relação de copresença. A partir daí a tendência é que se estabeleça uma forma de “fazer juntos” (figurativizada também no uso do nós pelo Papa) apesar da não-presença figurativizada pelo vazio da imensa praça.

Os ângulos alternados entre próximo do Papa — instalando um sujeito íntimo — e distante, instalando um sujeito que tem a vista privilegiada da praça vazia, criam dinamicidade na transmissão da benção. Acompanhar, logo no início da transmissão, os passos frágeis do Papa idoso ecoa aquela fragilidade do fiel enunciatário que participa da benção pela mídia. Esse compartilhar as vicissitudes do próprio corpo com as do corpo do Papa coloca enunciador e enunciatário em face a face, num sentir até certo ponto compartilhado.

⁴⁵ Como, por exemplo, as banalizações das mortes causadas pela pandemia protagonizadas pelos presidentes do Brasil e dos EUA. Franciscu Sedda analisa comparativamente o semantismo da linguagem do Papa Francisco em relação a de políticos italianos (SEDDA, 2017, p. 51).

Vemos, portanto, que a transmissão da bênção lança mão de uma grande variedade de recursos disponíveis para criar esses efeitos de mobilização sensível. O silêncio do Papa entrecortado com a chuva aumenta essa densidade sensível da cena midiaticizada. Em certo momento da oração, o Papa caminha em direção ao ícone de Nossa Senhora. A câmera acompanha seus passos, e é como se (graças ao saber fazer do editor) fosse o próprio enunciatório acompanhando a lenta progressão do Papa. No plano seguinte, o fiel vê o Papa em close com o olhar fixo para Nossa Senhora. A perspectiva então muda, focalizando agora o quadro.

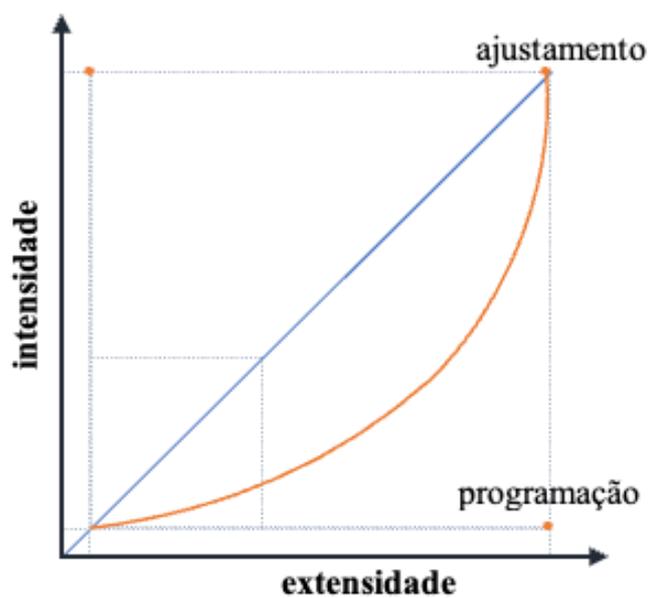
É quase como se olhássemos para a imagem da Virgem com o Papa. Francisco põe as mãos no ícone — e logo vai repetir o mesmo gesto na cruz de madeira. Esse tocar focalizado rememora a devoção popular do tocar objetos sagrados e, de novo, integra o enunciatório que assiste à bênção no próprio enunciado da bênção. Outros enquadramentos com close no crucifixo tido como milagroso mostram a água da chuva escorrendo pelo corpo de Jesus, projetando o simulacro de que ele está, de novo, sangrando. Essas plasticidades, valorizadas por diferentes ângulos da câmera, têm o poder de nos fazer apreender esteticamente um sofrimento: aquele, para um cristão, do próprio Cristo, e que é também o sofrimento do Papa, ali representando a humanidade, pela nova e letal doença.

As estratégias enunciativas analisadas neste tópico confirmam nossa hipótese de trabalho ao descreverem as passagens entre os regimes da programação/manipulação, pertencentes à lógica da junção, para os do ajustamento/acidente, da lógica da união. Apesar de se inscrever na tradição (regularidade) da Igreja, a bênção proferida pelo Papa Francisco executa um movimento de ascendência no gráfico ao diminuir o menos risco da programação (o menos menos do restabelecimento). Esse restabelecimento, projeta o Papa no ajustamento que, como propomos nesta tese, articula intensidade e extensidade simultaneamente.

Ao restabelecer o risco, espera-se que o inteligível diminua, mas o ajustamento, como propomos na nossa hipótese central, mantém o inteligível estável. Assim, o regime do ajustamento projeta-se no gráfico como uma correlação conversa — modulando em sincronia extensidade e intensidade. Ao inverter a lógica de que o

aumento do risco deveria diminuir o controle inteligível do discurso, projeta-se o *ethos* concessivo de Francisco.

Figura 18: Ajustamento no gráfico tensivo



Fonte: Autoria própria

CONSIDERAÇÕES FINAIS – Entre riscos e tensões

Ao apresentar o Dicionário II, Greimas e Courtés criticavam o que chamavam de atração pelas profundezas, “mal misterioso que parece atingir um certo número de semioticistas”⁴⁶. Os autores recordam que o percurso gerativo de sentido já prevê diferentes níveis de abstração. Aprofundar problemáticas não significa ter que colocá-las todas no nível profundo ou até criar níveis ainda mais profundos para as análises. Fugindo deste “mal mystérieux”, nosso estudo parte da ideia de que a elipse das interações (LANDOWSKI, 2014) e o gráfico tensivo (ZILBERBERG, 2011) constituem entre si uma relação de complementariedade, enquanto desdobramentos da semiótica narrativa elaborada por Greimas. Não nos interessa aqui colocar esses modelos teóricos aquém ou além do percurso gerativo de sentido, mas integrá-los a ele, como, aliás, nos parece ser a intenção de Landowski e Zilberberg.

Ao proporem uma semiótica de intervalos no lugar de uma semiótica das diferenças, Landowski e Zilberberg ampliam as possibilidades de análise do sensível nos discursos. A prevalência do sensível em ambos, é sempre euforizada como solução teórica. Zilberberg usa figuras como “apogeu”, “utopia” e “sujeito extático”. E por seu lado, Landowski, fala de uma “inteligência sensível”.

Ao romper o programado, ou o esperado, o Papa Francisco instala um eu concessivo aberto a interações mais sensíveis, mais arriscadas, abertas ao novo. Desde logo, à guisa de possíveis encaminhamentos que, no entanto, não se fecham no momento, vislumbramos que o uso articulado das duas frentes teóricas representa um avanço e uma contribuição importantes para os estudos da área.

Se, de um lado, Landowski desenhou bem a sintaxe de uma metodologia que dá conta de nos fazer entender como se dão nossas relações com o mundo significante que nos cerca, faltava ao seu esquema uma explicitação de como os regimes transitam na gradação entre eles. Procuramos descrever ao longo das análises aqui apresentadas como as *cifras tensivas* da semiótica pensada por Zilberberg dão conta de ajudar a compreender essas passagens.

⁴⁶ Il convient de constater en passant qu'un mal mystérieux semble frapper un certain nombre de sémioticiens, mal qu'on pourrait designer comme "l'attraction des profondeurs" (GREIMAS e COURTÉS, 1986, p. 6, tradução nossa)

Os regimes de interação propostos por Landowski já trazem, na sua concepção, uma lógica tensiva, pois também estão definidos em termos de passagens graduais. Importa mais a passagem entre programação e acidente do que a oposição delas como categorias estanques na elipse. É na tensão entre um risco quase zero da regularidade programada e um risco incontrolável da aleatoriedade pura que geralmente a vida acontece. Tanto Landowski quanto Zilberberg perceberam isso e o esforço de ambos é tentar explicar, com rigor e metodologia, como a semiótica poderia dar conta desses enunciados em que a intencionalidade manipulatória de um Destinador, tal como proposto na narratividade que ampara os estudos discursivos, não era regente.

Não à toa, ambos chegaram a fórmulas muito parecidas, guardadas e respeitadas as especificidades de cada pensamento. O inesperado é o que rege o fazer semiótico de ambos. E, assim como para Zilberberg, o inesperado em Landowski também é central, mas de modo distinto. Enquanto na semiótica tensiva, o não programado está pensado sincreticamente com o sensível, a sociossemiótica tenta separar aleatório e sensível, pois entende que há acidentes sem interesse sensível, bem como encontros estésicos nada aleatórios.

Respeitadas as especificidades de cada teoria, Landowski e Zilberbeg fazem pensar uma semiótica cujo sensível tem papel predominante. Vejamos a frase a seguir:

Assim é o *tempo*, que ‘passa’, e que não veríamos nem mesmo escoar se a tensão de uma espera ou, de vez em quando, a irrupção do inesperado não viesse romper seu curso, constituindo um acontecimento: então, de repente, o ‘presente’ se torna efetivamente presente, porque uma diferença começa a fazê-lo significar. (LANDOWSKI, 2012, p. X, apresentação)

Não fosse a coerção do gênero tese exigir, desde logo, a identificação do autor dessa citação, ela passaria facilmente como tendo sido escrita por Zilberberg.

Nas homilias analisadas, encontramos um Papa que mobiliza habilmente o inteligível em favor do sensível, e vice-versa. Ao se projetar no campo de presença dos fiéis tensionando seu papel temático com surpresas, Francisco engendra relações sensíveis com seus enunciatários – então, de repente, ele passa a fazer sentido, pois

sai da área do inacento do gráfico, lugar esperado que ele ocupasse no exercício do papel temático Papa. Ele deixa a regularidade confortável desse papel que exerce e que poderia conferir-lhe maior autoridade, e torna-se efetivamente presente, fazendo sentido para os seus enunciatários.

Esse procedimento discursivo encontra-se desde a presença dos seus gestos, geralmente deslocados do lugar esperado de um Papa, até as escolhas lexicais e sintáticas de seus discursos enunciados em diferentes linguagens. É o caso das inúmeras vezes em que Francisco promove um deslocamento temporal, fazendo com que o alhures das passagens bíblicas lidas durante as missas passem a ser vistas num aqui agora. Não são mais os contemporâneos de Jesus que interessam, mas os contemporâneos dos fiéis que vivem a paz ou a guerra agora.

Outro procedimento bastante verificado é a instalação do nós em que o Papa incluiu a si mesmo nas diversas condições em que seus fiéis estão inseridos. Diferentemente de um líder religioso que aponta o dedo indicando caminhos, Francisco projeta-se no discurso com um *ethos* que caminha junto com o fiel, sofre com ele. Esses deslocamentos não se dão na ordem da quebra total da regularidade discursiva – com a mudança sempre no horizonte, o Papa nunca deixou de ser Papa nem de agir para garantir a unidade da Igreja.

É este movimento implicativo, projetado na curva conversa do diagrama tensivo, que faz compreender qual é a lógica dos discursos que Francisco enuncia. Enquanto espera-se que a mobilização do inteligível neutralize a sensibilidade dos textos, o pontífice argentino opera mantendo os dois em ascensão. Essa quebra da expectativa da ordem do modo como os discursos se organizam é concessiva.

Neste ponto, nossa tese também contribuiu para fazer compreender os diferentes estatutos que acidente e acontecimento têm. Enquanto a semiótica tensiva mantém, no acontecimento, o sincretismo do aleatório e do sensível imaginado por Greimas em *Da Imperfeição*, a sociossemiótica separa essas duas dimensões, sendo o acidente prioritariamente da ordem do aleatório, mas não necessariamente sensível. Se é assim, acidente e acontecimento não podem ocupar o mesmo espaço nos diagramas – seja na elipse ou no gráfico tensivo.

Essa separação entre o aleatório e o sensível no acidente é que permite a Landowski propor um quarto regime, agora regulado essencialmente pelo sensível –

o ajustamento. Mas aqui o sensível não é nada aleatório, mas construído. Distante de se concretizar frequentemente pela implacável regularidade e intencionalidade que regem os discursos humanos, o ajustamento, no entanto, está sempre presente no horizonte como lugar da inventividade criativa.

Compreendido esse *ethos* concessivo – que opera, para reforçarmos, na implicabilidade da curva conversa, mas surpreende por fazer conciliar harmonicamente sensibilidade e inteligibilidade, é confirmado pelas publicações institucionais, que projetam a imagem de um Papa que se emociona, que toca e se deixa tocar.

A presente pesquisa tem o desafio futuro de explicitar na elipse das interações como as cifras tensivas de andamento e tonicidade, na dimensão da intensidade, e espacialidade e temporalidade, na dimensão da extensidade, podem auxiliar na explicação das passagens entre regimes mais ou menos arriscados.

Desde logo, porém, a possibilidade de usarmos articulados conceitos da semiótica tensiva e da sociossemiótica, tirando de cada uma delas uma operacionalidade própria, nos parece ser uma contribuição relevante na proposição de diálogo de duas vertentes teóricas que, como procuramos demonstrar, podem ser usadas como colaboradoras mútuas.

Bibliografia

- ALONSO ALDAMA, Juan. **Le Discours de l'ETA. Un terrorisme à l'épreuve de la sémiotique**. Limoges: Lambert-Lucas, 2005
- ALONSO ALDAMA, Juan; MONTANARI, Federico. Por una sociosemiótica tensiva: La figura del "ultimátum". **Revista del Centro de Ciencias del Lenguaje**, Cidade do México, n. 19-20, 1999. 115-133.
- ALVES, Rafael. **Habemus Papam**: Eleição Papal nas coberturas midiáticas de jornais paulistas, de Leão XIII (1878) e Francisco (2013). Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica).
- ALVES, Rafael. Igrejas fechadas: rezar na pandemia? **Revista Acta Semiótica**, São Paulo, n. 1, 4 março 2021. 149-172.
- AMOSSY, Ruth. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY (ORG.), Ruth **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz; Fabiana Komesu; e Sírío Possenti. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 119-144.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Edipro, 2011.
- ASSIS SILVA, Ignacio. **Figurativização e metamorfose: o mito de Narcísio**. São Paulo: Editora Unesp, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5ª. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.
- BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem**. 2ª. ed. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Tradução de Grupo CASA. Bauru: EDUSC, 2003.
- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. 10ª. ed. tradução de CNBB. Brasília: Edições CNBB/Editora Canção Nova, 2010.
- BRAIT (ORG.), Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. 5ª. ed. São Paulo: Editora Contexto.
- BRUSTOLIN, Leomar. Eucaristia na era digital: a questão da presença e da participação. **Telecomunicação**, 2012.
- CATECISMO, da Igreja C. Tradução da edição típica latina. São Paulo: Edições Loyla, 2000.

- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 3^a. ed. Tradução de Fabiana Komesu (coord.). São Paulo: Editora Contexto, 2020.
- COUTINHO, Mariana; MANCINI, Renata. Graus de concessão: as dinâmicas do inesperado. **Revista Estudos Semióticos**, São Paulo, 2020.
- DEMURU, Paolo. Imagens autênticas: corpo, contágio e fotografia política nos tempos do Instagram. **Discursos fotográficos**, Londrina, 2020.
- DIREITO CANÔNICO, Código de. **Código de Direito Canônico**. 11^a. ed. Tradução de CNBB. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- DISCINI, Norma. **O estilo nos textos**. 2^a. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- DISCINI, Norma. Para o estilo de um gênero. **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, v. v.7, n. n.2, p. 75-94, 2012.
- DISCINI, Norma. **Corpo e estilo**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- DISCINI, Norma. Entre interações de risco e tensões do afeto. **Revista Galáxia**, São Paulo, set-dez 2017. 85-98.
- DORRA, Raúl. El nido de la voz. In: DORRA, Raúl **La casa y el caracol**: para una semiótica del cuerpo. Puebla (México): Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, Dirección General de Fomento Editorial, 2005.
- DUBET, François. **O tempo das paixões tristes**. Tradução de Mauro Pinheiro. São Paulo: Vestígio, 2020.
- DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. 2^a. ed. Tradução de Izidoro Blikstein (coord.). São Paulo: Cultrix, 2014.
- FECHINE, Yvana. **Televisão e presença. Uma abordagem semiótica da transmissão direta**. São Paulo: Estação das Letras e Cores/CPS, 2008.
- FECHINE, Yvana. Uma dinâmica interacional complexa. **Acta Semiotica**, São Paulo, 2021. 261-277.
- FIORIN, José L. **As astúcias da enunciação**. 1^a. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- FIORIN, José L. **Figuras de retórica**. 1^a. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016
- FIORIN, José L. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. São Paulo: Editora Contexto, 2018.
- FLOCH, Jean-Marie. **Une lecture de Tintin au Tibet**. 1^a. ed. Paris: Presses Universitaires de France/PUF, 1997.

FONTANILLE, Jacques. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto P.; PORTELA, Jean Cristus (orgs.) **Semiótica e Mídia: textos, práticas, estratégias**. Bauru (SP): UNESP/FAAC, 2008. p. 17-76.

FONTANILLE, Jacques. Um diálogo imaginário entre Claude Zilberberg e Eric Landowski: em torno do acontecimento, da alea e do acidente. In: MENDES, Conrodado; LARA, Gláucia M. P. (. **Em torbo do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg**. tradução de Clebson Luiz de Brito. Curitiba: Appris Editora, 2016.

GREIMAS, Algirdas J. **Semântica estrutural**. Tradução de Haquira Osakape e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.

GREIMAS, Algirdas; COURTÉS, Joseph. **Sémiotique Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II**. Paris: Hachette, 1986.

GREIMAS, Algirdas J. **Da imperfeição**. 1ª. ed. Tradução de Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Estação das Letras e Cores/CPS, 2002.

GREIMAS, Algirdas J. **Sobre o sentido II**. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: EDUSP, 2014.

GREIMAS, Algirdas J.; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. 2ª. ed. Tradução de Alceus Dias Lima; Diana Luz Pessoa de Barros; Eduardo Peñuela Cañizal; Edward Lopes; Ignacio Assis da Silva; Maria José Castagnetti e Tiekko Yamaguchi Miyazaki. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução de J. Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

HOUAISS, Antônio; SALLES, Mauro de. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1ª. ed. Elaborada pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

LANDOWSKI, Eric. Prolégomènes à une théorie du double principe d'efficience de la discursivité. Avant-propos à R. Dorra. In: DORRA, Raul **La maison et l'escargot**. Paris: Nouveaux Aces Sémiotiques, 2004c. p. 5-13.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

LANDOWSKI, Eric. Diferença e variação: um encontro permitido, uma articulação necessária. In: LANDOWSKI, Eric; OLIVEIRA, Ana Claudia (orgs.) **Caderno de**

discussões do IX Colóquio do Centro de Pesquisas Sociosemióticas. São Paulo: Edições CPS, 2003.

LANDOWSKI, Eric. Modos de presença do visível. In: OLIVEIRA (ORG), Ana C. **Semiótica Plástica.** Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Hacker editores/CPS, 2004. p. 97-112.

LANDOWSKI, Eric. **Passions san nom.** Paris: Presses Universitaires de France, 2004b.

LANDOWSKI, Eric. Flagrantes delitos e retratos. **Galáxia**, São Paulo, outubro 2004c. 31-70.

LANDOWSKI, Eric. **Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa.** São Paulo: Estação das Letras e Cores/CPS, 2005.

LANDOWSKI, Eric. La politique-spectacle revisitée : manipuler par contagion. **Versus**, 107, 2008.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro.** 1ª. ed. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LANDOWSKI, Eric. Shikata ga nai ou Encore un pas pour devenir vraiment sémioticien! **Revista Lexia**, n. 11-12, 2012. 45-70.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas.** Tradução de Luiza Helena O. da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores/CPS, 2014.

LANDOWSKI, Eric. Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido. **Revista Galáxia**, São Paulo, jun 2014. 10-20.

LANDOWSKI, Eric. Le petit manifeste sémiotique en l'honneur et à l'attention du camarade sociologue Pekka Sulkunen. **Nouveaux Actes Semiotiques**, Limoges, 2017. 1-7.

LANDOWSKI, Eric. Crítica semiótica do populismo. **Revista Galáxia**, Tradução de Murilo Scóz e Ana Claudia de Oliveira. São Paulo, maio-agosto 2020. 16-28.

LOLLI, Pedro A. O contínuo e o discreto em Lévi-Strauss: transformações ameríndias. **Tellus**, Campo Grande (MS), jan-jun 2012. 81-105.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos.** Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.

- MOLINIÉ, Georges. **Dictionnaire de rhétorique**. 1ª Publicação. ed. Paris: Le Livre de Poche, 1992.
- MOUNIN, Georges. **Os problemas teóricos da tradução**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.
- OLIVEIRA, Ana C. D. As interações discursivas. In: OLIVEIRA (ED.), Ana C. **As interações sensíveis: ensaios de sociosemiótica a partir da obra de Eric Landowski**. São Paulo: Estação das Letras e Cores/CPS, 2013. p. 235-249.
- OLIVEIRA, Ana C. D. Sentido e qualidades sensíveis: plásticas, rítmicas, estéticas. In: OLIVEIRA, Ana C. D. **Sociosemiótica II: sentido, estesia, gosto**. São Paulo: Estação das Letras & Cores / CPS, 2021.
- ORLANDI, Eni. **Discurso fundador**. 2ª. ed. Campinas: Pontes, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini; José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SEDDA, Franciscu. Imprevedibile Franciscus. In: (ORGS.), A.M. L. E. P. P. **Il racconto di Francesco. La comunicazione del Papa nell'era della connessione globale**. Roma: Luiss University Press, 2017.
- SILVA, Sueli M. R. D. **Discurso de divulgação religiosa: semiótica e retórica**. Tese de Doutorado em Linguística. USP. São Paulo. 2001.
- SOARES, Vinicius L.; MANCINI, Renata. Uma leitura semiótica das modalidades veridictórias. **Estudos Semióticos**, São Paulo, 2023. 15-29.
- SOTANG, Susan. **Doença como metáfora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- TATIT, Luiz. **Semiótica à luz de Guimarães Rosa**. 1ª. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- TATIT, Luiz. Quantificações subjetivas: crônicas e críticas. **Caderno de Letras da UFF - Dossiê: Linguagens em diálogo**, Rio de Janeiro, 2011. 35-50.
- TATIT, Luiz. **Passos de semiótica tensiva**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2019.
- ZILBERBERG, Claude. As condições semióticas da mestiçagem. In: CAÑIZAL, Eduardo P.; CAETANO (ORGS.), Kati E. **O Olhar à deriva: mídia, significação e cultura**. Tradução de Ivã Carlos Lopes e Luiz Tatit. São Paulo: Annablume, 2004. p. 71-101.

ZILBERBERG, Claude. Aspecto. In: ZILBERBERG, Claude **Tensión y significación**. 1ª. ed. Tradução de Desiderio Blanco. Lima: Universidade de Lima/Fondo Editorial, 2004. p. 331-363.

ZILBERBERG, Claude. Dirección. In: ZILBERBERG, Claude **Tensión y significación**. 1ª. ed. Tradução de Desiderio Blanco. Lima: Universidade de Lima/Fondo editorial, 2004. p. 307-329.

ZILBERBERG, Claude. **Razão e poética do sentido**. Tradução de Ivã Lopes; Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: EDUSP, 2006.

ZILBERBERG, Claude. Louvando o acontecimento. **Revista Galáxia**, São Paulo, jun 2007. 13-28.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de semiótica tensiva**. Tradução de Waldir Beividas; Ivã Carlos Lopes e Luiz Tatit. São Paulo: EDUSP, 2011.

ZILBERBERG, Claude. **La estructura tensiva**. 1ª. ed. Tradução de Desiderio Blanco. Lima: Universidade de Lima/Fondo Editorial, 2015.

ZILBERBERG, Claude. **De las formas de vida a los valores**. 1ª. ed. Tradução de Desiderio Blanco. Lima: Universidade de Lima/Fondo Editorial, 2016.

ZILBERBERG, Claude. Síntese de gramática tensiva. **revista Significação**, São Paulo, n. 25, 2016. 165-204.

ZILBERBERG, Claude; FONTANILLE, Jacques. **Tensão e significação**. Tradução de Ivã Carlos Lopes; Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas/FFLCH-USP, 2001.

ANEXOS



A Santa Sé

CELEBRAÇÃO MATUTINA TRANSMITIDA AO VIVO
DA CAPELA DA CASA SANTA MARTA

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

"A graça da vergonha"

Segunda-feira, 9 de março de 2020

[Multimídia]

Introdução à Santa Missa

Nestes dias, oferecerei a missa pelos doentes dessa epidemia de coronavírus, pelos médicos, enfermeiros, voluntários que ajudam muito, familiares, pelos idosos que estão em casas de repouso e pelos presos. Esta semana recitemos juntos esta intensa oração ao Senhor: "Salvai-me, Senhor, e concedei-me misericórdia. Os meus pés estão no caminho certo. Na assembleia bendirei ao Senhor".

Homilia

A Primeira Leitura do Profeta Daniel é uma confissão dos pecados. O povo reconhece-se pecador. «Senhor, fostes fiel a nós, mas nós pecamos, fomos maus e ímpios. Fomos rebeldes, distanciamos-nos dos vossos mandamentos e leis. Não obedecemos aos vossos servos, os Profetas, que em vosso nome falaram aos nossos reis, aos nossos príncipes, aos nossos antepassados e a todo o povo do país». Há uma *confissão* dos pecados, um reconhecimento de que pecamos.

Quando nos preparamos para receber o Sacramento da Reconciliação, devemos fazer um

“exame de consciência” e ver o que eu fiz diante de Deus: pequei. Reconhecer o pecado. Reconhecer o pecado não pode ser apenas fazer uma lista dos pecados intelectuais, dizer: “pequei”. Depois, digo-o ao padre e ele perdoa-me. Não é necessário, não é justo fazer isto. Seria como redigir uma lista das coisas que devo fazer ou que devo ter ou que fiz mal, mas que permanece na cabeça. Uma verdadeira confissão dos pecados deve permanecer no coração. Confessar-se não é apenas dizer ao sacerdote esta lista: “Fiz isto e aquilo”, e depois ir embora. Estou perdoado. Não, não é justo. É preciso dar um passo, um passo a mais, que é a confissão das nossas misérias, mas com o coração, ou seja, de modo que aquela lista de coisas ruins que fiz desça ao coração.

Assim faz o profeta Daniel. «A Vós, Senhor, convém a justiça; a nós, a vergonha». Quando reconheço que pequei, que não rezei direito e sinto isto no coração, vem-me este sentimento de vergonha: “Envergonho-me por ter feito isto. Peço-lhe perdão com vergonha”. A vergonha pelos nossos pecados é uma graça, devemos pedi-la: “Senhor, que eu tenha vergonha”. Uma pessoa que perdeu a vergonha, perde a autoridade moral, perde o respeito pelos outros. Um desavergonhado. O mesmo acontece com Deus: devemos ter vergonha. A Vós convém a justiça; a nós, a vergonha. A vergonha no rosto, como hoje. “Senhor, continua Daniel, devemos ter vergonha no rosto: diante dos nossos reis e príncipes, dos nossos antepassados, pois pecamos contra Vós”. Ao Senhor nosso Deus, antes tinha dito convém a justiça, agora diz: cabe a misericórdia. Quando nós temos não apenas a recordação, a memória dos pecados que fizemos, mas também o sentimento de vergonha, isto toca o coração de Deus, que responde com misericórdia. O caminho para ir ao encontro da misericórdia de Deus é envergonhar-se das coisas ruins, das coisas más que fizemos. Assim, quando vou confessar-me digo não somente a lista de pecados, mas os sentimentos de confusão, de vergonha por ter feito isto a um Deus tão bom, tão misericordioso e justo.

Peçamos hoje a graça da vergonha: de ter vergonha pelos nossos pecados. Que o Senhor conceda a todos nós essa graça!



A Santa Sé

SANTA MISSA COM OS CARDEAIS

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Capela Sistina

Quinta-feira, 14 de Março de 2013

Galeria fotográfica

Vejo que estas três Leituras têm algo em comum: é o movimento. Na primeira Leitura, o movimento no caminho; na segunda Leitura, o movimento na edificação da Igreja; na terceira, no Evangelho, o movimento na confissão. Caminhar, edificar, confessar.

Caminhar. «Vinde, Casa de Jacob! Caminhemos à luz do Senhor» (Js 2, 5). Trata-se da primeira coisa que Deus disse a Abraão: caminha na minha presença e sê irrepreensível. Caminhar: a nossa vida é um caminho e, quando nos detemos, está errado. Caminhar sempre, na presença do Senhor, à luz do Senhor, procurando viver com aquela irrepreensibilidade que Deus pedia a Abraão, na sua promessa.

Edificar. Edificar a Igreja. Fala-se de pedras: as pedras têm consistência; mas pedras vivas, pedras unguidas pelo Espírito Santo. Edificar a Igreja, a Esposa de Cristo, sobre aquela pedra angular que é o próprio Senhor. Aqui temos outro movimento da nossa vida: edificar.

Terceiro, confessar. Podemos caminhar o que quisermos, podemos edificar um monte de coisas, mas se não confessarmos Jesus Cristo, está errado. Tornar-nos-emos uma ONG sócio-caritativa, mas não a Igreja, Esposa do Senhor. Quando não se caminha, ficamos parados. Quando não se edifica sobre as pedras, que acontece? Acontece o mesmo que às crianças na praia quando fazem castelos de areia: tudo se desmorona, não tem consistência. Quando não se confessa Jesus Cristo, faz-me pensar nesta frase de Léon Bloy: «Quem não reza ao Senhor, reza ao diabo». Quando não confessa Jesus Cristo, confessa o mundanismo do diabo, o mundanismo do

demónio.

Caminhar, edificar-construir, confessar. Mas a realidade não é tão fácil, porque às vezes, quando se caminha, constrói ou confessa, sentem-se abalos, há movimentos que não são os movimentos próprios do caminho, mas movimentos que nos puxam para trás.

Este Evangelho continua com uma situação especial. O próprio Pedro que confessou Jesus Cristo com estas palavras: Tu és Cristo, o Filho de Deus vivo, diz-lhe: Eu sigo-Te, mas de Cruz não se fala. Isso não vem a propósito. Sigo-Te com outras possibilidades, sem a Cruz. Quando caminhamos sem a Cruz, edificamos sem a Cruz ou confessamos um Cristo sem Cruz, não somos discípulos do Senhor: somos mundanos, somos bispos, padres, cardeais, papas, mas não discípulos do Senhor.

Eu queria que, depois destes dias de graça, todos nós tivéssemos a coragem, sim a coragem, de caminhar na presença do Senhor, com a Cruz do Senhor; de edificar a Igreja sobre o sangue do Senhor, que é derramado na Cruz; e de confessar como nossa única glória Cristo Crucificado. E assim a Igreja vai para diante.

Faço votos de que, pela intercessão de Maria, nossa Mãe, o Espírito Santo conceda a todos nós esta graça: caminhar, edificar, confessar Jesus Cristo Crucificado. Assim seja.



A Santa Sé

SANTA MISSA
IMPOSIÇÃO DO PÁLIO E ENTREGA DO ANEL DO PESCADOR
PARA O INÍCIO DO MINISTÉRIO PETRINO
DO BISPO DE ROMA

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Praça de São Pedro
Terça-feira, 19 de Março de 2013
Solenidade de São José

Galeria fotográfica
Galeria fotográfica 2

Queridos irmãos e irmãs!

Agradeço ao Senhor por poder celebrar esta Santa Missa de início do ministério petrino na solenidade de São José, esposo da Virgem Maria e patrono da Igreja universal: é uma coincidência densa de significado e é também o onomástico do meu venerado Predecessor: acompanhamo-lo com a oração, cheia de estima e gratidão.

Saúdo, com afecto, os Irmãos Cardeais e Bispos, os sacerdotes, os diáconos, os religiosos e as religiosas e todos os fiéis leigos. Agradeço, pela sua presença, aos Representantes das outras Igrejas e Comunidades eclesiais, bem como aos representantes da comunidade judaica e de outras comunidades religiosas. Dirijo a minha cordial saudação aos Chefes de Estado e de Governo, às Delegações oficiais de tantos países do mundo e ao Corpo Diplomático.

Ouvimos ler, no Evangelho, que «José fez como lhe ordenou o anjo do Senhor e recebeu sua esposa» (Mt 1, 24). Nestas palavras, encerra-se já a missão que Deus confia a José: ser *custos*, guardião. Guardião de quem? De Maria e de Jesus, mas é uma guarda que depois se alarga à

Igreja, como sublinhou o Beato João Paulo II: «São José, assim como cuidou com amor de Maria e se dedicou com empenho jubiloso à educação de Jesus Cristo, assim também guarda e protege o seu Corpo místico, a Igreja, da qual a Virgem Santíssima é figura e modelo» (Exort. ap. Redemptoris Custos, 1).

Como realiza José esta guarda? Com discrição, com humildade, no silêncio, mas com uma presença constante e uma fidelidade total, mesmo quando não consegue entender. Desde o casamento com Maria até ao episódio de Jesus, aos doze anos, no templo de Jerusalém, acompanha com solicitude e amor cada momento. Permanece ao lado de Maria, sua esposa, tanto nos momentos serenos como nos momentos difíceis da vida, na ida a Belém para o recenseamento e nas horas ansiosas e felizes do parto; no momento dramático da fuga para o Egito e na busca preocupada do filho no templo; e depois na vida quotidiana da casa de Nazaré, na carpintaria onde ensinou o ofício a Jesus.

Como vive José a sua vocação de guardião de Maria, de Jesus, da Igreja? Numa constante atenção a Deus, aberto aos seus sinais, disponível mais ao projecto d'Ele que ao seu. E isto mesmo é o que Deus pede a David, como ouvimos na primeira Leitura: Deus não deseja uma casa construída pelo homem, mas quer a fidelidade à sua Palavra, ao seu desígnio; e é o próprio Deus que constrói a casa, mas de pedras vivas marcadas pelo seu Espírito. E José é «guardião», porque sabe ouvir a Deus, deixa-se guiar pela sua vontade e, por isso mesmo, se mostra ainda mais sensível com as pessoas que lhe estão confiadas, sabe ler com realismo os acontecimentos, está atento àquilo que o rodeia, e toma as decisões mais sensatas. Nele, queridos amigos, vemos como se responde à vocação de Deus: com disponibilidade e prontidão; mas vemos também qual é o centro da vocação cristã: Cristo. Guardemos Cristo na nossa vida, para guardar os outros, para guardar a criação!

Entretanto a vocação de guardião não diz respeito apenas a nós, cristãos, mas tem uma dimensão antecedente, que é simplesmente humana e diz respeito a todos: é a de guardar a criação inteira, a beleza da criação, como se diz no livro de Génesis e nos mostrou São Francisco de Assis: é ter respeito por toda a criatura de Deus e pelo ambiente onde vivemos. É guardar as pessoas, cuidar carinhosamente de todas elas e cada uma, especialmente das crianças, dos idosos, daqueles que são mais frágeis e que muitas vezes estão na periferia do nosso coração. É cuidar uns dos outros na família: os esposos guardam-se reciprocamente, depois, como pais, cuidam dos filhos, e, com o passar do tempo, os próprios filhos tornam-se guardiões dos pais. É viver com sinceridade as amizades, que são um mútuo guardar-se na intimidade, no respeito e no bem. Fundamentalmente tudo está confiado à guarda do homem, e é uma responsabilidade que nos diz respeito a todos. Sede guardiões dos dons de Deus!

E quando o homem falha nesta responsabilidade, quando não cuidamos da criação e dos irmãos, então encontra lugar a destruição e o coração fica ressequido. Infelizmente, em cada época da história, existem «Herodes» que tramam desígnios de morte, destroem e deturpam o rosto do

homem e da mulher.

Queria pedir, por favor, a quantos ocupam cargos de responsabilidade em âmbito económico, político ou social, a todos os homens e mulheres de boa vontade: sejamos «guardiões» da criação, do desígnio de Deus inscrito na natureza, guardiões do outro, do ambiente; não deixemos que sinais de destruição e morte acompanhem o caminho deste nosso mundo! Mas, para «guardar», devemos também cuidar de nós mesmos. Lembremo-nos de que o ódio, a inveja, o orgulho sujam a vida; então guardar quer dizer vigiar sobre os nossos sentimentos, o nosso coração, porque é dele que saem as boas intenções e as más: aquelas que edificam e as que destroem. Não devemos ter medo de bondade, ou mesmo de ternura.

A propósito, deixai-me acrescentar mais uma observação: cuidar, guardar requer bondade, requer ser praticado com ternura. Nos Evangelhos, São José aparece como um homem forte, corajoso, trabalhador, mas, no seu íntimo, sobressai uma grande ternura, que não é a virtude dos fracos, antes pelo contrário denota fortaleza de ânimo e capacidade de solicitude, de compaixão, de verdadeira abertura ao outro, de amor. Não devemos ter medo da bondade, da ternura!

Hoje, juntamente com a festa de São José, celebramos o início do ministério do novo Bispo de Roma, Sucessor de Pedro, que inclui também um poder. É certo que Jesus Cristo deu um poder a Pedro, mas de que poder se trata? À tríplice pergunta de Jesus a Pedro sobre o amor, segue-se o tríplice convite: apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas. Não esqueçamos jamais que o verdadeiro poder é o serviço, e que o próprio Papa, para exercer o poder, deve entrar sempre mais naquele serviço que tem o seu vértice luminoso na Cruz; deve olhar para o serviço humilde, concreto, rico de fé, de São José e, como ele, abrir os braços para guardar todo o Povo de Deus e acolher, com afecto e ternura, a humanidade inteira, especialmente os mais pobres, os mais fracos, os mais pequeninos, aqueles que Mateus descreve no Juízo final sobre a caridade: quem tem fome, sede, é estrangeiro, está nu, doente, na prisão (cf. *Mt* 25, 31-46). Apenas aqueles que servem com amor capaz de proteger.

Na segunda Leitura, São Paulo fala de Abraão, que acreditou «com uma esperança, para além do que se podia esperar» (*Rm* 4, 18). Com uma esperança, para além do que se podia esperar! Também hoje, perante tantos pedaços de céu cinzento, há necessidade de ver a luz da esperança e de darmos nós mesmos esperança. Guardar a criação, cada homem e cada mulher, com um olhar de ternura e amor, é abrir o horizonte da esperança, é abrir um rasgo de luz no meio de tantas nuvens, é levar o calor da esperança! E, para o crente, para nós cristãos, como Abraão, como São José, a esperança que levamos tem o horizonte de Deus que nos foi aberto em Cristo, está fundada sobre a rocha que é Deus.

Guardar Jesus com Maria, guardar a criação inteira, guardar toda a pessoa, especialmente a mais pobre, guardarmo-nos a nós mesmos: eis um serviço que o Bispo de Roma está chamado a cumprir, mas para o qual todos nós estamos chamados, fazendo resplandecer a estrela da

esperança: Guardemos com amor aquilo que Deus nos deu!

Peço a intercessão da Virgem Maria, de São José, de São Pedro e São Paulo, de São Francisco, para que o Espírito Santo acompanhe o meu ministério, e, a todos vós, digo: rezai por mim!
Amen.



A Santa Sé

SANTA MISSA DA NOITE DE NATAL

SOLENIIDADE DO NATAL DO SENHOR

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Basílica Vaticana

Quarta-feira, 24 de Dezembro de 2014

[Multimídia]

«O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; habitavam numa terra de sombras, mas uma luz brilhou sobre eles» (Is 9, 1). «Um anjo do Senhor apareceu [aos pastores], e a glória do Senhor refulgiu em volta deles» (Lc 2, 9). É assim que a Liturgia desta santa noite de Natal nos apresenta o nascimento do Salvador: como luz que penetra e dissolve a mais densa escuridão. A presença do Senhor no meio do seu povo cancela o peso da derrota e a tristeza da escravidão e restabelece o júbilo e a alegria.

Também nós, nesta noite abençoada, viemos à casa de Deus atravessando as trevas que envolvem a terra, mas guiados pela chama da fé que ilumina os nossos passos e animados pela esperança de encontrar a «grande luz». Abrindo o nosso coração, temos, também nós, a possibilidade de contemplar o milagre daquele menino-sol que, surgindo do alto, ilumina o horizonte.

A origem das trevas que envolvem o mundo perde-se na noite dos tempos. Pensemos no obscuro momento em que foi cometido o primeiro crime da humanidade, quando a mão de Caim, cego pela inveja, feriu de morte o irmão Abel (cf. Gn 4, 8). Assim, o curso dos séculos tem sido marcado por violências, guerras, ódio, prepotência. Mas Deus, que havia posto suas expectativas no homem feito à sua imagem e semelhança, esperava. Deus esperava. O tempo de espera fez-se tão longo que a certo momento, quiçá, deveria renunciar; mas Ele não podia renunciar, não podia negar-Se a Si mesmo (cf. 2 Tm 2, 13). Por isso, continuou a esperar pacientemente face à

corrupção de homens e povos. A paciência de Deus... Como é difícil compreender isto: a paciência de Deus para conosco!

Ao longo do caminho da história, a luz que rasga a escuridão revela-nos que Deus é Pai e que a sua paciente fidelidade é mais forte do que as trevas e do que a corrupção. Nisto consiste o anúncio da noite de Natal. Deus não conhece a explosão de ira nem a impaciência; permanece lá, como o pai da parábola do filho pródigo, à espera de vislumbrar ao longe o regresso do filho perdido; e todos os dias, com paciência. A paciência de Deus!

A profecia de Isaías anuncia a aurora duma luz imensa que rasga a escuridão. Ela nasce em Belém e é acolhida pelas mãos amorosas de Maria, pelo afecto de José, pela maravilha dos pastores. Quando os anjos anunciaram aos pastores o nascimento do Redentor, fizeram-no com estas palavras: «Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura» (Lc 2, 12). O «sinal» é precisamente a humildade de Deus, a humildade de Deus levada ao extremo; é o amor com que Ele, naquela noite, assumiu a nossa fragilidade, o nosso sofrimento, as nossas angústias, os nossos desejos e as nossas limitações. A mensagem que todos esperavam, que todos procuravam nas profundezas da própria alma, mais não era que a ternura de Deus: Deus que nos fixa com olhos cheios de afecto, que aceita a nossa miséria, Deus enamorado da nossa pequenez.

Nesta noite santa, ao mesmo tempo que contemplamos o Menino Jesus recém-nascido e reclinado numa manjedoura, somos convidados a reflectir. Como acolhemos a ternura de Deus? Deixo-me alcançar por Ele, deixo-me abraçar, ou impeço-Lhe de aproximar-Se? «Oh não, eu procuro o Senhor!» – poderíamos replicar. Porém a coisa mais importante não é procurá-Lo, mas deixar que seja Ele a procurar-me, a encontrar-me e a cobrir-me amorosamente das suas carícias. Esta é a pergunta que o Menino nos coloca com a sua mera presença: permito a Deus que me queira bem?

E ainda: temos a coragem de acolher, com ternura, as situações difíceis e os problemas de quem vive ao nosso lado, ou preferimos as soluções impessoais, talvez eficientes mas desprovidas do calor do Evangelho? Quão grande é a necessidade que o mundo tem hoje de ternura! Paciência de Deus, proximidade de Deus, ternura de Deus.

A resposta do cristão não pode ser diferente da que Deus dá à nossa pequenez. A vida deve ser enfrentada com bondade, com mansidão. Quando nos damos conta de que Deus Se enamorou da nossa pequenez, de que Ele mesmo Se faz pequeno para melhor nos encontrar, não podemos deixar de Lhe abrir o nosso coração pedindo-Lhe: «Senhor, ajudai-me a ser como Vós, concedei-me a graça da ternura nas circunstâncias mais duras da vida, dai-me a graça de me aproximar ao ver qualquer necessidade, a graça da mansidão em qualquer conflito».

Queridos irmãos e irmãs, nesta noite santa, contemplamos o presépio: nele, «o povo que andava

3

nas trevas viu uma grande luz» (/s 9, 1). Viram-na as pessoas simples, as pessoas dispostas a acolher o dom de Deus. Pelo contrário, não a viram os arrogantes, os soberbos, aqueles que estabelecem as leis segundo os próprios critérios pessoais, aqueles que assumem atitudes de fechamento. Contemplemos o presépio e façamos este pedido à Virgem Mãe: «Ó Maria, mostrai-nos Jesus!»



A Santa Sé

SANTA MISSA DA NOITE DE NATAL

SOLENIIDADE DO NATAL DO SENHOR

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Basílica Vaticana

Terça-feira, 24 de Dezembro de 2013

Vídeo

Galeria fotográfica

1. «O povo que andava nas trevas viu uma grande luz» (Is 9, 1).

Esta profecia de Isaías não cessa de nos comover, especialmente quando a ouvimos na liturgia da Noite de Natal. E não se trata apenas dum facto emotivo, sentimental; comove-nos, porque exprime a realidade profunda daquilo que somos: somos povo em caminho, e ao nosso redor – mas também dentro de nós – há trevas e luz. E nesta noite, enquanto o espírito das trevas envolve o mundo, renova-se o acontecimento que sempre nos maravilha e surpreende: o povo em caminho vê uma grande luz. Uma luz que nos faz reflectir sobre este mistério: o mistério do *andar* e do *ver*.

Andar. Este verbo faz-nos pensar no curso da história, naquele longo caminho que é a história da salvação, com início em Abraão, nosso pai na fé, que um dia o Senhor chamou convidando-o a partir, a sair do seu país para a terra que Ele lhe havia de indicar. Desde então, a nossa identidade de crentes é a de pessoas peregrinas para a terra prometida. Esta história é sempre acompanhada pelo Senhor! Ele é sempre fiel ao seu pacto e às suas promessas. Porque fiel, «Deus é luz, e n'Ele não há nenhuma espécie de trevas» (1 Jo 1, 5). Diversamente, do lado do povo, alternam-se momentos de luz e de escuridão, fidelidade e infidelidade, obediência e rebelião; momentos de povo peregrino e momentos de povo errante.

2

E, na nossa história pessoal, também se alternam momentos luminosos e escuros, luzes e sombras. Se amamos a Deus e aos irmãos, andamos na luz; mas, se o nosso coração se fecha, se prevalece em nós o orgulho, a mentira, a busca do próprio interesse, então calam as trevas dentro de nós e ao nosso redor. «Aquele que tem ódio ao seu irmão – escreve o apóstolo João – está nas trevas e nas trevas caminha, sem saber para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos» (1 Jo 2, 11). Povo em caminho, mas povo peregrino que não quer ser povo errante.

2. Nesta noite, como um facho de luz claríssima, ressoa o anúncio do Apóstolo: «Manifestou-se a graça de Deus, que traz a salvação para todos os homens» (Tt 2, 11).

A graça que se manifestou no mundo é Jesus, nascido da Virgem Maria, verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Entrou na nossa história, partilhou o nosso caminho. Veio para nos libertar das trevas e nos dar a luz. N'Ele manifestou-se a graça, a misericórdia, a ternura do Pai: Jesus é o Amor feito carne. Não se trata apenas dum mestre de sabedoria, nem dum ideal para o qual tendemos e do qual sabemos estar inexoravelmente distantes, mas é o sentido da vida e da história que pôs a sua tenda no meio de nós.

3. Os pastores foram os primeiros a ver esta «tenda», a receber o anúncio do nascimento de Jesus. Foram os primeiros, porque estavam entre os últimos, os marginalizados. E foram os primeiros porque velavam durante a noite, guardando o seu rebanho. É lei do peregrino velar, e eles velavam. Com eles, detemo-nos diante do Menino, detemo-nos em silêncio. Com eles, agradecemos ao Pai do Céu por nos ter dado Jesus e, com eles, deixamos subir do fundo do coração o nosso louvor pela sua fidelidade: Nós Vos bendizemos, Senhor Deus Altíssimo, que Vos humilhastes por nós. Sois imenso, e fizestes-Vos pequenino; sois rico, e fizestes-Vos pobre; sois onipotente, e fizestes-Vos frágil.

Nesta Noite, partilhamos a *alegria do Evangelho*: Deus ama-nos; e ama-nos tanto que nos deu o seu Filho como nosso irmão, como luz nas nossas trevas. O Senhor repete-nos: «Não temais» (Lc 2, 10). Assim disseram os anjos aos pastores: «Não temais». E repito também eu a todos vós: Não temais! O nosso Pai é paciente, ama-nos, dá-nos Jesus para nos guiar no caminho para a terra prometida. Ele é a luz que ilumina as trevas. Ele é a misericórdia: o nosso Pai perdoa-nos sempre. Ele é a nossa paz. Amen.



A Santa Sé

SANTA MISSA DA NOITE DE NATAL

NATAL DO SENHOR

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Basílica Vaticana

Quinta-feira, 24 de Dezembro de 2015

[Multimídia]

Nesta noite, resplandece «uma grande luz» (Is 9, 1); sobre todos nós, brilha a luz do nascimento de Jesus. Como são verdadeiras e actuais as palavras que ouvimos do profeta Isaías: «Multiplicaste a alegria, aumentaste o júbilo» (9, 2)! O nosso coração já estava cheio de alegria vislumbrando este momento; mas, agora, aquele sentimento multiplica-se e sobreabunda, porque a promessa se cumpriu: finalmente realizou-se. Júbilo e alegria garantem-nos que a mensagem contida no mistério desta noite provém verdadeiramente de Deus. Não há lugar para a dúvida; deixemo-la aos cépticos, que, por interrogarem apenas a razão, nunca encontram a verdade. Não há espaço para a indiferença, que domina no coração de quem é incapaz de amar, porque tem medo de perder alguma coisa. Fica afugentada toda a tristeza, porque o Menino Jesus é o verdadeiro consolador do coração.

Hoje, o Filho de Deus nasceu: tudo muda. O Salvador do mundo vem para Se tornar participante da nossa natureza humana: já não estamos sós e abandonados. A Virgem oferece-nos o seu Filho como princípio de vida nova. A verdadeira luz vem iluminar a nossa existência, muitas vezes encerrada na sombra do pecado. Hoje descobrimos de novo quem somos! Nesta noite, torna-se-nos patente o caminho que temos de percorrer para alcançar a meta. Agora, deve cessar todo o medo e pavor, porque a luz nos indica a estrada para Belém. Não podemos permanecer inertes. Não nos é permitido ficar parados. Temos de ir ver o nosso Salvador, deitado numa manjedoura. Eis o motivo do júbilo e da alegria: este Menino «nasceu *para nós*», foi-nos «dado *a nós*», como anuncia Isaías (cf. 9, 5). A um povo que, há dois mil anos, percorre todas as estradas do mundo

2

para tornar cada ser humano participante desta alegria, é confiada a missão de dar a conhecer o «Príncipe da paz» e tornar-se um instrumento eficaz d'Ele no meio das nações.

Por isso, quando ouvirmos falar do nascimento de Cristo, permaneçamos em silêncio e deixemos que seja aquele Menino a falar; gravemos no nosso coração as suas palavras, sem afastar o olhar do seu rosto. Se O tomarmos nos nossos braços e nos deixarmos abraçar por Ele, dar-nos-á a paz do coração que jamais terá fim. Este Menino ensina-nos aquilo que é verdadeiramente essencial na nossa vida. Nasce na pobreza do mundo, porque, para Ele e sua família, não há lugar na hospedaria. Encontra abrigo e protecção num estábulo e é deitado numa manjedoura para animais. E todavia, a partir deste nada, surge a luz da glória de Deus. A partir daqui, para os homens de coração simples, começa o caminho da verdadeira libertação e do resgate perene. Deste Menino, que, no seu rosto, traz gravados os traços da bondade, da misericórdia e do amor de Deus Pai, brota – em todos nós, seus discípulos, como ensina o apóstolo Paulo – a vontade de «renúncia à impiedade» e à riqueza do mundo, para vivermos «com sobriedade, justiça e piedade» (Tt 2, 12).

Numa sociedade frequentemente embriagada de consumo e prazer, de abundância e luxo, de aparência e narcisismo, Ele chama-nos a um comportamento *sóbrio*, isto é, simples, equilibrado, linear, capaz de individuar e viver o essencial. Num mundo que demasiadas vezes é duro com o pecador e brando com o pecado, há necessidade de cultivar um forte sentido da justiça, de buscar e pôr em prática a vontade de Deus. No seio duma cultura da indiferença, que não raramente acaba por ser cruel, o nosso estilo de vida seja, pelo contrário, cheio de *piedade*, empatia, compaixão, misericórdia, extraídas diariamente do poço de oração.

Como os pastores de Belém, possam também os nossos olhos encher-se de espanto e maravilha, contemplando no Menino Jesus o Filho de Deus. E, diante d'Ele, brote dos nossos corações a invocação: «Mostra-nos, Senhor, a tua misericórdia, concede-nos a tua salvação» (Sal 85/84, 8).



A Santa Sé

SANTA MISSA DA NOITE DE NATAL

NATAL DO SENHOR

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Basílica Vaticana

Sábado, 24 de dezembro de 2016

[Multimídia]

«Manifestou-se a graça de Deus, portadora de salvação para todos os homens» (Tt 2, 11). Estas palavras do apóstolo Paulo revelam o mistério desta noite santa: manifestou-se a graça de Deus, o seu presente gratuito; no Menino que nos é dado, concretiza-se o amor de Deus por nós.

É uma *noite de glória*, a glória proclamada pelos anjos em Belém e também por nós em todo o mundo. É uma *noite de alegria*, porque, desde agora e para sempre, Deus, o Eterno, o Infinito, é *Deus conosco*: não está longe, não temos de O procurar nas órbitas celestes nem em qualquer ideia mística; está próximo, fez-Se homem e não Se separará jamais desta nossa humanidade que assumiu. É uma *noite de luz*: a luz, profetizada por Isaías e que havia de iluminar quem caminha em terra tenebrosa (cf. Is 9, 1), manifestou-se e envolveu os pastores de Belém (cf. Lc 2, 9).

Os pastores descobrem, pura e simplesmente, que «um menino nasceu para nós» (Is 9, 5) e compreendem que toda aquela glória, toda aquela alegria, toda aquela luz se concentram num único ponto, no *signal* que o anjo lhes indicou: «Encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura» (Lc 2, 12). Este é o *signal de sempre* para encontrar Jesus; não só então, mas hoje também. Se queremos festejar o verdadeiro Natal, contemplemos este sinal: a simplicidade frágil dum pequenino recém-nascido, a mansidão que demonstra no estar deitado, a

ternura afetuosa das fraldas que O envolvem. Ali está Deus.

E com este sinal, o Evangelho desvenda-nos um paradoxo: fala do imperador, do governador, dos grandes de então, mas Deus não Se apresentou lá; não aparece no salão nobre dum palácio real, mas na pobreza dum curral; não nos fastos ilusórios, mas na simplicidade da vida; não no poder, mas numa pequenez que nos deixa surpreendidos. E, para O encontrar, é preciso ir aonde Ele está: é preciso inclinar-se, abaixar-se, fazer-se pequenino. O Menino que nasce interpela-nos: chama-nos a deixar as ilusões do efêmero para ir ao essencial, renunciar às nossas pretensões insaciáveis, abandonar aquela perene insatisfação e a tristeza por algo que sempre nos faltará. Far-nos-á bem deixar estas coisas, para reencontrar na simplicidade de Deus-Menino a paz, a alegria, o sentido luminoso da vida.

Deixemo-nos interpelar pelo Menino na manjedoura, mas deixemo-nos interpelar também pelas crianças que, hoje, não são reclinadas num berço nem acariciadas pelo carinho duma mãe e dum pai, mas jazem nas miseráveis «*manjedouras de dignidade*»: no abrigo subterrâneo para escapar aos bombardeamentos, na calçada duma grande cidade, no fundo dum barco sobrecarregado de migrantes. Deixemo-nos interpelar pelas crianças que não se deixam nascer, as que choram porque ninguém lhes sacia a fome, aquelas que na mão não têm brinquedos, mas armas.

O mistério do Natal, que é luz e alegria, interpela e mexe connosco, porque é um *mistério de esperança* e simultaneamente *de tristeza*. Traz consigo um *sabor de tristeza*, já que o amor não é acolhido, a vida é descartada. Assim acontece a José e Maria, que encontraram as portas fechadas e puseram Jesus numa manjedoura, «por não haver lugar para eles na hospedaria» (Lc 2, 7). Jesus nasce rejeitado por alguns e na indiferença da maioria. E a mesma indiferença pode reinar também hoje, quando o Natal se torna uma festa onde os protagonistas somos nós, em vez de ser Ele; quando as luzes do comércio põem na sombra a luz de Deus; quando nos afanamos com as prendas e ficamos insensíveis a quem está marginalizado. Esta mundanidade fez refém o Natal; é preciso libertá-lo!

Mas o Natal tem sobretudo um *sabor de esperança*, porque, não obstante as nossas trevas, resplandece a luz de Deus. A sua luz gentil não mete medo; enamorado por nós, Deus atrai-nos com a sua ternura, nascendo pobre e frágil no nosso meio, como um de nós. Nasce em Belém, que significa «*casa do pão*»; deste modo parece querer dizer-nos que nasce como *pão para nós*; vem à nossa vida, para nos dar a sua vida; vem ao nosso mundo, para nos trazer o seu amor. Vem, não para devorar e comandar, mas alimentar e servir. Há, pois, uma linha direta que liga a manjedoura e a cruz, onde Jesus será *pão repartido*: é a linha direta do amor que se dá e nos salva, que dá luz à nossa vida, paz aos nossos corações.

Compreenderam-no, naquela noite, os pastores, que se contavam entre os marginalizados de então. Mas ninguém é marginalizado aos olhos de Deus, e precisamente eles foram os convidados de Natal. Quem se sentia seguro de si, autossuficiente, ficara em casa com as suas

3

coisas; ao contrário, os pastores «foram apressadamente» (Lc 2, 16). Deixemo-nos, também nós, interpelar e convocar nesta noite por Jesus, vamos confiadamente ter com Ele, a partir daquilo em que nos sentimos marginalizados, a partir dos nossos limites, a partir dos nossos pecados. Deixemo-nos tocar pela ternura que salva. Aproximemo-nos de Deus que Se faz próximo, detenhamo-nos a olhar o presépio, imaginemos o nascimento de Jesus: a luz e a paz, a pobreza extrema e a rejeição. Entremos no verdadeiro Natal com os pastores, levemos a Jesus aquilo que somos, as nossas marginalizações, as nossas feridas não curadas, os nossos pecados. Assim, em Jesus, saborearemos o verdadeiro espírito do Natal: a beleza de ser amado por Deus. Com Maria e José, paremos diante da manjedoura, diante de Jesus que nasce como pão para a minha vida. Contemplando o seu amor humilde e infinito, digamos-Lhe pura e simplesmente obrigado: Obrigado, porque fizestes tudo isto *por mim*.



A Santa Sé

SANTA MISSA DA DIVINA MISERICÓRDIA

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Igreja do Santo Espírito em Sassia

II Domingo de Páscoa, 11 de abril de 2021

[Multimídia]

Jesus ressuscitado aparece aos discípulos várias vezes; com paciência, conforta os seus corações desanimados. E assim, depois da sua ressurreição, realiza a «ressurreição dos discípulos»; e estes, sollevados por Jesus, mudam de vida. Antes, inúmeras palavras e tantos exemplos do Senhor não conseguiram transformá-los; mas agora, na Páscoa, algo de novo se verifica; e verifica-se sob o signo da misericórdia: Jesus levanta-os com a misericórdia. Sim, levanta-os com a misericórdia e eles, *obtendo misericórdia*, tornam-se *misericordiosos*. É muito difícil ser misericordioso, se não nos damos conta de ter obtido misericórdia.

1. Antes de tudo, *obtem misericórdia* mediante três dons: primeiro, Jesus oferece-lhes a *paz*, depois o *Espírito* e, por fim, *as chagas*. Em primeiro lugar, *dá-lhes a paz*. Os discípulos estavam angustiados. Fecharam-se em casa assustados, com medo de ser presos e acabar como o Mestre. Mas não estavam fechados só em casa; estavam fechados também nos seus remorsos: tinham abandonado e renegado Jesus; sentiam-se uns incapazes, inúteis, falhados. Chega Jesus e repete duas vezes: «*A paz esteja convosco!*» Não traz uma paz que, de fora, elimina os problemas, mas uma paz que infunde confiança dentro. Não uma paz exterior, mas a paz do coração. Diz: «*A paz esteja convosco! Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós*» (Jo 20, 21). É como se dissesse: «*Envio-vos, porque acredito em vós*». Aqueles discípulos desanimados recuperam a paz consigo mesmos. A paz de Jesus fá-los passar *do remorso à missão*. De facto, a paz de Jesus suscita a missão. Não é tranquilidade, nem comodidade; é sair de si mesmo. A paz de Jesus liberta dos fechamentos que paralisam, quebra as correntes que mantêm o coração prisioneiro. E os discípulos sentem-se cumulados de misericórdia: sentem que Deus não os condena, nem humilha, mas acredita neles. É verdade! Acredita em nós mais do que

2

nós acreditamos em nós mesmos. «Ama-nos mais do que nos amamos a nós mesmos» (cf. São J. H. Newman, *Meditações e Devoções*, III, 12,2). Para Deus, ninguém é falhado, ninguém é inútil, ninguém é excluído. E Jesus continua hoje a repetir: «A paz esteja contigo, que és precioso aos meus olhos. A paz esteja contigo, que és importante para Mim. A paz esteja contigo, que tens uma missão. Ninguém pode realizá-la em teu lugar. És insubstituível. E Eu acredito em ti».

Em segundo lugar, Jesus usa de misericórdia com os discípulos *oferecendo-lhes o Espírito Santo*. Dá-O para a remissão dos pecados (cf. *Jo* 20, 22-23). Os discípulos eram culpados; fugiram, abandonando o Mestre. E o pecado acabrunha, o mal tem o seu preço. Como diz o Salmo 51 (cf. v. 5), temos sempre diante de nós o nosso pecado. Sozinhos, não podemos cancelá-lo. Só Deus o elimina; só Ele, com a sua misericórdia, nos faz sair das nossas misérias mais profundas. Como aqueles discípulos, precisamos de nos deixar perdoar, precisamos de dizer do fundo do coração: «Perdão, Senhor». Precisamos de abrir o coração, para nos deixarmos perdoar. O perdão no Espírito Santo é o dom pascal para ressuscitar interiormente. Peçamos a graça de o acolher, de *abraçar o Sacramento do perdão*; e de compreender que, no centro da Confissão, não estamos nós com os nossos pecados, mas Deus com a sua misericórdia. Não nos confessamos para nos deprimir, mas para fazer-nos levantar. Todos precisamos imenso disso. Precisamos disso como precisam os pequeninos, sempre que caem, de ser levantados pelo pai. Também nós caímos com frequência; e a mão do Pai está pronta a pôr-nos de pé e fazer-nos caminhar. Esta mão segura e fiável é a Confissão. É o Sacramento que nos levanta, não nos deixando caídos a chorar sobre as lajes duras das nossas quedas. É o *Sacramento da ressurreição*, é pura misericórdia. E quem recebe as Confissões deve fazer sentir a doçura da misericórdia. Tal é o caminho a seguir por aqueles que ouvem as pessoas de Confissão: fazer-lhes sentir a doçura da misericórdia de Jesus, que perdoa tudo. Deus perdoa tudo.

Depois da paz que reabilita e do perdão que levanta, eis o terceiro dom com que Jesus usa de misericórdia com os discípulos: *apresenta-lhes as chagas*. Por aquelas chagas, fomos curados (cf. *1 Ped* 2, 24; *Is* 53, 5). Mas, como pode uma ferida curar-nos? Com a misericórdia. Naquelas chagas, como Tomé, tocamos com a mão a verdade de Deus que nos ama profundamente, fez suas as nossas feridas, carregou no seu corpo as nossas fragilidades. As chagas são canais abertos entre Ele e nós, que derramam misericórdia sobre as nossas misérias. As chagas são os caminhos que Deus nos patenteou para entrarmos na sua ternura e tocar com a mão quem é Ele. E deixamos de duvidar da sua misericórdia. Adorando, beijando as suas chagas, descobrimos que cada uma das nossas fraquezas é acolhida na sua ternura. Isto acontece em cada *Missa*, onde Jesus nos oferece o seu Corpo chagado e ressuscitado: tocamos-Lo e Ele toca as nossas vidas. E faz descer a nós o Céu. As suas chagas luminosas rasgam a escuridão que nós trazemos dentro. E nós, como Tomé, encontramos Deus, descobrimo-Lo íntimo e próximo, e, comovidos, dizemos-Lhe: «Meu Senhor e meu Deus!» (*Jo* 20, 28). E tudo nasce daqui, da graça de obter misericórdia. Daqui começa o caminho cristão. Se, pelo contrário, nos apoiamos nas nossas capacidades, na eficiência das nossas estruturas e dos nossos projetos, não iremos longe. Só se acolhermos o amor de Deus é que poderemos dar algo de novo ao mundo.

3

2. Assim fizeram os discípulos: tendo obtido misericórdia, tornaram-se *misericordiosos*. Vemo-lo na primeira leitura. Os Atos dos Apóstolos contam que «ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum» (4, 32). Não é comunismo, mas cristianismo no seu estado puro. E o facto é ainda mais surpreendente, se pensarmos que aqueles mesmos discípulos, pouco tempo antes, litigavam entre si sobre prémios e honras, sobre qual deles era o maior (cf. *Mc* 10, 37; *Lc* 22, 24). Agora partilham tudo, têm «um só coração e uma só alma» (*At* 4, 32). Como conseguiram mudar assim? Viram no outro a mesma misericórdia que transformou a sua vida. Descobriram que tinham em comum a missão, que tinham em comum o perdão e o Corpo de Jesus: a partilha dos bens terrenos aparecia-lhes como uma consequência natural. Depois o texto diz que, «entre eles, não havia ninguém necessitado» (4, 34). Os seus medos dissolveram-se ao tocar as chagas do Senhor, agora não têm medo de curar as chagas dos necessitados, porque ali veem Jesus, porque está Jesus ali, nas chagas dos necessitados.

Irmã, irmão, queres uma prova de que Deus tocou a tua vida? Verifica se te debruças sobre as chagas dos outros. Hoje é o dia de nos perguntarmos: «Eu, que tantas vezes recebi a paz de Deus, que tantas vezes recebi o seu perdão e a sua misericórdia, sou misericordioso com os outros? Eu, que tantas vezes me alimentei do Corpo de Jesus, faço alguma coisa para matar a fome a quem é pobre?» Não nos deixemos cair na indiferença. Não vivamos *uma fé a meias*, que recebe mas não dá, que acolhe o dom mas não se faz dom. Obtivemos misericórdia, tornemo-nos misericordiosos. Com efeito, se o amor acaba em nós mesmos, a fé evapora-se num intimismo estéril; sem os outros, torna-se desencarnada; sem as obras de misericórdia, morre (cf. *Tg* 2, 17). Irmãos, irmãs, deixemo-nos ressuscitar pela paz, o perdão e as chagas de Jesus misericordioso. E peçamos a graça de nos tornar *testemunhas de misericórdia*. Só assim será viva a fé; e a vida será unificada. Só assim anunciaremos o Evangelho de Deus, que é Evangelho de misericórdia.



A Santa Sé

**MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO
PARA O XLVIII DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS**

«Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro»

[Domingo, 1 de Junho de 2014]

Queridos irmãos e irmãs,

Hoje vivemos num mundo que está a tornar-se cada vez menor, parecendo, por isso mesmo, que deveria ser mais fácil fazer-se próximo uns dos outros. Os progressos dos transportes e das tecnologias de comunicação deixam-nos mais próximo, interligando-nos sempre mais, e a globalização faz-nos mais interdependentes. Todavia, dentro da humanidade, permanecem divisões, e às vezes muito acentuadas. A nível global, vemos a distância escandalosa que existe entre o luxo dos mais ricos e a miséria dos mais pobres. Frequentemente, basta passar pelas estradas duma cidade para ver o contraste entre os que vivem nos passeios e as luzes brilhantes das lojas. Estamos já tão habituados a tudo isso que nem nos impressiona. O mundo sofre de múltiplas formas de exclusão, marginalização e pobreza, como também de conflitos para os quais convergem causas económicas, políticas, ideológicas e até mesmo, infelizmente, religiosas.

Neste mundo, os *mass-media* podem ajudar a sentir-nos mais próximo uns dos outros; a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna. Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos. Os muros que nos dividem só podem ser superados, se estivermos prontos a ouvir e a aprender uns dos outros. Precisamos de harmonizar as diferenças por meio de formas de diálogo, que nos permitam crescer na compreensão e no respeito. A cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros. Os *mass-media* podem ajudar-nos nisso, especialmente nos nossos dias em que as redes da comunicação humana atingiram progressos sem precedentes. Particularmente a *internet* pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade

entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus.

No entanto, existem aspectos problemáticos: a velocidade da informação supera a nossa capacidade de reflexão e discernimento, e não permite uma expressão equilibrada e correcta de si mesmo. A variedade das opiniões expressas pode ser sentida como riqueza, mas é possível também fechar-se numa esfera de informações que correspondem apenas às nossas expectativas e às nossas ideias, ou mesmo a determinados interesses políticos e económicos. O ambiente de comunicação pode ajudar-nos a crescer ou, pelo contrário, desorientar-nos. O desejo de conexão digital pode acabar por nos isolar do nosso próximo, de quem está mais perto de nós. Sem esquecer que a pessoa que, pelas mais diversas razões, não tem acesso aos meios de comunicação social corre o risco de ser excluído.

Estes limites são reais, mas não justificam uma rejeição dos *mass-media*; antes, recordam-nos que, em última análise, a comunicação é uma conquista mais humana que tecnológica. Portanto haverá alguma coisa, no ambiente digital, que nos ajuda a crescer em humanidade e na compreensão recíproca? Devemos, por exemplo, recuperar um certo sentido de pausa e calma. Isto requer tempo e capacidade de fazer silêncio para escutar. Temos necessidade também de ser pacientes, se quisermos compreender aqueles que são diferentes de nós: uma pessoa expressa-se plenamente a si mesma, não quando é simplesmente tolerada, mas quando sabe que é verdadeiramente acolhida. Se estamos verdadeiramente desejosos de escutar os outros, então aprenderemos a ver o mundo com olhos diferentes e a apreciar a experiência humana tal como se manifesta nas várias culturas e tradições. Entretanto saberemos apreciar melhor também os grandes valores inspirados pelo Cristianismo, como, por exemplo, a visão do ser humano como pessoa, o matrimónio e a família, a distinção entre esfera religiosa e esfera política, os princípios de solidariedade e subsidiariedade, entre outros.

Então, como pode a comunicação estar ao serviço de uma autêntica cultura do encontro? E – para nós, discípulos do Senhor – que significa, segundo o Evangelho, encontrar uma pessoa? Como é possível, apesar de todas as nossas limitações e pecados, ser verdadeiramente próximo aos outros? Estas perguntas resumem-se naquela que, um dia, um escriba – isto é, um comunicador – pôs a Jesus: «E quem é o meu próximo?» (Lc 10, 29). Esta pergunta ajuda-nos a compreender a comunicação em termos de proximidade. Poderíamos traduzi-la assim: Como se manifesta a «proximidade» no uso dos meios de comunicação e no novo ambiente criado pelas tecnologias digitais? Encontro resposta na parábola do bom samaritano, que é também uma parábola do comunicador. Na realidade, quem comunica faz-se próximo. E o bom samaritano não só se faz próximo, mas cuida do homem que encontra quase morto ao lado da estrada. Jesus inverte a perspectiva: não se trata de reconhecer o outro como um meu semelhante, mas da minha capacidade para me fazer semelhante ao outro. Por isso, comunicar significa tomar consciência de que somos humanos, filhos de Deus. Apraz-me definir este poder da comunicação como «proximidade».

3

Quando a comunicação tem como fim predominante induzir ao consumo ou à manipulação das pessoas, encontramos-nos perante uma agressão violenta como a que sofreu o homem espancado pelos assaltantes e abandonado na estrada, como lemos na parábola. Naquele homem, o levita e o sacerdote não vêem um seu próximo, mas um estranho de quem era melhor manter a distância. Naquele tempo, eram condicionados pelas regras da pureza ritual. Hoje, corremos o risco de que alguns *mass-media* nos condicionem até ao ponto de fazer-nos ignorar o nosso próximo real.

Não basta circular pelas «estradas» digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos de amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação. O próprio mundo dos *mass-media* não pode alhear-se da solicitude pela humanidade, chamado como é a exprimir ternura. A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas. A neutralidade dos *mass-media* é só aparente: só pode constituir um ponto de referimento quem comunica colocando-se a si mesmo em jogo. O envolvimento pessoal é a própria raiz da fiabilidade dum comunicador. É por isso mesmo que o testemunho cristão pode, graças à rede, alcançar as periferias existenciais.

Tenho-o repetido já diversas vezes: entre uma Igreja acidentada que sai pela estrada e uma Igreja doente de auto-referencialidade, não hesito em preferir a primeira. E quando falo de estrada penso nas estradas do mundo onde as pessoas vivem: é lá que as podemos, efectiva e afectivamente, alcançar. Entre estas estradas estão também as digitais, congestionadas de humanidade, muitas vezes ferida: homens e mulheres que procuram uma salvação ou uma esperança. Também graças à rede, pode a mensagem cristã viajar «até aos confins do mundo» (Act 1, 8). Abrir as portas das igrejas significa também abri-las no ambiente digital, seja para que as pessoas entrem, independentemente da condição de vida em que se encontrem, seja para que o Evangelho possa cruzar o limiar do templo e sair ao encontro de todos. Somos chamados a testemunhar uma Igreja que seja casa de todos. Seremos nós capazes de comunicar o rosto duma Igreja assim? A comunicação concorre para dar forma à vocação missionária de toda a Igreja, e as redes sociais são, hoje, um dos lugares onde viver esta vocação de redescobrir a beleza da fé, a beleza do encontro com Cristo. Inclusive no contexto da comunicação, é precisa uma Igreja que consiga levar calor, inflamar o coração.

O testemunho cristão não se faz com o bombardeio de mensagens religiosas, mas com a vontade de se doar aos outros «através da disponibilidade para se deixar envolver, pacientemente e com respeito, nas suas questões e nas suas dúvidas, no caminho de busca da verdade e do sentido da existência humana (Bento XVI, *Mensagem para o XLVII Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 2013). Pensemos no episódio dos discípulos de Emaús. É preciso saber-se inserir no diálogo com os homens e mulheres de hoje, para compreender os seus anseios, dúvidas, esperanças, e oferecer-lhes o Evangelho, isto é, Jesus Cristo, Deus feito homem, que morreu e

4

ressuscitou para nos libertar do pecado e da morte. O desafio requer profundidade, atenção à vida, sensibilidade espiritual. Dialogar significa estar convencido de que o outro tem algo de bom para dizer, dar espaço ao seu ponto de vista, às suas propostas. Dialogar não significa renunciar às próprias ideias e tradições, mas à pretensão de que sejam únicas e absolutas.

Possa servir-nos de guia o ícone do bom samaritano, que liga as feridas do homem espancado, deitando nelas azeite e vinho. A nossa comunicação seja azeite perfumado pela dor e vinho bom pela alegria. A nossa luminosidade não derive de truques ou efeitos especiais, mas de nos fazermos próximo, com amor, com ternura, de quem encontramos ferido pelo caminho. Não tenhais medo de vos fazerdes cidadãos do ambiente digital. É importante a atenção e a presença da Igreja no mundo da comunicação, para dialogar com o homem de hoje e levá-lo ao encontro com Cristo: uma Igreja companheira de estrada sabe pôr-se a caminho com todos. Neste contexto, a revolução nos meios de comunicação e de informação são um grande e apaixonante desafio que requer energias frescas e uma imaginação nova para transmitir aos outros a beleza de Deus.

Vaticano, 24 de Janeiro – Memória de São Francisco de Sales – do ano 2014.

Franciscus



A Santa Sé

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA FRANCISCO PARA O XLIX DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS

**Comunicar a família:
ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor**

[17 de Maio de 2015]

O tema da família encontra-se no centro duma profunda reflexão eclesial e dum processo sinodal que prevê dois Sínodos, um extraordinário – acabado de celebrar – e outro ordinário, convocado para o próximo mês de Outubro. Neste contexto, considere oportuno que o tema do próximo Dia Mundial das Comunicações Sociais tivesse como ponto de referência a família. Aliás, *a família é o primeiro lugar onde aprendemos a comunicar*. Voltar a este momento originário pode-nos ajudar quer a tornar mais autêntica e humana a comunicação, quer a ver a família dum novo ponto de vista.

Podemos deixar-nos inspirar pelo ícone evangélico da visita de Maria a Isabel (*Lc 1, 39-56*). «Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Então, erguendo a voz, exclamou: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre”» (vv. 41-42).

Este episódio mostra-nos, antes de mais nada, a comunicação como *um diálogo que tece com a linguagem do corpo*. Com efeito, a primeira resposta à saudação de Maria é dada pelo menino, que salta de alegria no ventre de Isabel. Exultar pela alegria do encontro é, em certo sentido, o arquétipo e o símbolo de qualquer outra comunicação, que aprendemos ainda antes de chegar ao mundo. O ventre que nos abriga é a primeira «escola» de comunicação, feita de escuta e contacto corporal, onde começamos a familiarizar-nos com o mundo exterior num ambiente protegido e ao som tranquilizador do pulsar do coração da mãe. Este encontro entre dois seres simultaneamente tão íntimos e ainda tão alheios um ao outro, um encontro cheio de promessas, é a nossa primeira experiência de comunicação. E é uma experiência que nos irmana a todos, pois

cada um de nós nasceu de uma mãe.

Mesmo depois de termos chegado ao mundo, em certo sentido permanecemos num «ventre», que é a família. *Um ventre feito de pessoas diferentes, interrelacionando-se*: a família é «o espaço onde se aprende a conviver na diferença» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 66). Diferenças de gêneros e de gerações, que comunicam, antes de mais nada, acolhendo-se mutuamente, porque existe um vínculo entre elas. E quanto mais amplo for o leque destas relações, tanto mais diversas são as idades e mais rico é o nosso ambiente de vida. O *vínculo* está na base da *palavra*, e esta, por sua vez, revigora o vínculo. Nós não inventamos as palavras: podemos usá-las, porque as recebemos. É em família que se aprende a falar na «*língua materna*», ou seja, a língua dos nossos antepassados (cf. *2 Mac* 7, 21.27). Em família, apercebemo-nos de que outros nos precederam, nos colocaram em condições de poder existir e, por nossa vez, gerar vida e fazer algo de bom e belo. Podemos dar, porque recebemos; e este circuito virtuoso está no coração da capacidade da família de ser comunicada e de comunicar; e, mais em geral, é o paradigma de toda a comunicação.

A experiência do vínculo que nos «precede» faz com que a família seja também o contexto onde se transmite aquela *forma fundamental de comunicação* que é a *oração*. Muitas vezes, ao adormecerem os filhos recém-nascidos, a mãe e o pai entregam-nos a Deus, para que vele por eles; e, quando se tornam um pouco maiores, põem-se a recitar juntamente com eles orações simples, recordando carinhosamente outras pessoas: os avós, outros parentes, os doentes e atribulados, todos aqueles que mais precisam da ajuda de Deus. Assim a maioria de nós aprendeu, em família, a *dimensão religiosa da comunicação*, que, no cristianismo, é toda impregnada de amor, o amor de Deus que se dá a nós e que nós oferecemos aos outros.

Na família, é sobretudo a capacidade de se abraçar, apoiar, acompanhar, decifrar olhares e silêncios, rir e chorar juntos, entre pessoas que não se escolheram e todavia são tão importantes uma para a outra... é sobretudo esta capacidade que nos faz compreender o que é verdadeiramente a comunicação enquanto *descoberta e construção de proximidade*. Reduzir as distâncias, saindo mutuamente ao encontro e acolhendo-se, é motivo de gratidão e alegria: da saudação de Maria e do saltar de alegria do menino deriva a bênção de Isabel, seguindo-se-lhe o belíssimo cântico do *Magnificat*, no qual Maria louva o amoroso desígnio que Deus tem sobre Ela e o seu povo. De um «sim» pronunciado com fé, derivam consequências que se estendem muito para além de nós mesmos e se expandem no mundo. «Visitar» supõe abrir as portas, não encerrar-se no próprio apartamento, sair, ir ter com o outro. A própria família é viva, se respira abrindo-se para além de si mesma; e as famílias que assim procedem, podem comunicar a sua mensagem de vida e comunhão, podem dar conforto e esperança às famílias mais feridas, e fazer crescer a própria Igreja, que é uma família de famílias.

Mais do que em qualquer outro lugar, é na família que, vivendo juntos no dia-a-dia, se experimentam *as limitações* próprias e alheias, os pequenos e grandes problemas da

coexistência e do pôr-se de acordo. Não existe a família perfeita, mas não é preciso ter medo da imperfeição, da fragilidade, nem mesmo dos conflitos; preciso é aprender a enfrentá-los de forma construtiva. Por isso, a família onde as pessoas, apesar das próprias limitações e pecados, se amam, torna-se uma *escola de perdão*. O perdão é uma *dinâmica de comunicação*: uma comunicação que define e se quebra, mas, por meio do arrependimento expresso e acolhido, é possível reatá-la e fazê-la crescer. Uma criança que aprende, em família, a ouvir os outros, a falar de modo respeitoso, expressando o seu ponto de vista sem negar o dos outros, será um construtor de diálogo e reconciliação na sociedade.

Muito têm para nos ensinar, a propósito de limitações e comunicação, *as famílias com filhos marcados por uma ou mais deficiências*. A *deficiência* motora, sensorial ou intelectual sempre constitui uma tentação a fechar-se; mas pode tornar-se, graças ao amor dos pais, dos irmãos e de outras pessoas amigas, *um estímulo para se abrir, compartilhar, comunicar de modo inclusivo*; e pode ajudar a escola, a paróquia, as associações a tornarem-se mais acolhedoras para com todos, a não excluírem ninguém.

Além disso, num mundo onde frequentemente se amaldiçoa, insulta, semeia discórdia, polui com as murmurações o nosso ambiente humano, a família pode ser uma escola de *comunicação feita de bênção*. E isto, mesmo nos lugares onde parecem prevalecer como inevitáveis o ódio e a violência, quando as famílias estão separadas entre si por muros de pedras ou pelos muros mais impenetráveis do preconceito e do ressentimento, quando parece haver boas razões para dizer «agora basta»; na realidade, abençoar em vez de amaldiçoar, visitar em vez de repelir, acolher em vez de combater é a única forma de quebrar a espiral do mal, para testemunhar que o bem é sempre possível, para educar os filhos na fraternidade.

Os *meios mais modernos* de hoje, irrenunciáveis sobretudo para os mais jovens, *tanto podem dificultar como ajudar* a comunicação em família e entre as famílias. Podem-na *dificultar*, se se tornam uma forma de se subtrair à escuta, de se isolar apesar da presença física, de saturar todo o momento de silêncio e de espera, ignorando que «o silêncio é parte integrante da comunicação e, sem ele, não há palavras ricas de conteúdo» ([Bento XVI, Mensagem do XLVI Dia Mundial das Comunicações Sociais, 24/1/2012](#)); e podem-na *favorecer*, se ajudam a narrar e compartilhar, a permanecer em contacto com os de longe, a agradecer e pedir perdão, a tornar possível sem cessar o encontro. Descobrimo diariamente este centro vital que é o encontro, este «início vivo», saberemos orientar o nosso relacionamento com as tecnologias, em vez de nos deixarmos arrastar por elas. Também neste campo, os primeiros educadores são os pais. Mas não devem ser deixados sozinhos; a comunidade cristã é chamada a colocar-se ao seu lado, para que saibam ensinar os filhos a viver, no ambiente da comunicação, segundo os critérios da dignidade da pessoa humana e do bem comum.

Assim o desafio que hoje se nos apresenta, é *aprender de novo a narrar*, não nos limitando a produzir e consumir informação, embora esta seja a direcção para a qual nos impelem os

4

potentes e preciosos meios da comunicação contemporânea. A informação é importante, mas não é suficiente, porque muitas vezes simplifica, contrapõe as diferenças e as visões diversas, solicitando a tomar partido por uma ou pela outra, em vez de fornecer um olhar de conjunto.

No fim de contas, a própria família não é um objecto acerca do qual se comunicam opiniões nem um terreno onde se combatem batalhas ideológicas, mas *um ambiente onde se aprende a comunicar* na proximidade e um sujeito que comunica, uma «*comunidade comunicadora*». Uma comunidade que sabe acompanhar, festejar e frutificar. Neste sentido, é possível recuperar um olhar capaz de reconhecer que a família continua a ser um grande recurso, e não apenas um problema ou uma instituição em crise. Às vezes os meios de comunicação social tendem a apresentar a família como se fosse um modelo abstracto que se há-de aceitar ou rejeitar, defender ou atacar, em vez duma realidade concreta que se há-de viver; ou como se fosse uma ideologia de alguém contra outro, em vez de ser o lugar onde todos aprendemos o que significa comunicar no amor recebido e dado. Ao contrário, narrar significa compreender que as nossas vidas estão entrelaçadas numa trama unitária, que as vozes são múltiplas e cada uma é insubstituível.

A família mais bela, protagonista e não problema, é aquela que, partindo do *testemunho*, sabe *comunicar* a beleza e a riqueza do relacionamento entre o homem e a mulher, entre pais e filhos. Não lutemos para defender o passado, mas trabalhemos com paciência e confiança, em todos os ambientes onde diariamente nos encontramos, para construir o futuro.

Vaticano, 23 de Janeiro – Vigília da Festa de São Francisco de Sales – de 2015.

Francisco PP.



A Santa Sé

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA FRANCISCO PARA O 50º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS

«Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo»

[8 de Maio de 2016]

Queridos irmãos e irmãs!

O Ano Santo da Misericórdia convida-nos a reflectir sobre a relação entre a comunicação e a misericórdia. Com efeito a Igreja unida a Cristo, encarnação viva de Deus Misericordioso, é chamada a viver a misericórdia como traço característico de todo o seu ser e agir. Aquilo que dizemos e o modo como o dizemos, cada palavra e cada gesto deveria poder expressar a compaixão, a ternura e o perdão de Deus para todos. O amor, por sua natureza, é comunicação: leva a abrir-se, não se isolando. E, se o nosso coração e os nossos gestos forem animados pela caridade, pelo amor divino, a nossa comunicação será portadora da força de Deus.

Como filhos de Deus, somos chamados a comunicar com todos, sem exclusão. Particularmente próprio da linguagem e das acções da Igreja é transmitir misericórdia, para tocar o coração das pessoas e sustentá-las no caminho rumo à plenitude daquela vida que Jesus Cristo, enviado pelo Pai, veio trazer a todos. Trata-se de acolher em nós mesmos e irradiar ao nosso redor o calor materno da Igreja, para que Jesus seja conhecido e amado; aquele calor que dá substância às palavras da fé e acende, na pregação e no testemunho, a «centelha» que os vivifica.

A comunicação tem o poder de criar pontes, favorecer o encontro e a inclusão, enriquecendo assim a sociedade. Como é bom ver pessoas esforçando-se por escolher cuidadosamente palavras e gestos para superar as incompreensões, curar a memória ferida e construir paz e harmonia. As palavras podem construir pontes entre as pessoas, as famílias, os grupos sociais,

os povos. E isto acontece tanto no ambiente físico como no digital. Assim, palavras e acções hão-de ser tais que nos ajudem a sair dos círculos viciosos de condenações e vinganças que mantêm prisioneiros os indivíduos e as nações, expressando-se através de mensagens de ódio. Ao contrário, a palavra do cristão visa fazer crescer a comunhão e, mesmo quando deve com firmeza condenar o mal, procura não romper jamais o relacionamento e a comunicação.

Por isso, queria convidar todas as pessoas de boa vontade a redescobrirem o poder que a misericórdia tem de curar as relações dilaceradas e restaurar a paz e a harmonia entre as famílias e nas comunidades. Todos nós sabemos como velhas feridas e prolongados ressentimentos podem aprisionar as pessoas, impedindo-as de comunicar e reconciliar-se. E isto aplica-se também às relações entre os povos. Em todos estes casos, a misericórdia é capaz de implementar um novo modo de falar e dialogar, como se exprimiu muito eloquentemente Shakespeare: «A misericórdia não é uma obrigação. Desce do céu como o refrigério da chuva sobre a terra. É uma dupla bênção: abençoa quem a dá e quem a recebe» (*O mercador de Veneza*, Acto IV, Cena I).

É desejável que também a linguagem da política e da diplomacia se deixe inspirar pela misericórdia, que nunca dá nada por perdido. Faço apelo sobretudo àqueles que têm responsabilidades institucionais, políticas e de formação da opinião pública, para que estejam sempre vigilantes sobre o modo como se exprimem a respeito de quem pensa ou age de forma diferente e ainda de quem possa ter errado. É fácil ceder à tentação de explorar tais situações e, assim, alimentar as chamas da desconfiança, do medo, do ódio. Pelo contrário, é preciso coragem para orientar as pessoas em direcção a processos de reconciliação, mas é precisamente tal audácia positiva e criativa que oferece verdadeiras soluções para conflitos antigos e a oportunidade de realizar uma paz duradoura. «Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. (...) Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus» (*Mt 5, 7.9*).

Como gostaria que o nosso modo de comunicar e também o nosso serviço de pastores na Igreja nunca expressassem o orgulho soberbo do triunfo sobre um inimigo, nem humilhassem aqueles que a mentalidade do mundo considera perdedores e descartáveis! A misericórdia pode ajudar a mitigar as adversidades da vida e dar calor a quantos têm conhecido apenas a frieza do julgamento. Seja o estilo da nossa comunicação capaz de superar a lógica que separa nitidamente os pecadores dos justos. Podemos e devemos julgar situações de pecado – violência, corrupção, exploração, etc. –, mas não podemos julgar as pessoas, porque só Deus pode ler profundamente no coração delas. É nosso dever admoestar quem erra, denunciando a maldade e a injustiça de certos comportamentos, a fim de libertar as vítimas e levantar quem caiu. O Evangelho de João lembra-nos que «a verdade [nos] tornará livres» (*Jo 8, 32*). Em última análise, esta verdade é o próprio Cristo, cuja misericórdia repassada de mansidão constitui a medida do nosso modo de anunciar a verdade e condenar a injustiça. É nosso dever principal afirmar a verdade com amor (cf. *Ef 4, 15*). Só palavras pronunciadas com amor e acompanhadas por

3

mansidão e misericórdia tocam os nossos corações de pecadores. Palavras e gestos duros ou moralistas correm o risco de alienar ainda mais aqueles que queríamos levar à conversão e à liberdade, reforçando o seu sentido de negação e defesa.

Alguns pensam que uma visão da sociedade enraizada na misericórdia seja injustificadamente idealista ou excessivamente indulgente. Mas tentemos voltar com o pensamento às nossas primeiras experiências de relação no seio da família. Os pais amavam-nos e apreciavam-nos mais pelo que somos do que pelas nossas capacidades e os nossos sucessos. Naturalmente os pais querem o melhor para os seus filhos, mas o seu amor nunca esteve condicionado à obtenção dos objectivos. A casa paterna é o lugar onde sempre és bem-vindo (cf. *Lc 15, 11-32*). Gostaria de encorajar a todos a pensar a sociedade humana não como um espaço onde estranhos competem e procuram prevalecer, mas antes como uma casa ou uma família onde a porta está sempre aberta e se procura aceitar uns aos outros.

Para isso é fundamental escutar. Comunicar significa partilhar, e a partilha exige a escuta, o acolhimento. Escutar é muito mais do que ouvir. Ouvir diz respeito ao âmbito da informação; escutar, ao invés, refere-se ao âmbito da comunicação e requer a proximidade. A escuta permite-nos assumir a atitude justa, saindo da tranquila condição de espectadores, usuários, consumidores. Escutar significa também ser capaz de partilhar questões e dúvidas, caminhar lado a lado, libertar-se de qualquer presunção de onipotência e colocar, humildemente, as próprias capacidades e dons ao serviço do bem comum.

Escutar nunca é fácil. Às vezes é mais cómodo fingir-se de surdo. Escutar significa prestar atenção, ter desejo de compreender, dar valor, respeitar, guardar a palavra alheia. Na escuta, consuma-se uma espécie de martírio, um sacrifício de nós mesmos em que se renova o gesto sacro realizado por Moisés diante da sarça-ardente: descalçar as sandálias na «terra santa» do encontro com o outro que me fala (cf. *Ex 3, 5*). Saber escutar é uma graça imensa, é um dom que é preciso implorar e depois exercitar-se a praticá-lo.

Também *e-mails*, *sms*, redes sociais, *chat* podem ser formas de comunicação plenamente humanas. Não é a tecnologia que determina se a comunicação é autêntica ou não, mas o coração do homem e a sua capacidade de fazer bom uso dos meios ao seu dispor. As redes sociais são capazes de favorecer as relações e promover o bem da sociedade, mas podem também levar a uma maior polarização e divisão entre as pessoas e os grupos. O ambiente digital é uma praça, um lugar de encontro, onde é possível acariciar ou ferir, realizar uma discussão proveitosa ou um linchamento moral. Rezo para que o Ano Jubilar, vivido na misericórdia, «nos torne mais abertos ao diálogo, para melhor nos conhecermos e compreendermos; elimine todas as formas de fechamento e desprezo e expulse todas as formas de violência e discriminação» (*Misericordiae Vultus*, 23). Em rede, também se constrói uma verdadeira cidadania. O acesso às redes digitais implica uma responsabilidade pelo outro, que não vemos mas é real, tem a sua dignidade que deve ser respeitada. A rede pode ser bem utilizada para fazer crescer uma

sociedade sadia e aberta à partilha.

A comunicação, os seus lugares e os seus instrumentos permitiram um alargamento de horizontes para muitas pessoas. Isto é um dom de Deus, e também uma grande responsabilidade. Gosto de definir este poder da comunicação como «proximidade». O encontro entre a comunicação e a misericórdia é fecundo na medida em que gerar uma proximidade que cuida, conforta, cura, acompanha e faz festa. Num mundo dividido, fragmentado, polarizado, comunicar com misericórdia significa contribuir para a boa, livre e solidária proximidade entre os filhos de Deus e irmãos em humanidade.

Vaticano, 24 de Janeiro de 2016.

Franciscus



A Santa Sé

MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO PARA O 51º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

11 DE MAIO DE 2014 - IV DOMINGO DE PÁSCOA

Vocações, testemunho da verdade

Amados irmãos e irmãs!

1. Narra o Evangelho que «Jesus percorria as cidades e as aldeias (...). Contemplando a multidão, encheu-Se de compaixão por ela, pois estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor. Disse, então, aos seus discípulos: “A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, portanto, ao Senhor da messe para que envie trabalhadores para a sua messe”» (*Mt 9, 35-38*). Estas palavras causam-nos surpresa, porque todos sabemos que, primeiro, é preciso lavrar, semear e cultivar, para depois, no tempo devido, se poder ceifar uma messe grande. Jesus, ao invés, afirma que «a messe é grande». Quem trabalhou para que houvesse tal resultado? A resposta é uma só: Deus. Evidentemente, o campo de que fala Jesus é a humanidade, somos nós. E a acção eficaz, que é causa de «muito fruto», deve-se à graça de Deus, à comunhão com Ele (cf. *Jo 15, 5*). Assim a oração, que Jesus pede à Igreja, relaciona-se com o pedido de aumentar o número daqueles que estão ao serviço do seu Reino. São Paulo, que foi um destes «colaboradores de Deus», trabalhou incansavelmente pela causa do Evangelho e da Igreja. Com a consciência de quem experimentou, pessoalmente, como a vontade salvífica de Deus é imperscrutável e como a iniciativa da graça está na origem de toda a vocação, o Apóstolo recorda aos cristãos de Corinto: «Vós sois o seu [de Deus] terreno de cultivo» (*1 Cor 3, 9*). Por isso, do íntimo do nosso coração, brota, primeiro, a admiração por uma messe grande que só Deus pode conceder; depois, a gratidão por um amor que sempre nos precede; e, por fim, a adoração pela obra realizada por Ele, que requer a nossa livre adesão para agir com Ele e por Ele.

2. Muitas vezes rezámos estas palavras do Salmista: «O Senhor é Deus; foi Ele quem nos criou e nós pertencemos-Lhe, somos o seu povo e as ovelhas do seu rebanho» (*Sa/ 100/99, 3*); ou então:

2

«O Senhor escolheu para Si Jacob, e Israel, para seu domínio preferido» (*Sal* 135/134, 4). Nós somos «domínio» de Deus, não no sentido duma posse que torna escravos, mas dum vínculo forte que nos une a Deus e entre nós, segundo um pacto de aliança que permanece para sempre, «porque o seu amor é eterno!» (*Sal* 136/135, 1). Por exemplo, na narração da vocação do profeta Jeremias, Deus recorda que Ele vigia continuamente sobre a sua Palavra para que se cumpra em nós. A imagem adoptada é a do ramo da amendoeira, que é a primeira de todas as árvores a florescer, anunciando o renascimento da vida na Primavera (cf. *Jr* 1, 11-12). Tudo provém d'Ele e é dádiva sua: o mundo, a vida, a morte, o presente, o futuro, mas – tranquiliza-nos o Apóstolo - «vós sois de Cristo e Cristo é de Deus» (*1 Cor* 3, 23). Aqui temos explicada a modalidade de pertença a Deus: através da relação única e pessoal com Jesus, que o Baptismo nos conferiu desde o início do nosso renascimento para a vida nova. Por conseguinte, é Cristo que nos interpela continuamente com a sua Palavra, pedindo para termos confiança n'Ele, amando-O «com todo o coração, com todo o entendimento, com todas as forças» (*Mc* 12, 33). Embora na pluralidade das estradas, toda a vocação exige sempre um êxodo de si mesmo para centrar a própria existência em Cristo e no seu Evangelho. Quer na vida conjugal, quer nas formas de consagração religiosa, quer ainda na vida sacerdotal, é necessário superar os modos de pensar e de agir que não estão conformes com a vontade de Deus. É «um êxodo que nos leva por um caminho de adoração ao Senhor e de serviço a Ele nos irmãos e nas irmãs» (*Discurso à União Internacional das Superiores Gerais*, 8 de Maio de 2013). Por isso, todos somos chamados a adorar Cristo no íntimo dos nossos corações (cf. *1 Ped* 3, 15), para nos deixarmos alcançar pelo impulso da graça contido na semente da Palavra, que deve crescer em nós e transformar-se em serviço concreto ao próximo. Não devemos ter medo: Deus acompanha, com paixão e perícia, a obra saída das suas mãos, em cada estação da vida. Ele nunca nos abandona! Tem a peito a realização do seu projecto sobre nós, mas pretende consegui-lo contando com a nossa adesão e a nossa colaboração.

3. Também hoje Jesus vive e caminha nas nossas realidades da vida ordinária, para Se aproximar de todos, a começar pelos últimos, e nos curar das nossas enfermidades e doenças. Dirijo-me agora àqueles que estão dispostos justamente a pôr-se à escuta da voz de Cristo, que ressoa na Igreja, para compreenderem qual possa ser a sua vocação. Convido-vos a ouvir e seguir Jesus, a deixar-vos transformar interiormente pelas suas palavras que «são espírito e são vida» (*Jo* 6, 63). Maria, Mãe de Jesus e nossa, repete também a nós: «Fazei o que Ele vos disser!» (*Jo* 2, 5). Far-vos-á bem participar, confiadamente, num caminho comunitário que saiba despertar em vós e ao vosso redor as melhores energias. A vocação é um fruto que amadurece no terreno bem cultivado do amor uns aos outros que se faz serviço recíproco, no contexto duma vida eclesial autêntica. Nenhuma vocação nasce por si, nem vive para si. A vocação brota do coração de Deus e germina na terra boa do povo fiel, na experiência do amor fraterno. Porventura não disse Jesus que «por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (*Jo* 13, 35)?

4. Amados irmãos e irmãs, viver esta «medida alta da vida cristã ordinária» (João Paulo II, Carta

3

ap. *Novo millennio ineunte*, 31) significa, por vezes, ir contra a corrente e implica encontrar também obstáculos, fora e dentro de nós. O próprio Jesus nos adverte: muitas vezes a boa semente da Palavra de Deus é roubada pelo Maligno, bloqueada pelas tribulações, sufocada por preocupações e seduções mundanas (cf. *Mt* 13, 19-22). Todas estas dificuldades poder-nos-iam desanimar, fazendo-nos optar por caminhos aparentemente mais cómodos. Mas a verdadeira alegria dos chamados consiste em crer e experimentar que o Senhor é fiel e, com Ele, podemos caminhar, ser discípulos e testemunhas do amor de Deus, abrir o coração a grandes ideais, a coisas grandes. «Nós, cristãos, não somos escolhidos pelo Senhor para coisas pequenas; ide sempre mais além, rumo às coisas grandes. Jogai a vida por grandes ideais!» (*Homilia na Missa para os crismandos*, 28 de Abril de 2013). A vós, Bispos, sacerdotes, religiosos, comunidades e famílias cristãs, peço que orienteis a pastoral vocacional nesta direcção, acompanhando os jovens por percursos de santidade que, sendo pessoais, «exigem uma verdadeira e própria *pedagogia da santidade*, capaz de se adaptar ao ritmo dos indivíduos; deverá integrar as riquezas da proposta lançada a todos com as formas tradicionais de ajuda pessoal e de grupo e as formas mais recentes oferecidas pelas associações e movimentos reconhecidos pela Igreja» (João Paulo II, Carta ap. *Novo millennio ineunte*, 31).

Disponhamos, pois, o nosso coração para que seja «boa terra» a fim de ouvir, acolher e viver a Palavra e, assim, dar fruto. Quanto mais soubermos unir-nos a Jesus pela oração, a Sagrada Escritura, a Eucaristia, os Sacramentos celebrados e vividos na Igreja, pela fraternidade vivida, tanto mais há-de crescer em nós a alegria de colaborar com Deus no serviço do Reino de misericórdia e verdade, de justiça e paz. E a colheita será grande, proporcional à graça que tivermos sabido, com docilidade, acolher em nós. Com estes votos e pedindo-vos que rezeis por mim, de coração concedo a todos a minha Bênção Apostólica.

Vaticano, 15 de Janeiro de 2014

FRANCISCO



A Santa Sé

**MENSAGEM DE SUA SANTIDADE
O PAPA FRANCISCO
PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2018**

[21 de outubro de 2018]

«Juntamente com os jovens, levemos o Evangelho a todos»

Queridos jovens, juntamente convosco desejo refletir sobre a missão que Jesus nos confiou. Apesar de me dirigir a vós, pretendo incluir todos os cristãos, que vivem na Igreja a aventura da sua existência como filhos de Deus. O que me impele a falar a todos, dialogando convosco, é a certeza de que a fé cristã permanece sempre jovem, quando se abre à missão que Cristo nos confia. «A missão revigora a fé» (Carta enc. *Redemptoris missio*, 2): escrevia São João Paulo II, um Papa que tanto amava os jovens e, a eles, muito se dedicou.

O Sínodo que celebraremos em Roma no próximo mês de outubro, mês missionário, dá-nos oportunidade de entender melhor, à luz da fé, aquilo que o Senhor Jesus vos quer dizer a vós, jovens, e, através de vós, às comunidades cristãs.

A vida é uma missão

Todo o homem e mulher é uma missão, e esta é a razão pela qual se encontra a viver na terra. Ser *atraídos* e ser *enviados* são os dois movimentos que o nosso coração, sobretudo quando é jovem em idade, sente como forças interiores do amor que prometem futuro e impelem a nossa existência para a frente. Ninguém, como os jovens, sente quanto irrompe a vida e atrai. Viver com alegria a própria responsabilidade pelo mundo é um grande desafio. Conheço bem as luzes e as sombras de ser jovem e, se penso na minha juventude e na minha família, recordo a intensidade da esperança por um futuro melhor. O facto de nos encontrarmos neste mundo sem ser por

2

nossa decisão faz-nos intuir que há uma iniciativa que nos antecede e faz existir. Cada um de nós é chamado a refletir sobre esta realidade: «Eu *sou uma missão* nesta terra, e para isso estou neste mundo» (Papa Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 273).

Anunciamo-vos Jesus Cristo

A Igreja, ao anunciar aquilo que gratuitamente recebeu (cf. *Mt* 10, 8; *At* 3, 6), pode partilhar convosco, queridos jovens, o caminho e a verdade que conduzem ao sentido do viver nesta terra. Jesus Cristo, morto e ressuscitado por nós, oferece-Se à nossa liberdade e desafia-a a procurar, descobrir e anunciar este sentido verdadeiro e pleno. Queridos jovens, não tenhais medo de Cristo e da sua Igreja! Neles, está o tesouro que enche a vida de alegria. Digo-vos isto por experiência: graças à fé, encontrei o fundamento dos meus sonhos e a força para os realizar. Vi muitos sofrimentos, muita pobreza desfigurar o rosto de tantos irmãos e irmãs. E todavia, para quem está com Jesus, o mal é um desafio a amar cada vez mais. Muitos homens e mulheres, muitos jovens entregaram-se generosamente, às vezes até ao martírio, por amor do Evangelho ao serviço dos irmãos. A partir da cruz de Jesus, aprendemos a lógica divina da oferta de nós mesmos (cf. *1 Cor* 1, 17-25) como anúncio do Evangelho para a vida do mundo (cf. *Jo* 3, 16). Ser inflamados pelo amor de Cristo consome quem arde e faz crescer, ilumina e aquece a quem se ama (cf. *2 Cor* 5, 14). Na escola dos santos, que nos abrem para os vastos horizontes de Deus, convido-vos a perguntar a vós mesmos em cada circunstância: «Que faria Cristo no meu lugar?»

Transmitir a fé até aos últimos confins da terra

Pelo Batismo, também vós, jovens, sois membros vivos da Igreja e, juntos, temos a missão de levar o Evangelho a todos. Estais a desabrochar para a vida. Crescer na graça da fé, que nos foi transmitida pelos sacramentos da Igreja, integra-nos num fluxo de gerações de testemunhas, onde a sabedoria daqueles que têm experiência se torna testemunho e encorajamento para quem se abre ao futuro. E, por sua vez, a novidade dos jovens torna-se apoio e esperança para aqueles que estão próximo da meta do seu caminho. Na convivência das várias idades da vida, a missão da Igreja constrói pontes intergeracionais, nas quais a fé em Deus e o amor ao próximo constituem fatores de profunda união.

Por isso, esta transmissão da fé, coração da missão da Igreja, verifica-se através do «contágio» do amor, onde a alegria e o entusiasmo expressam o sentido reencontrado e a plenitude da vida. A propagação da fé por atração requer corações abertos, dilatados pelo amor. Ao amor, não se pode colocar limites: forte como a morte é o amor (cf. *Ct* 8, 6). E tal expansão gera o encontro, o testemunho, o anúncio; gera a partilha na caridade com todos aqueles que, longe da fé, se mostram indiferentes e, às vezes, impugnadores e contrários à mesma. Ambientes humanos, culturais e religiosos ainda alheios ao Evangelho de Jesus e à presença sacramental da Igreja constituem as periferias extremas, os «últimos confins da terra», aos quais, desde a Páscoa de Jesus, são enviados os seus discípulos missionários, na certeza de terem sempre com eles o seu

3

Senhor (cf. *Mt* 28, 20; *At* 1, 8). Nisto consiste o que designamos por *missio ad gentes*. A periferia mais desolada da humanidade carente de Cristo é a indiferença à fé ou mesmo o ódio contra a plenitude divina da vida. Toda a pobreza material e espiritual, toda a discriminação de irmãos e irmãs é sempre consequência da recusa de Deus e do seu amor.

Hoje para vós, queridos jovens, os últimos confins da terra são muito relativos e sempre facilmente «navegáveis». O mundo digital, as redes sociais, que nos envolvem e entrecruzam, diluem fronteiras, cancelam margens e distâncias, reduzem as diferenças. Tudo parece estar ao alcance da mão: tudo tão próximo e imediato... E todavia, sem o dom que inclua as nossas vidas, poderemos ter miríades de contactos, mas nunca estaremos imersos numa verdadeira comunhão de vida. A missão até aos últimos confins da terra requer o dom de nós próprios na vocação que nos foi dada por Aquele que nos colocou nesta terra (cf. *Lc* 9, 23-25). Atrevo-me a dizer que, para um jovem que quer seguir Cristo, o essencial é a busca e a adesão à sua vocação.

Testemunhar o amor

Agradeço a todas as realidades eclesiais que vos permitem encontrar, pessoalmente, Cristo vivo na sua Igreja: as paróquias, as associações, os movimentos, as comunidades religiosas, as mais variadas expressões de serviço missionário. Muitos jovens encontram, no voluntariado missionário, uma forma para servir os «mais pequenos» (cf. *Mt* 25, 40), promovendo a dignidade humana e testemunhando a alegria de amar e ser cristão. Estas experiências eclesiais fazem com que a formação de cada um não seja apenas preparação para o seu bom-êxito profissional, mas desenvolva e cuide um dom do Senhor para melhor servir aos outros. Estas louváveis formas de serviço missionário temporâneo são um começo fecundo e, no discernimento vocacional, podem ajudar-vos a decidir pelo dom total de vós mesmos como missionários.

De corações jovens, nasceram as Pontifícias Obras Missionárias, para apoiar o anúncio do Evangelho a todos os povos, contribuindo para o crescimento humano e cultural de muitas populações sedentas de Verdade. As orações e as ajudas materiais, que generosamente são dadas e distribuídas através das POMs, ajudam a Santa Sé a garantir que, quantos recebem ajuda para as suas necessidades, possam, por sua vez, ser capazes de dar testemunho no próprio ambiente. Ninguém é tão pobre que não possa dar o que tem e, ainda antes, o que é. Apraz-me repetir a exortação que dirigi aos jovens chilenos: «Nunca penses que não tens nada para dar, ou que não precisas de ninguém. Muita gente precisa de ti. Pensa nisso! Cada um de vós pense nisto no seu coração: muita gente precisa de mim» (*Encontro com os jovens, Santiago – Santuário de Maipú, 17/II/2018*).

Queridos jovens, o próximo mês missionário de outubro, em que terá lugar o Sínodo a vós dedicado, será mais uma oportunidade para vos tornardes discípulos missionários cada vez mais apaixonados por Jesus e pela sua missão até aos últimos confins da terra. A Maria, Rainha dos Apóstolos, ao Santos Francisco Xavier e Teresa do Menino Jesus, ao Beato Paulo Manna, peço

que intercedam por todos nós e sempre nos acompanhem.

Vaticano, 20 de maio – Solenidade de Pentecostes – de 2018.

FRANCISCO



A Santa Sé

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA A QUARESMA DE 2021

*«Vamos subir a Jerusalém...» (Mt 20, 18).
Quaresma: tempo para renovar fé, esperança e caridade.*

Queridos irmãos e irmãs!

Jesus, ao anunciar aos discípulos a sua paixão, morte e ressurreição como cumprimento da vontade do Pai, desvenda-lhes o sentido profundo da sua missão e convida-os a associarem-se à mesma pela salvação do mundo.

Ao percorrer o caminho quaresmal que nos conduz às celebrações pascais, recordamos Aquele que «Se rebaixou a Si mesmo, tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz» (Flp 2, 8). Neste tempo de conversão, renovamos a *nossa fé*, obtemos a «*água viva*» da *esperança* e recebemos com o coração aberto o *amor de Deus* que nos transforma em irmãos e irmãs em Cristo. Na noite de Páscoa, renovaremos as promessas do nosso Batismo, para renascer como mulheres e homens novos por obra e graça do Espírito Santo. Entretanto o itinerário da Quaresma, como aliás todo o caminho cristão, já está inteiramente sob a luz da Ressurreição que anima os sentimentos, atitudes e opções de quem deseja seguir a Cristo.

O *jejum*, a *oração* e a *esmola* – tal como são apresentados por Jesus na sua pregação (cf. Mt 6, 1-18) – são as condições para a nossa conversão e sua expressão. O caminho da pobreza e da privação (o *jejum*), a atenção e os gestos de amor pelo homem ferido (a *esmola*) e o diálogo filial com o Pai (a *oração*) permitem-nos encarnar uma fé sincera, uma esperança viva e uma caridade operosa.

1. A fé chama-nos a acolher a Verdade e a tornar-nos suas testemunhas diante de Deus e de

todos os nossos irmãos e irmãs

Neste tempo de Quaresma, *acolher e viver a Verdade manifestada em Cristo* significa, antes de mais, deixar-nos alcançar pela Palavra de Deus, que nos é transmitida de geração em geração pela Igreja. Esta Verdade não é uma construção do intelecto, reservada a poucas mentes seletas, superiores ou ilustres, mas é uma mensagem que recebemos e podemos compreender graças à inteligência do coração, aberto à grandeza de Deus, que nos ama ainda antes de nós próprios tomarmos consciência disso. Esta Verdade é o próprio Cristo, que, assumindo completamente a nossa humanidade, Se fez Caminho – exigente, mas aberto a todos – que conduz à plenitude da Vida.

O jejum, vivido como experiência de privação, leva as pessoas que o praticam com simplicidade de coração a redescobrir o dom de Deus e a compreender a nossa realidade de criaturas que, feitas à sua imagem e semelhança, n'Ele encontram plena realização. Ao fazer experiência duma pobreza assumida, quem jejua faz-se pobre com os pobres e «acumula» a riqueza do amor recebido e partilhado. O jejum, assim entendido e praticado, ajuda a amar a Deus e ao próximo, pois, como ensina São Tomás de Aquino, o amor é um movimento que centra a minha atenção no outro, considerando-o como um só comigo mesmo [cf. Enc. *Fratelli tutti* (= FT), 93].

A Quaresma é um tempo para acreditar, ou seja, para receber a Deus na nossa vida permitindo-Lhe «fazer morada» em nós (cf. *Jo* 14, 23). Jejuar significa libertar a nossa existência de tudo o que a atravanca, inclusive da saturação de informações – verdadeiras ou falsas – e produtos de consumo, a fim de abrimos as portas do nosso coração Àquele que vem a nós pobre de tudo, mas «cheio de graça e de verdade» (*Jo* 1, 14): o Filho de Deus Salvador.

2. A esperança como «água viva», que nos permite continuar o nosso caminho

A samaritana, a quem Jesus pedira de beber junto do poço, não entende quando Ele lhe diz que poderia oferecer-lhe uma «água viva» (cf. *Jo* 4, 10-12); e, naturalmente, a primeira coisa que lhe vem ao pensamento é a água material, ao passo que Jesus pensava no Espírito Santo, que Ele dará em abundância no Mistério Pascal e que infunde em nós a esperança que não desilude. Já quando preanuncia a sua paixão e morte, Jesus abre à esperança dizendo que «ressuscitará ao terceiro dia» (*Mt* 20, 19). Jesus fala-nos do futuro aberto de par em par pela misericórdia do Pai. Esperar com Ele e graças a Ele significa acreditar que, a última palavra na história, não a têm os nossos erros, as nossas violências e injustiças, nem o pecado que crucifica o Amor; significa obter do seu Coração aberto o perdão do Pai.

No contexto de preocupação em que vivemos atualmente onde tudo parece frágil e incerto, falar de esperança poderia parecer uma provocação. O tempo da Quaresma é feito para ter esperança, para voltar a dirigir o nosso olhar para a paciência de Deus, que continua a cuidar da sua Criação, não obstante nós a maltratarmos com frequência (cf. Enc. *Laudato si'*, 32-33.43-44).

É ter esperança naquela reconciliação a que nos exorta apaixonadamente São Paulo: «Reconciliai-vos com Deus» (2 Cor 5, 20). Recebendo o perdão no Sacramento que está no centro do nosso processo de conversão, tornamo-nos, por nossa vez, propagadores do perdão: tendo-o recebido nós próprios, podemos oferecê-lo através da capacidade de viver um diálogo solícito e adotando um comportamento que conforta quem está ferido. O perdão de Deus, através também das nossas palavras e gestos, possibilita viver uma Páscoa de fraternidade.

Na Quaresma, estejamos mais atentos a «dizer palavras de incentivo, que reconfortam, consolam, fortalecem, estimulam, em vez de palavras que humilham, angustiam, irritam, desprezam» (FT, 223). Às vezes, para dar esperança, basta ser «uma pessoa amável, que deixa de lado as suas preocupações e urgências para prestar atenção, oferecer um sorriso, dizer uma palavra de estímulo, possibilitar um espaço de escuta no meio de tanta indiferença» (FT, 224).

No recolhimento e oração silenciosa, a esperança é-nos dada como inspiração e luz interior, que ilumina desafios e opções da nossa missão; por isso mesmo, é fundamental recolher-se para rezar (cf. Mt 6, 6) e encontrar, no segredo, o Pai da ternura.

Viver uma Quaresma com esperança significa sentir que, em Jesus Cristo, somos testemunhas do tempo novo em que Deus renova todas as coisas (cf. Ap 21, 1-6), «sempre dispostos a dar a razão da [nossa] esperança a todo aquele que [no-la] peça» (1 Ped 3, 15): a razão é Cristo, que dá a sua vida na cruz e Deus ressuscita ao terceiro dia.

3. A caridade, vivida seguindo as pegadas de Cristo na atenção e compaixão por cada pessoa, é a mais alta expressão da nossa fé e da nossa esperança

A caridade alegra-se ao ver o outro crescer, e de igual modo sofre quando o encontra na angústia: sozinho, doente, sem abrigo, desprezado, necessitado... A caridade é o impulso do coração que nos faz sair de nós mesmos gerando o vínculo da partilha e da comunhão.

«A partir do “amor social”, é possível avançar para uma civilização do amor a que todos nos podemos sentir chamados. Com o seu dinamismo universal, a caridade pode construir um mundo novo, porque não é um sentimento estéril, mas o modo melhor de alcançar vias eficazes de desenvolvimento para todos» (FT, 183).

A caridade é dom, que dá sentido à nossa vida e graças ao qual consideramos quem se encontra na privação como membro da nossa própria família, um amigo, um irmão. O pouco, se partilhado com amor, nunca acaba, mas transforma-se em reserva de vida e felicidade. Aconteceu assim com a farinha e o azeite da viúva de Sarepta, que oferece ao profeta Elias o bocado de pão que tinha (cf. 1 Rs 17, 7-16), e com os pães que Jesus abençoa, parte e dá aos discípulos para que os distribuam à multidão (cf. Mc 6, 30-44). O mesmo sucede com a nossa esmola, seja ela pequena ou grande, oferecida com alegria e simplicidade.

Viver uma Quaresma de caridade significa cuidar de quem se encontra em condições de sofrimento, abandono ou angústia por causa da pandemia de Covid-19. Neste contexto de grande incerteza quanto ao futuro, lembrando-nos da palavra que Deus dera ao seu Servo – «não temas, porque Eu te resgatei» (Is 43, 1) –, ofereçamos, juntamente com a nossa obra de caridade, uma palavra de confiança e façamos sentir ao outro que Deus o ama como um filho.

«Só com um olhar cujo horizonte esteja transformado pela caridade, levando-nos a perceber a dignidade do outro, é que os pobres são reconhecidos e apreciados na sua dignidade imensa, respeitados no seu estilo próprio e cultura e, por conseguinte, verdadeiramente integrados na sociedade» (ET, 187).

Queridos irmãos e irmãs, cada etapa da vida é um tempo para crer, esperar e amar. Que este apelo a viver a Quaresma como percurso de conversão, oração e partilha dos nossos bens, nos ajude a repassar, na nossa memória comunitária e pessoal, a fé que vem de Cristo vivo, a esperança animada pelo sopro do Espírito e o amor cuja fonte inexaurível é o coração misericordioso do Pai.

Que Maria, Mãe do Salvador, fiel aos pés da cruz e no coração da Igreja, nos ampare com a sua solícita presença, e a bênção do Ressuscitado nos acompanhe no caminho rumo à luz pascal.

Roma, em São João de Latrão, na Memória de São Martinho de Tours, 11 de novembro de 2020.

Francisco



A Santa Sé

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DA ALIMENTAÇÃO 2013

*A Sua Excelência o Senhor José Graziano da Silva
Director-Geral da FAO*

O Dia Mundial da Alimentação põe-nos diante de um dos desafios mais sérios para a humanidade: o da trágica condição na qual ainda vivem milhões de famintos e subalimentados, entre os quais muitíssimas crianças. Ele assume uma gravidade ainda maior num tempo, como o nosso, caracterizado por um progresso sem precedentes nos vários campos da ciência e por uma crescente possibilidade de comunicação.

É um escândalo que ainda haja fome e subalimentação no mundo! Não se trata só de responder a emergências imediatas, mas de enfrentar juntos, a todos os níveis, um problema que interpela a nossa consciência pessoal e social, para chegar a uma solução justa e duradoura. Ninguém seja obrigado a deixar a própria terra e o seu ambiente cultural pela falta de meios essenciais de subsistência! Paradoxalmente, numa época em que a globalização permite conhecer as situações de necessidade no mundo e multiplicar os intercâmbios e as relações humanas, parece que cresce a tendência ao individualismo e ao fechamento em si mesmos, que leva a uma determinada atitude de indiferença — a nível pessoal, de Instituição e de Estados — em relação a quem morre de fome ou sofre de subalimentação, como se fosse um facto inelutável. Mas fome e subalimentação nunca podem ser considerados um facto normal ao qual nos habituamos, como se fizesse parte do sistema. Alguma coisa deve ser mudada em nós mesmos, na nossa mentalidade, nas nossas sociedades. O que podemos fazer? Penso que um passo importante seria abater com decisão as barreiras do individualismo, do fechamento em nós mesmos, da escravidão do lucro a qualquer preço e não só nas dinâmicas das relações humanas, mas também nas dinâmicas económico-financeiras globais. Penso que é necessário hoje, como nunca, que *nos eduquemos para a solidariedade*, que sejam redescobertos o valor e o significado desta palavra tão incómoda, e muitas vezes desprezada, e fazer com que ela se torne uma atitude fundamental nas escolhas a nível político, económico e financeiro, nas relações entre

2

pessoas, povos e nações. Só sendo solidários de maneira concreta, superando visões egoístas e interesses de parte, é que poderemos alcançar o objectivo de eliminar as formas de indigência causadas pela falta de alimentos. Solidariedade que não se reduz às diversas formas de assistência, mas que age para garantir que um número sempre maior de pessoas possam ser economicamente independentes. Muitos passos foram dados, em diversos países, mas ainda estamos longe de um mundo no qual todos possam viver dignamente.

O tema escolhido pela FAO para a celebração deste ano é «*Sistemas alimentares sustentáveis para a segurança alimentar e a nutrição*». Tenho a impressão de ler nele uma exortação a pensar e a renovar os nossos sistemas alimentares, numa perspectiva solidária, superando a lógica da exploração selvagem da criação e orientando melhor o nosso esforço para cultivar e conservar o meio ambiente e os seus recursos para garantir a segurança alimentar e caminhar rumo a uma nutrição suficiente e sadia para todos. Isto inclui uma séria questão sobre a necessidade de modificar concretamente os nossos estilos de vida, inclusive os alimentares, que em muitas áreas do planeta são marcados pelo consumismo, dissipação e desperdício de alimentos. Os dados fornecidos pela FAO a este propósito indicam que cerca de um terço da produção alimentar mundial está indisponível por causa das perdas e dos desperdícios cada vez mais amplos. Seria suficiente eliminá-los para reduzir de modo drástico o número de famintos. Os nossos pais educavam-nos para o valor do que recebemos e temos, considerando tudo como dom precioso de Deus.

Mas o desperdício de alimentos é um dos frutos daquela «cultura do descartável» que com frequência leva a sacrificar homens e mulheres aos ídolos do lucro e do consumo; um sinal triste daquela «globalização da indiferença», que faz com que lentamente nos habituemos ao sofrimento do outro, como se fosse normal. O desafio da fome e da subalimentação não tem só uma dimensão económica ou científica, que diz respeito aos aspectos quantitativos e qualitativos da cadeia alimentar, mas tem sobretudo uma dimensão ética e antropológica. Portanto, educar-nos para a solidariedade significa *educar-nos para a humanidade*: edificar uma sociedade que seja deveras humana quer dizer pôr sempre no centro a pessoa e a sua dignidade, e nunca a malbaratar na lógica do lucro. O ser humano e a sua dignidade são «pilares sobre os quais construir regras partilhadas e estruturas que, superando o pragmatismo e o aspecto técnico, sejam capazes de eliminar as divisões e preencher os vazios existentes» (cf. [*Discurso aos participantes da 38ª sessão da FAO*](#), 20 de Junho de 2013).

Já está próximo o Ano internacional que, por iniciativa da FAO, será dedicado à família rural. Este facto oferece-me a oportunidade de propor um terceiro elemento de reflexão: tem início na família a educação à solidariedade e a um estilo de vida que supere a «cultura do descartável» e ponha no centro realmente cada pessoa e a sua dignidade. Da família, que é a primeira comunidade educativa, aprendemos a cuidar do outro, o bem do outro, a amar a harmonia da criação e a gozar e partilhar os seus frutos, favorecendo um consumo racional, equilibrado e sustentável. *Sustentar e tutelar a família* a fim de que eduque para a solidariedade e para o respeito, é um

3

passo decisivo para caminhar rumo a uma sociedade mais equilibrada e humana.

A Igreja católica percorre convosco estes caminhos, ciente de que a caridade, o amor, é a alma da sua missão. Que a celebração hodierna não seja uma simples comemoração anual, mas uma ocasião verdadeira para nos estimularmos a nós mesmos e às instituições a agir segundo uma cultura do encontro e da solidariedade, para dar respostas adequadas ao problema da fome e da subalimentação e às outras problemáticas que se referem à dignidade de cada ser humano.

Senhor Director-Geral, ao formular os meus cordiais votos a fim de que a obra da FAO seja cada vez mais eficaz, invoco sobre Vossa Excelência e sobre quantos colaboram com esta missão fundamental a Bênção de Deus Todo-Poderoso.

Vaticano, 16 de Outubro de 2013.

FRANCISCO



A Santa Sé

MENSAGEM DO SANTO PADRE
FRANCISCO
PARA A CELEBRAÇÃO DO
50º DIA MUNDIAL DA PAZ

1º DE JANEIRO DE 2017

A não-violência: estilo de uma política para a paz

1. No início deste novo ano, formulo sinceros votos de paz aos povos e nações do mundo inteiro, aos chefes de Estado e de governo, bem como aos responsáveis das Comunidades Religiosas e das várias expressões da sociedade civil. Almejo paz a todo o homem, mulher, menino e menina, e rezo para que a imagem e semelhança de Deus em cada pessoa nos permitam reconhecer-nos mutuamente como dons sagrados com uma dignidade imensa. Sobretudo nas situações de conflito, respeitemos esta «dignidade mais profunda»^[1] e façamos da não-violência ativa o nosso estilo de vida.

Esta é a Mensagem para o 50º Dia Mundial da Paz. [Na primeira](#), o Beato Papa Paulo VI dirigiu-se a todos os povos – e não só aos católicos – com palavras inequívocas: «Finalmente resulta, de forma claríssima, que a paz é a única e verdadeira linha do progresso humano (não as tensões de nacionalismos ambiciosos, nem as conquistas violentas, nem as repressões geradoras duma falsa ordem civil)». Advertia contra o «perigo de crer que as controvérsias internacionais não se possam resolver pelas vias da razão, isto é, das negociações baseadas no direito, na justiça, na equidade, mas apenas pelas vias dissuasivas e devastadoras». Ao contrário, citando a [Pacem in terris](#) do seu antecessor São João XXIII, exaltava «o sentido e o amor da paz baseada na verdade, na justiça, na liberdade, no amor».^[2] É impressionante a atualidade destas palavras, não menos importantes e prementes hoje do que há cinquenta anos.

Nesta ocasião, desejo deter-me na *não-violência* como estilo duma política de paz, e peço a Deus que nos ajude, a todos nós, a inspirar na não-violência as profundezas dos nossos sentimentos e

2

valores pessoais. Sejam a caridade e a não-violência a guiar o modo como nos tratamos uns aos outros nas relações interpessoais, sociais e internacionais. Quando sabem resistir à tentação da vingança, as vítimas da violência podem ser os protagonistas mais credíveis de processos não-violentos de construção da paz. Desde o nível local e diário até ao nível da ordem mundial, possa a não-violência tornar-se o estilo característico das nossas decisões, dos nossos relacionamentos, das nossas ações, da política em todas as suas formas.

Um mundo dilacerado

2. Enquanto o século passado foi arrasado por duas guerras mundiais devastadoras, conheceu a ameaça da guerra nuclear e um grande número de outros conflitos, hoje, infelizmente, encontramos-nos a braços com uma terrível guerra mundial aos pedaços. Não é fácil saber se o mundo de hoje seja mais ou menos violento que o de ontem, nem se os meios modernos de comunicação e a mobilidade que caracteriza a nossa época nos tornem mais conscientes da violência ou mais rendidos a ela.

Seja como for, esta violência que se exerce «aos pedaços», de maneiras diferentes e a variados níveis, provoca enormes sofrimentos de que estamos bem cientes: guerras em diferentes países e continentes; terrorismo, criminalidade e ataques armados imprevisíveis; os abusos sofridos pelos migrantes e as vítimas de tráfico humano; a devastação ambiental. E para quê? Porventura a violência permite alcançar objetivos de valor duradouro? Tudo aquilo que obtém não é, antes, desencadear represálias e espirais de conflitos letais que beneficiam apenas a poucos «senhores da guerra»?

A violência não é o remédio para o nosso mundo dilacerado. Responder à violência com a violência leva, na melhor das hipóteses, a migrações forçadas e a atrozes sofrimentos, porque grandes quantidades de recursos são destinadas a fins militares e subtraídas às exigências do dia-a-dia dos jovens, das famílias em dificuldade, dos idosos, dos doentes, da grande maioria dos habitantes da terra. No pior dos casos, pode levar à morte física e espiritual de muitos, se não mesmo de todos.

A Boa Nova

3. O próprio Jesus viveu em tempos de violência. Ensinou que o verdadeiro campo de batalha, onde se defrontam a violência e a paz, é o coração humano: «Porque é do interior do coração dos homens que saem os maus pensamentos» (*Marcos 7, 21*). Mas, perante esta realidade, a resposta que oferece a mensagem de Cristo é radicalmente positiva: Ele pregou incansavelmente o amor incondicional de Deus, que acolhe e perdoa, e ensinou os seus discípulos a amar os inimigos (cf. *Mateus 5, 44*) e a oferecer a outra face (cf. *Mateus 5, 39*). Quando impediu, aqueles que acusavam a adúltera, de a lapidar (cf. *João 8, 1-11*) e na noite antes de morrer, quando disse a Pedro para repor a espada na bainha (cf. *Mateus 26, 52*), Jesus traçou o caminho da não-

3

violência que Ele percorreu até ao fim, até à cruz, tendo assim estabelecido a paz e destruído a hostilidade (cf. *Efésios* 2, 14-16). Por isso, quem acolhe a Boa Nova de Jesus, sabe reconhecer a violência que carrega dentro de si e deixa-se curar pela misericórdia de Deus, tornando-se assim, por sua vez, instrumento de reconciliação, como exortava São Francisco de Assis: «A paz que anunciais com os lábios, conservai-a ainda mais abundante nos vossos corações».[3]

Hoje, ser verdadeiro discípulo de Jesus significa aderir também à sua proposta de não-violência. Esta, como afirmou o meu predecessor Bento XVI, «é realista pois considera que no mundo existe *demasiada* violência, *demasiada* injustiça e, portanto, não se pode superar esta situação, exceto se lhe contrapuser *algo mais* de amor, *algo mais* de bondade. Este “*algo mais*” vem de Deus».[4] E acrescentava sem hesitação: «a não-violência para os cristãos não é um mero comportamento tático, mas um modo de ser da pessoa, uma atitude de quem *está tão convicto do amor de Deus e do seu poder* que não tem medo de enfrentar o mal somente com as armas do amor e da verdade. O amor ao inimigo constitui o núcleo da “revolução cristã”».[5] A página evangélica – *amai os vossos inimigos* (cf. *Lucas* 6, 27) – é, justamente, considerada «a magna carta da não-violência cristã»: esta não consiste «em render-se ao mal (...), mas em responder ao mal com o bem (cf. *Romanos* 12, 17-21), quebrando dessa forma a corrente da injustiça».[6]

Mais poderosa que a violência

4. Por vezes, entende-se a não-violência como rendição, negligência e passividade, mas, na realidade, não é isso. Quando a Madre Teresa recebeu o Prémio Nobel da Paz em 1979, declarou claramente qual era a sua ideia de não-violência ativa: «Na nossa família, não temos necessidade de bombas e de armas, não precisamos de destruir para edificar a paz, mas apenas de estar juntos, de nos amarmos uns aos outros (...). E poderemos superar todo o mal que há no mundo».[7] Com efeito, a força das armas é enganadora. «Enquanto os traficantes de armas fazem o seu trabalho, há pobres pacificadores que, só para ajudar uma pessoa, outra e outra, dão a vida»; para estes obreiros da paz, a Madre Teresa é «um símbolo, um ícone dos nossos tempos».[8] No passado mês de setembro, tive a grande alegria de a proclamar Santa. Elogiei a sua disponibilidade para com todos «através do acolhimento e da defesa da vida humana, a dos nascituros e a dos abandonados e descartados. (...) Inclinou-se sobre as pessoas indefesas, deixadas moribundas à beira da estrada, reconhecendo a dignidade que Deus lhes dera; fez ouvir a sua voz aos poderosos da terra, para que reconhecessem a sua culpa diante dos crimes – diante dos crimes! – da pobreza criada por eles mesmos».[9] Como resposta, a sua missão – e nisto representa milhares, antes, milhões de pessoas – é ir ao encontro das vítimas com generosidade e dedicação, tocando e vendando cada corpo ferido, curando cada vida dilacerada.

A não-violência, praticada com decisão e coerência, produziu resultados impressionantes. Os sucessos alcançados por Mahatma Gandhi e Khan Abdul Ghaffar Khan, na libertação da Índia, e por Martin Luther King Jr contra a discriminação racial nunca serão esquecidos. As mulheres, em particular, são muitas vezes líderes de não-violência, como, por exemplo, Leymah Gbowee e

4

milhares de mulheres liberianas, que organizaram encontros de oração e protesto não-violento (*pray-ins*), obtendo negociações de alto nível para a conclusão da segunda guerra civil na Libéria.

E não podemos esquecer também aquela década epocal que terminou com a queda dos regimes comunistas na Europa. As comunidades cristãs deram a sua contribuição através da oração insistente e a ação corajosa. Especial influência exerceu São João Paulo II, com o seu ministério e magistério. Refletindo sobre os acontecimentos de 1989, na Encíclica *Centesimus annus* (1991), o meu predecessor fazia ressaltar como uma mudança epocal na vida dos povos, nações e Estados se realizara «através de uma luta pacífica que lançou mão apenas das armas da verdade e da justiça».[10] Este percurso de transição política para a paz foi possível, em parte, «pelo empenho não-violento de homens que sempre se recusaram a ceder ao poder da força e, ao mesmo tempo, souberam encontrar aqui e ali formas eficazes para dar testemunho da verdade». E concluía: «Que os seres humanos aprendam a lutar pela justiça sem violência, renunciando tanto à luta de classes nas controvérsias internas, como à guerra nas internacionais».[11]

A Igreja comprometeu-se na implementação de estratégias não-violentas para promover a paz em muitos países solicitando, inclusive aos intervenientes mais violentos, esforços para construir uma paz justa e duradoura.

Este compromisso a favor das vítimas da injustiça e da violência não é um património exclusivo da Igreja Católica, mas pertence a muitas tradições religiosas, para quem «a compaixão e a não-violência são essenciais e indicam o caminho da vida».[12] Reitero-o aqui sem hesitação: «nenhuma religião é terrorista».[13] A violência é uma profanação do nome de Deus.[14] Nunca nos cansemos de repetir: «jamais o nome de Deus pode justificar a violência. Só a paz é santa. Só a paz é santa, não a guerra».[15]

A raiz doméstica duma política não-violenta

5. Se a origem donde brota a violência é o coração humano, então é fundamental começar por percorrer a senda da não-violência dentro da família. É uma componente daquela alegria do amor que apresentei na Exortação Apostólica *Amoris laetitia*, em março passado, concluindo dois anos de reflexão por parte da Igreja sobre o matrimónio e a família. Esta constitui o cadinho indispensável no qual cônjuges, pais e filhos, irmãos e irmãs aprendem a comunicar e a cuidar uns dos outros desinteressadamente e onde os atritos, ou mesmo os conflitos, devem ser superados, não pela força, mas com o diálogo, o respeito, a busca do bem do outro, a misericórdia e o perdão.[16] A partir da família, a alegria do amor propaga-se pelo mundo, irradiando para toda a sociedade.[17] Aliás, uma ética de fraternidade e coexistência pacífica entre as pessoas e entre os povos não se pode basear na lógica do medo, da violência e do fechamento, mas na responsabilidade, no respeito e no diálogo sincero. Neste sentido, lanço um apelo a favor do desarmamento, bem como da proibição e abolição das armas nucleares: a

5

dissuasão nuclear e a ameaça duma segura destruição recíproca não podem fundamentar este tipo de ética.^[18] Com igual urgência, suplico que cessem a violência doméstica e os abusos sobre mulheres e crianças.

O Jubileu da Misericórdia, que terminou em novembro passado, foi um convite a olhar para as profundezas do nosso coração e a deixar entrar nele a misericórdia de Deus. O ano jubilar fez-nos tomar consciência de como são numerosos e variados os indivíduos e os grupos sociais que são tratados com indiferença, que são vítimas de injustiça e sofrem violência. Fazem parte da nossa «família», são nossos irmãos e irmãs. Por isso, as políticas de não-violência devem começar dentro das paredes de casa para, depois, se difundir por toda a família humana. «O exemplo de Santa Teresa de Lisieux convida-nos a pôr em prática o pequeno caminho do amor, a não perder a oportunidade duma palavra gentil, dum sorriso, de qualquer pequeno gesto que semeie paz e amizade. Uma ecologia integral é feita também de simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo».^[19]

O meu convite

6. A construção da paz por meio da não-violência ativa é um elemento necessário e coerente com os esforços contínuos da Igreja para limitar o uso da força através das normas morais, mediante a sua participação nos trabalhos das instituições internacionais e graças à competente contribuição de muitos cristãos para a elaboração da legislação a todos os níveis. O próprio Jesus nos oferece um «manual» desta estratégia de construção da paz no chamado Sermão da Montanha. As oito Bem-aventuranças (cf. *Mateus* 5, 3-10) traçam o perfil da pessoa que podemos definir feliz, boa e autêntica. Felizes os mansos – diz Jesus –, os misericordiosos, os pacificadores, os puros de coração, os que têm fome e sede de justiça.

Este é um programa e um desafio também para os líderes políticos e religiosos, para os responsáveis das instituições internacionais e os dirigentes das empresas e dos meios de comunicação social de todo o mundo: aplicar as Bem-aventuranças na forma como exercem as suas responsabilidades. É um desafio a construir a sociedade, a comunidade ou a empresa de que são responsáveis com o estilo dos obreiros da paz; a dar provas de misericórdia, recusando-se a descartar as pessoas, danificar o meio ambiente e querer vencer a todo o custo. Isto requer a disponibilidade para «suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo».^[20] Agir desta forma significa escolher a solidariedade como estilo para fazer a história e construir a amizade social. A não-violência ativa é uma forma de mostrar que a unidade é, verdadeiramente, mais forte e fecunda do que o conflito. No mundo, tudo está intimamente ligado.^[21] Claro, é possível que as diferenças gerem atritos: enfrentemo-los de forma construtiva e não-violenta, de modo que «as tensões e os opostos [possam] alcançar uma unidade multifacetada que gera nova vida», conservando «as preciosas potencialidades das polaridades em contraste».^[22]

6

Asseguro que a Igreja Católica acompanhará toda a tentativa de construir a paz inclusive através da não-violência ativa e criativa. No dia 1 de janeiro de 2017, nasce o novo Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, que ajudará a Igreja a promover, de modo cada vez mais eficaz, «os bens incomensuráveis da justiça, da paz e da salvaguarda da criação» e da solicitude pelos migrantes, «os necessitados, os doentes e os excluídos, os marginalizados e as vítimas dos conflitos armados e das catástrofes naturais, os reclusos, os desempregados e as vítimas de toda e qualquer forma de escravidão e de tortura».[23] Toda a ação nesta linha, ainda que modesta, contribui para construir um mundo livre da violência, o primeiro passo para a justiça e a paz.

Em conclusão

7. Como é tradição, assino esta Mensagem no dia 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria. Nossa Senhora é a Rainha da Paz. No nascimento do seu Filho, os anjos glorificavam a Deus e almejavam paz na terra aos homens e mulheres de boa vontade (cf. *Lucas 2, 14*). Peçamos à Virgem Maria que nos sirva de guia.

«Todos desejamos a paz; muitas pessoas a constroem todos os dias com pequenos gestos; muitos sofrem e suportam pacientemente a dificuldade de tantas tentativas para a construir».[24] No ano de 2017, comprometamo-nos, através da oração e da ação, a tornar-nos pessoas que baniram dos seus corações, palavras e gestos a violência, e a construir comunidades não-violentas, que cuidem da casa comum. «Nada é impossível, se nos dirigimos a Deus na oração. Todos podem ser artesãos de paz».[25]

Vaticano, 8 de dezembro de 2016.

Francisco

[1] Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 228.

[2] *Mensagem* para a celebração do 1º Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 1968.

[3] «Legenda dos três companheiros»: *Fontes Franciscanas*, n. 1469.

[4] *Angelus*, 18 de fevereiro de 2007.

[5] *Ibidem*.

[6] *Ibidem*.

[7] *Discurso por ocasião da entrega do Prémio Nobel*, 11 de dezembro de 1979.

[8] Francisco, *Meditação* «O caminho da paz», Capela da *Domus Sanctae Marthae*, 19 de novembro de 2015.

[9] *Homilia* na canonização da Beata Madre Teresa de Calcutá, 4 de setembro de 2016.

[10] N. 23

[11] *Ibidem*.

[12] Francisco, *Discurso* na Audiência inter-religiosa, 3 de novembro de 2016.

[13] Idem, *Discurso* no III Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 5 de novembro de 2016.

[14] Cf. Idem, *Discurso* no Encontro com o Xeque dos Muçulmanos do Cáucaso e com Representantes das outras Comunidades Religiosas, Baku, 2 de outubro de 2016.

[15] Idem, *Discurso* em Assis, 20 de setembro de 2016.

[16] Cf. Exort. ap. pós-sinodal *Amoris laetitia*, 90-130.

[17] Cf. *ibid.*, 133.194.234.

[18] Cf. Francisco, *Mensagem* à Conferência sobre o impacto humanitário das armas nucleares, 7 de dezembro de 2014.

[19] Idem, Carta enc. *Laudato si'*, 230.

[20] Idem, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 227.

[21] Cf. Idem, Carta enc. *Laudato si'*, 16.117.138.

[22] Idem, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 228.

[23] Idem, *Carta apostólica sob a forma de "Motu proprio" pela qual se institui o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral*, 17 de agosto de 2016.

[24] Francisco, *Regina Caeli*, Belém, 25 de maio de 2014.

[25] *Apelo, Assis*, 20 de setembro de 2016.